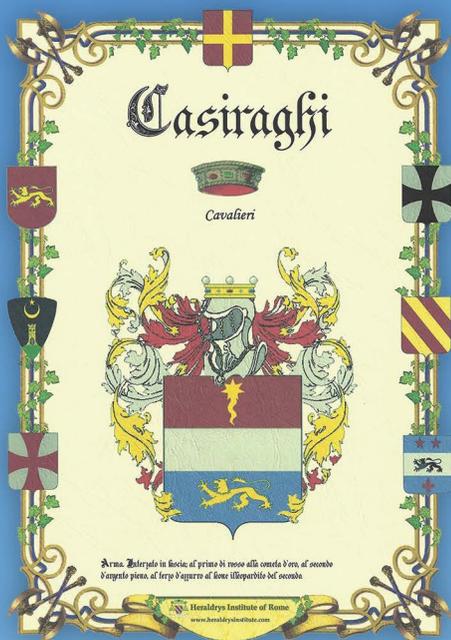




Madalena Alvarez

A saga da família  
**CASIRAGHI**



Neste livro descrevo a trajetória da família Casiraghi e sua vinda da Itália ao Brasil.

Meu trisavô Alessandro Casiraghi, meu bisavô Angelo Casiraghi e sua família, chegaram a Porto Alegre em 30 de maio de 1876, depois de 90 dias navegando em um veleiro.

Foi através dos registros de memórias da família, pesquisas bibliográficas, museus, visitas a locais históricos, que elaborei este livro.

Eu sempre escutei dos meus pais e tios as histórias dos antepassados, e decidi me aprofundar.

Não sou escritora, só quero deixar para as futuras gerações as experiências de lutas, de superação e de esperança para um futuro melhor.

**Madalena Alvarez**





**MADALENA ALVAREZ**

**A SAGA DA FAMÍLIA  
CASIRAGHI**

Z Multi Editora  
Estância Velha/RS  
2024

## **A saga da família Casiraghi**

Autora:

M<sup>a</sup> Madalena de Souza Alvarez

Coordenação editorial:

Sandra Hess

Revisão ortográfica:

Flávio Adolfo Tietze

Capa, projeto gráfico e diagramação:

Cleber Zanovello Dariva

Impressão:

Maxi Gráfica

### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

A473s

Alvarez, Maria Madalena de Souza

A saga da família Casiraghi [recurso eletrônico] / Maria Madalena de Souza Alvarez; prefácio: Tatiana Souza Alvarez. – Estância Velha: Z Multi Editora, 2024.

224 p.: il. (18Mb ; PDF)

ISBN 978-65-5243-008-3

Descendentes de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza

1. Genealogia. 2. Família Casiraghi. 3. Imigração. 4. Cruz Machado (PR). I. Título. II. Alvarez, Tatiana Souza.

CDU 929.52

Bibliotecária responsável: Maria do Carmo Mitchell Neis – CRB 10/1309

Faça contato com a autora:

[madalena.alvarez@gmail.com](mailto:madalena.alvarez@gmail.com)

## Agradecimentos

Agradeço à Tia Cecília, irmã da minha querida mãezinha, que pacientemente me narrou muitas histórias, levantou documentos, depoimentos da família, e me ajudou a formar a árvore genealógica da família Casiraghi. Sem ela, isto seria impossível, ou quase improvável a concretização deste livro.

Nesta pesquisa conheci uma pessoa muito generosa, o primo Ernesto Casiraghi, que em seu blog oferecia ajuda para quem quisesse obter a cidadania italiana, o que nos facilitou a pesquisa da documentação da família.

À prima Vânia Casiraghi, que me estimulou com a sua linda história da família em Itapejara D'Oeste, no Paraná.

Aos meus irmãos e sobrinhos, que colaboraram entusiasticamente com os seus ricos depoimentos.

Às minhas filhas Tatiana e Viviane, pelo apoio e carinho. Gostaria de compartilhar que tive uma ajuda muito especial da minha filha Tatiana, na organização geral: fotos, atualizações de dados, pesquisas, leis, correção ortográfica e finalização do material.

E em especial ao meu marido Nelson, pela paciência, compreensão e apoio a este projeto.



*“Em nossa memória recordamos as populações originárias dessas terras e suas lutas. Recordar é uma marca, que relembra com amor nossas raízes e nossa cultura.”*

**Frei Fábio Vasconcelos**

# Sumário

<b>Prefácio</b> .....	<b>10</b>
<b>Apresentação</b> .....	<b>12</b>
<b>Introdução da saga da família Casiraghi</b> .....	<b>14</b>
<b>PARTE I - PROCESSO HISTÓRICO</b> .....	<b>16</b>
1. A motivação da importação de mão de obra estrangeira .....	17
2. A imigração austríaca .....	21
2.1 Áustria: sua história sociopolítica .....	21
2.2 A razão da imigração de austríacos no Brasil .....	23
3. A imigração italiana .....	28
3.1 Situação política e econômica da Itália .....	28
3.2 A razão da imigração italiana no Brasil .....	30
4. A viagem transatlântica .....	32
5. Primórdios da colonização do Rio Grande do Sul .....	35
5.1 Divisão geopolítica do Norte da Itália e as correntes emigratórias .....	36
5.2 A organização da colonização italiana no Rio Grande do Sul .....	38
5.3 O núcleo de Caxias do Sul: povoados de italianos .....	42
5.4 Configurações da região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul .....	47
5.5 Religiosidade e Educação .....	49
<b>PARTE II - HISTÓRICO DA FAMÍLIA CASIRAGHI</b> .....	<b>53</b>
1. Família Casiraghi e sua história no Brasil .....	54
1.1 Brasão da família Casiraghi .....	55
Histórico da cidade de Montevécchia .....	58
2. A Terceira Légua - Morro Cristal .....	60
2.1 A vida na colônia da 3ª Légua .....	62
2.2 Educação e Costumes na Colônia .....	63
3. História da nona Adolphina e do nono Alexandre Casiraghi .....	72
4. O começo de uma nova vida em Cruz Machado .....	74
1.1 Memórias e retratos de Cruz Machado .....	80
1.2 História do chimarrão .....	88

**PARTE III – DEPOIMENTOS** ----- 92

1. Filhos de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza	95
1.1 M <sup>a</sup> Madalena de Souza Alvarez	95
1.2 Rosa Helena de Souza Almeida	132
1.3 Paulo Roberto de Souza	136
1.4 José Francisco de Souza	144
1.5 Vera Lucia de Souza Zorek Vidal	154
2. Netos de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza	158
Tatiana Souza Alvarez	158
Viviane Souza Alvarez Frei	162
Renata Velloso de Almeida	165
Sabrina Velloso de Almeida	167
Marjorie Paes Souza	168
Tamiris Paes Souza	175
Filipe dos Santos Souza	177
Ellen Cristina dos Santos Souza	178
Jessika Souza Lopes	181
Rebeca Zorek	183
Bárbara Zorek	186
Israel Zorek	187
3. Árvore Geneológica	189
Considerações finais	194

**ANEXOS** ----- 196

ANEXO I: Hospedaria dos imigrantes	197
ANEXO II: Colônias de Conde D’Eu e Dona Isabel	204
ANEXO III: Cruz Machado e seu herói Antiocho Pereira	207
ANEXO IV: Operário padrão	210
ANEXO V: Jânio Quadros	212
ANEXO VI: Unidade Escolar	214

**REFERÊNCIAS** ----- 215

## Prefácio

O projeto deste livro começou em meados de 2009, com uma conversa da minha mãe, Madalena, com minha prima Marjorie, que está morando no Canadá, sobre a ascendência da família Casiraghi.

Minha mãe, como sempre se interessou pela história da família, começou a pesquisar sobre a chegada dos nossos ascendentes no Brasil. Foram anos de pesquisas em livros, sites, visitas a museus de imigração em São Paulo, viagens a Cruz Machado e União da Vitória, no Paraná, para rever familiares e ouvir suas histórias. Ela visitou locais citados pela sua mãe, Mathilde Casiraghi, e pela avó, Adolphina Berger.

Durante suas pesquisas na internet, reencontrou familiares e conheceu novos parentes, como o primo Ernesto Casiraghi, que ajudou na busca por informações da família.

Entre 2010 e 2024 houve diversas viagens, sempre em companhia do meu pai, Nelson, seu fiel escudeiro. E outras viagens com seus irmãos, Rosa, José Francisco e Paulo, e a sobrinha Sabrina.

Minha mãe, por ser a filha mais velha, é o elo da família entre São Paulo e Cruz Machado. Está sempre em contato com eles por carta, telefone e, hoje em dia, WhatsApp, lembrando aniversários, acompanhando quando há alguma grande mudança climática na região do Paraná, como invernos severos, chuvas intensas e estiagem. Sempre coletando ajuda para enviar aos familiares.

Acho que este livro é a concretização de um sonho da minha mãe e uma celebração nos céus da minha vó Mathilde, ao ver sua história perpetuar. As palavras-chave desta obra são: Memória e Compromisso com a comunidade cruz-machadense.

Durante uma visita dos meus pais a Cruz Machado em 2024, meu tio Paulo disse algumas palavras que descrevem muito bem esse momento histórico. É uma travessia no tempo, esse resgate aos lugares que nossos antecedentes passaram, as visitas aos familiares, conectando um passado culturalmente rico que remete a “uma história de dificuldades dos primeiros colonos, há um significado especial que nos faz sentir orgulhosos de serem brasileiros, da resistência, da luta diária ao futuro desconhecido. A valorização do passado nos ensina que nem todos os sonhos ao longo do tempo são realizados, no entanto, esta geração dos nossos pais e avós, que fizeram história, e podermos vivenciar essa experiência única, através da narrativa da Madalena, é magnífico.”

Nesse processo de auxiliar minha mãe na revisão deste livro, ao ler todos os depoimentos dos familiares, foi possível perceber como as lembranças criadas na infância foram vitais para o desenvolvimento de todos os membros dessa família. E quando pensamos em família, qual seu significado?

Durante uma revisão bibliográfica em diversos dicionários Aurélio, Houaiss e Michaelis, a palavra “família” tem por definição: um conjunto de pessoas, em geral ligadas por laços de parentesco; um núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que mantêm entre si uma relação solidária. Na Bíblia, a família é retratada como um espaço sagrado, no qual os valores são transformados de geração em geração, demonstrado como um pilar da sociedade.

**Tatiana Souza Alvarez**

## **Apresentação**

A vida de nossos avós, bisavós, trisavós, mesmo distante e diferente, de alguma forma está sempre presente em nossas vidas. Não podemos mudar o que aconteceu há mais de um século, mas podemos conhecer nosso passado através de pesquisa de campo e revisão bibliográfica, visita a museus, diálogos com familiares, leitura de livros, pesquisas na internet.

A minha intenção não é contar tudo como realmente aconteceu, mas descobrir como foram construídas as nossas raízes, num tempo diferente, numa aventura fascinante. A história de nossos avós maternos Adolphina e Alexandre me empolga e me emociona.

Essa pesquisa começou com um e-mail da minha sobrinha Marjorie em fevereiro de 2011, com a seguinte pergunta: “Tia, existe a possibilidade de nós obtermos a cidadania italiana?” Comecei então a pesquisa nesta mesma noite, entrando no site do Consulado Italiano, descobrindo que sim, poderíamos conseguir a cidadania, e foi assim que nasceu a pesquisa das nossas raízes.

Desconstruo a história dos meus pais Mathilde e João, a partir da história dos imigrantes italianos - meus bisavós Angelo Casiraghi e Luigia Sirtori, ambos originários de Cernusco Asinário (ora Cernusco Sul Naviglio), região de Milão, e que foram encaminhados para Caxias do Sul. Tiveram onze filhos: Maria, Josephina, José, João, Ambrosio, Carolina, Alexandre, Antônio, Domingos, Dozolina e Mathilde. Meu avô Alexandre Casiraghi casou-se com Adolphina Berger, também imigrante procedente de Viena, na Áustria. Esse foi o ponto de partida deste livro.

A pesquisa desse processo histórico é uma chave preciosa e insubstituível para se acompanhar e entender o resultado do que é o Brasil hoje, com vaivéns, avanços e recuos; ele se desenrola através de um século de alternativas e eventualidades. O leitor não se ocupará apenas de dados históricos, mas estará colhendo dados para interpretar e compreender o meio que o cerca na atualidade. Este livro é composto por três partes:

**1ª parte:** Apresentação da situação econômica, política e social do Brasil antes da imigração, procurando salientar os principais fatores que concorreram para a necessidade de atrair imigrantes. Em seguida, a situação sociopolítica mundial na época no deslocamento populacional dos europeus para o Brasil. Não foi um fenômeno espontâneo e sim consequência de uma série de acontecimentos.

**2ª parte:** O período da colonização da cidade de Cruz Machado, localizada no Paraná, com a constituição da *família Casiraghi* e, posteriormente, da *família Souza*.

**3ª parte:** Os depoimentos dos filhos e netos do casal *Mathilde Casiraghi* e *João Antunes de Souza* e a árvore genealógica da família Casiraghi.

Acredito na reconstrução de um novo tempo, lembrando convivências, muitas realizadas na dinâmica das histórias individuais e coletivas. O renascer de emoções passadas e a reafirmação de identidades construídas na dinâmica do viver, é de uma importância imensurável para as futuras gerações.

*Ao final do livro há algumas fotos, inclusive do Memorial aos Pioneiros da Terceira Légua, com os nomes dos primeiros colonos, incluso o do meu bisavô Angelo Casiraghi e a família da bisavó Luigia Sirtori.*

**Mª Madalena de Souza Alvarez**

## Introdução da saga<sup>1</sup> da família Casiraghi

*“Pensar que o homem nasce sem história dentro de si próprio é absolutamente anormal, porque o homem não nasceu da noite para o dia. Ele nasceu num contexto histórico específico, com qualidades históricas específicas e, portanto, só é completo quando mantém relações com esses condicionamentos específicos. Se um indivíduo cresce sem ligação com o passado, é como se tivesse nascido sem olhos, sem ouvidos e, assim mesmo, quisesse perceber com exatidão o mundo exterior. É como se estivesse mutilado.”* (Carl Gustav Jung)

Quando começo a escrever, tento me imaginar como personagem desta história, destes sonhos e destas lutas. Há muitos anos, eu sentia uma imensa vontade de saber a origem de minha família. Precisei de uma solicitação da minha sobrinha Marjorie para me impulsionar e então iniciar uma busca de dados que me possibilitasse escrever sobre a origem da família.

Aqui, os leitores encontrarão um pouco da história da Itália e da Áustria, a origem da família, o motivo da emigração, consulta à árvore genealógica, além de ver fotos e saber como foi formada, no Brasil, a Família Casiraghi.

Não sou genealogista<sup>2</sup> e, devido à falta de conhecimento profissional nesta área, a busca de dados que interessassem a todos certamente despendeu muito mais tempo e persistência. Entretanto, a cada nova descoberta renovava-se em mim o prazer em continuar a pesquisar. Neste trabalho envolvi familiares, arquivos públicos, cartórios, paróquias, livros, internet e museus.

Penso que é direito de todos ter a sua história e poder transmitir às futuras gerações a memória dos que nos precederam. Pessoa alguma é

---

<sup>1</sup>SAGA: palavra de origem norueguesa; seu significado é viagem intrépida de muitos acontecimentos.

<sup>2</sup>Profissional que estuda a origem das famílias.

uma célula isolada. Somos todos elos de uma cadeia que vem de longe. Conhecê-la não é apenas uma curiosidade; é um caminho para não nos sentirmos perdidos na massa, isolados, desenraizados; é um resgate da continuidade de uma família no tempo; é transmissão de sangue, do gene, do DNA e perpetuação do nome. Irei também salientar a influência que exerceu a situação mundial na época no deslocamento populacional em massa de europeus para o Brasil.

Nem tudo que é dito aqui são palavras minhas. Na verdade, é a soma de todos os detalhes importantes observados em todas as fontes que pesquisei, somados à experiência que venho conquistando diariamente, com este trabalho.

Não existe uma sequência lógica, depois que a morte interrompe uma provável costura de informações, a não ser pelos documentos e registros orais.

Conta-se que aos 17 anos de idade Adolphina Berger chegou ao Brasil com os pais e um irmão, Adolpho, procedentes de Viena, Áustria.<sup>3</sup> Sua mãe Anna Berger logo adoece e falece. Seu pai Adolpho Berger casa-se novamente. Adolphina então começa a trabalhar como doméstica, quando conhece o seu futuro marido Alexandre Casiraghi.

A família Casiraghi<sup>4</sup> teve origem com Angelo Casiraghi<sup>5</sup> e Luigia Sirtori, ambos imigrantes italianos, originários de Cernusco Asinário (ora Cernusco Sul Naviglio), região de Milão, e foram encaminhados para Caxias do Sul<sup>6</sup>.

Angelo veio na imigração junto com seus pais, Alessandro Casiraghi e Giuseppa Guzzi, radicando-se na 3ª Léguas como agricultor. Tiveram onze filhos: Maria, Josephina, José, João, Ambrosio, Carolina, Alexandre, Antônio, Domingos, Dozolina e Mathilde.

---

<sup>3</sup>Adolphina Berger nasceu em 10/07/1895 em Viena, Áustria, e faleceu em 10/08/1969, em Cruz Machado.

<sup>4</sup>Ernesto Casiraghi, filho de Ambrósio Casiraghi. Disponível em: [familiacasiraghi.spaceblog.com.br](http://familiacasiraghi.spaceblog.com.br). Acesso em: 4 de fevereiro de 2011.

<sup>5</sup>Certidão de casamento matrícula 098921 01 55 2003 1 00060 131 0021931 20 - 03/02/2003 - Caxias do Sul, RS.

<sup>6</sup>Registro de colonos do núcleo colonial de Nova Palmira 1876-1879; registro no.1 - Labirinto - Porto Alegre, 1989, p. 24.

An aerial, grayscale photograph of a coastal town. In the upper left, a large, white, modern-looking structure with a prominent staircase or ramp descends from a hillside. Below it, the town is built on a slope, featuring several buildings, including a large, multi-story white building with a balcony. The background shows a wide expanse of water and distant hills under a hazy sky.

*PARTE I*  
**PROCESSO  
HISTÓRICO**

## 1. A motivação da importação de mão de obra estrangeira

Em 7 de novembro de 1831, foi aprovada a **Lei Feijó**, que proibia a importação de escravos no Brasil – prevendo, porém, algumas exceções. Quase duas décadas depois, em 4 de setembro de 1850, foi aprovada a **Lei Eusébio de Queirós**, que determinava a proibição do tráfico de africanos escravizados para o Brasil. Foi uma resposta às pressões realizadas pela Inglaterra para que o Brasil acabasse com essa prática; portanto, uma medida favorável à abolição da escravatura. As grandes culturas do país necessitavam de mão de obra, e enquanto o movimento abolicionista tomava proporções, as culturas cafeeira e canavieira ressentiam-se da falta de funcionários. (FROSI, 2005; BRASIL, 1850)

Por outro lado, projetos governamentais de expansão da agricultura (a economia de base agrícola, aliada à mineração, formavam o binômio da riqueza nacional) motivaram a ocupação de grandes porções de terras incultas e devolutas. A escassez da mão de obra devida ao movimento abolicionista ganhava força. (HEFLINGLER, 2010)

Em 28 de setembro de 1871, foi aprovada a **Lei do Ventre Livre**, que determinava que os filhos de escravas nascidos após a promulgação da lei seriam considerados livres. Mas a liberdade dessas crianças só se tornaria realidade a partir de 1892, e após alcançarem a maioridade. A abolição da escravatura já estava sendo esperada e só não ocorreu antes de 1888, devido às pressões dos cafeicultores e senhores de engenho. Como os indivíduos africanos davam sustentabilidade à agricultura, os fazendeiros previam um futuro permeado de dificuldades. A solução, sem dúvida, seria a importação de mão de obra. (BRASIL, 1871)

Na década de 1870 teve início o movimento migratório da Itália para o Brasil. Os primeiros italianos aportaram em São Paulo e constituíram o elemento humano substituto nas lavouras. Em 1875, a imigração italiana começou a chegar ao Rio Grande do Sul, nas áreas de colonização. (FROSI, 2005)

O Governo Imperial também procurou programar ações que permitissem um maior controle e uma uniformização na direção da importação de estrangeiros. Uma dessas iniciativas foi a **Organização da Inspeção Geral de Terras e Colonização**, pelo Decreto Nº 6.129, de 23 de fevereiro de 1876. Esse decreto fixava as bases para fiscalização e gerenciamento de todos os serviços de imigração e colonização. Esse órgão examinava as embarcações, cuidava da saúde, vestimenta, sustento, entrega de bagagens e distribuição dos imigrantes nas colônias. (HEFLINGLER, 2010; BRASIL, 1876)

Na tentativa de solucionar a falta de mão de obra para trabalhar na lavoura brasileira, um grupo de pessoas fundou, em 1883, a “Sociedade Central de Imigração”. Seu objetivo era a constituição de núcleos de pequenos proprietários, a exemplo do que ocorrera no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. Essa iniciativa, que obteve bons resultados, foi fruto de um projeto do jornalista e político Carlos Von Koseritz, deputado provincial do Rio Grande do Sul, nascido na Alemanha e naturalizado brasileiro; de Hermann Blumenau, fundador de uma das colônias de Santa Catarina; e de Hugo Gruber, editor do “*Allgemeine Deutsche Zeitung*”, do Rio de Janeiro. Essa entidade mereceu o apoio do Imperador, do Visconde de Taunay e de André Rebouças. Em 1885, o Ministro da Itália enviou um ofício à direção da citada sociedade, exaltando seus propósitos, permitindo que seus escritos e boletins circulassem por todo o país. Artigos publicados por jornais italianos revelavam grande interesse nas ações da Sociedade Central de Imigração. Essa curiosidade foi compartilhada pela Loja Maçônica de Gênova, denominada “Liga Nacional de Proteção a Imigrantes”, a qual

solicitou informações sobre a gestão da entidade no que se referia à colocação de italianos em núcleos colônias. (FROSI, 2005)

Além da iniciativa dos governos provincial e imperial, encontramos dados sobre sociedades particulares que tinham a mesma finalidade. Em 1885, o italiano Luiz Bianchi Betoli, oriundo da Lombardia, residente no Brasil desde 1872, onde trabalhou como engenheiro na construção de diversas vias férreas, estabeleceu uma agência de imigração em São Paulo. Ele se colocou à disposição da presidência da província para introduzir agricultores de Vêneto, Lombardia, Piemonte e Lugúria nas colônias paulistas. Ele escreveu artigos em diversos jornais italianos e contactou a Casa Garraux, uma espécie de agência das companhias de navegação, instalada em São Paulo, que se encarregaria do transporte. (FROSI, 2005)

Nos portos de Gênova e Nápoles, o movimento era intenso. Os italianos também deixavam a Europa por Palermo, Marselha, Bordeaux, Havre, Hamburgo, Bremen, Antuérpia e outros. As saídas pela Inglaterra, durante um período, nem eram registradas, facilitando os embarques de pessoas que não tinham bons antecedentes. (FROSI, 2005)

O jornal “A Imigração”, do Rio de Janeiro, informou que, em janeiro de 1885, um diretor da Sociedade Central de Imigração sugeriu um projeto para regulamentação do transporte marítimo de imigrantes. Entre outras medidas, as embarcações não deveriam aceitar passageiros da terceira classe, emigrantes inválidos ou maiores de sessenta anos, salvo se fizessem parte de uma família que tivesse homens aptos ao trabalho. Os navios não poderiam exceder a quantia indicada de passageiros. Tinham que possuir dependências especiais para tratamento de enfermos, assim como médicos e enfermeiros para esses cuidados. O projeto também exigia alimentação apropriada para crianças que não pudessem ingerir a comida de bordo, além de roupa de cama e afins que fossem expostos ao ar livre e ao sol, para que os aposentos pudessem ser desinfetados a cada dois dias, entre outras

reivindicações. Entretanto, as leis não eram respeitadas; por essa razão, ocorreram muitos problemas durante as travessias, que culminaram em desconforto e mortes, principalmente pelo excedente de indivíduos a bordo. Como muitas regiões da Itália eram insalubres, por abrigar passageiros enfermos, alguns navios tiveram que cumprir quarentena. Houve registros de epidemias, principalmente cólera. Material complementar no **ANEXO I**. (FROSI, 2005)

Antes de prosseguir a história, é importante ressaltar o próprio sentido dado à imigração europeia, em que a colonização do Rio Grande do Sul se constituiria num caso à parte. Enquanto a política de imigração do Brasil visava principalmente solucionar o problema da mão de obra com que se defrontavam os grandes senhores da lavoura cafeeira, classe que detinha o poder político e econômico do país, no Rio Grande do Sul, por sua própria situação na economia nacional, por sua posição geográfica e pelo sistema de produção que adotava, o sentido da imigração foi assumindo aspectos diferentes. (LANDO, 1981)

A colonização no Rio Grande do Sul teve como uma das principais finalidades tornar efetiva a ocupação do solo, além de objetivos políticos e militares que se traduziam em proteger pontos estratégicos da Província contra possíveis ataques espanhóis; assim como recrutar elementos para a formação de um exército capaz de enfrentar as tropas inimigas nos constantes litígios que se estabeleciam nas fronteiras com as Províncias do Prata.<sup>7</sup> Esses objetivos político-militares são confirmados através do relato que Schaeffer fez, em suas cartas ao Ministro do Império, de reservar, entre os imigrantes solteiros, alguns que viriam formar um exército permanente para enfrentar qualquer ataque que sofresse a Província. (FROSI, 2005; DACANAL, 1982)

---

<sup>7</sup>A Guerra do Prata (1851-1852) foi uma disputa ocorrida no século XIX entre o Império Brasileiro, a Confederação da Argentina e a República do Uruguai pelo predomínio na região do Rio do Prata. Esta disputa fez parte de uma série de confrontos por terras e poder que se sucederam desde o período colonial. O episódio consolidou a influência do Império Brasileiro na América do Sul e contribuiu para a permanência da monarquia no país e a soberania brasileira, pois o Estado do Rio Grande do Sul corria o risco de independência, conflito que era resultado da independência do Uruguai.

## 2. A imigração austríaca

### 2.1 Áustria: sua história sociopolítica

A origem da Áustria remete ao tempo do Império Romano, quando um reino celta foi conquistado pelos romanos em 15 a.C., aproximadamente, e mais tarde tornou-se *Noricum*, uma província romana, em meados do século 1 d.C., em uma área que abrangia a maior parte da Áustria atual. Em 788 d.C., o rei franco Carlos Magno conquistou a área e introduziu o cristianismo. Sob a dinastia nativa dos Habsburgo, a Áustria tornou-se uma das grandes potências da Europa. Em 1867, o Império Austríaco foi incorporado pela Áustria-Hungria. O Império Austro-Húngaro desmoronou em 1918 com o fim da Primeira Guerra Mundial. Depois de estabelecer a Primeira República Austríaca, em 1919, a Áustria foi, de fato, anexada à Grande Alemanha pelo regime nazista no chamado *Anschluss*, em 1938. Isto durou até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, depois que a Áustria foi ocupada pelos Aliados. Em 1955, o Tratado do Estado Austríaco restabeleceu a Áustria como um Estado soberano e o fim da ocupação. No mesmo ano, o Parlamento austríaco criou a Declaração de Neutralidade, que afirmou que o país se tornaria neutro. **(Figura 1)**

No século XXI, a Áustria, oficialmente República da Áustria, é um país localizado na Europa Central. Faz fronteira com a Alemanha e com a República Checa no norte, Eslováquia e Hungria a leste, Eslovênia e Itália a sul, e Suíça e Liechtenstein a oeste. O território da Áustria abrange 83.872 quilômetros quadrados e é influenciado por um clima temperado e alpino. O terreno da Áustria é muito montanhoso, devido à presença dos Alpes; apenas 32% do país é inferior a 500 metros de altura e seu ponto mais alto está a 3.797 metros. O idioma oficial do país é o alemão, mas em algumas regiões há outros idiomas, como croata, húngaro e esloveno. (WIKIPEDIA, 2024)



Figura 1: Mapa etnolinguístico da Áustria-Hungria em 1911  
Fonte: WIKIPEDIA, 2024.

A Áustria é uma democracia representativa parlamentar composta por nove estados federais. Sua maior cidade é a capital, Viena. Dados de 2011, fornecidos pelo Consulado da Áustria, informam que este país tem um Produto Interno Bruto (PIB) nominal *per capita* de 406,15 bilhões de euros, sendo considerado um dos países mais ricos no mundo. Conforme dados de 2022, a população austríaca é de 8.979.894 habitantes, com densidade média de populacional de 108 habitantes por cada quilômetro quadrado. (CONSULADO GERAL DA ÁUSTRIA, 2023)

A Áustria é membro das Nações Unidas desde 1955, aderiu à União Europeia em 1995, também assinou o Acordo de Schengen em 1995, e adotou a moeda europeia, o euro, em 1999. (WIKIPEDIA, 2024)

## **2.2 A razão da imigração de austríacos no Brasil**

Na Áustria, no fim do século XIX, as indústrias metalúrgicas, principalmente de armas, entraram em uma grande crise. Uma fábrica de armamento em Steyer, na Áustria, com 10.000 empregados, em seu período áureo, demitiu, em 1892, 7.000 de seus funcionários, por falta de encomendas. Os reflexos desta paralisação, com índices nunca vistos de desempregados, num país de estreito espaço vital, fizeram com que muitos chefes de família, preocupados com o futuro de seus dependentes, resolvessem tentar a sorte no além-mar, em terras da América.

Nessa época, logo após a abolição definitiva da escravatura, havia no Brasil acentuada escassez de mão de obra rural. O governo brasileiro, inclusive, mantinha agentes aliciadores na Europa, para recrutar pessoal interessado em trabalhar na cafeicultura.

Atraídos pelas promessas de prosperidade e riqueza num país cuja primeira imperatriz fora Dona Maria Leopoldina, filha do Imperador Francisco II da Áustria, muitos daqueles operários resolveram emigrar para o Brasil. Entretanto, após colherem informações sobre as condições de vida e trabalho, somente concordaram em deixar o seu país depois que o diplomata brasileiro residente em Viena lhes assegurasse que seriam assentados no Rio Grande do Sul. Essa região possui clima temperado, semelhante à Europa, e os imigrantes obteriam a concessão de propriedades rurais e não seriam convocados para trabalhar em plantações alheias, esse era o combinado entre os países.

No dia 15 de dezembro de 1892, 93 famílias, com cerca de 300 indivíduos, vieram para o Brasil. Embarcaram num trem que os levou até a fronteira austro-italiana, em Pontafel-Fontebba, e depois em outro transporte, com destino ao Porto de Gênova. No trajeto, na pequena cidade de Udine, mais 100 emigrantes reuniram-se a eles, também recrutados por agentes e procedentes de Stíria, igualmente dispostos a deixar o velho continente.

As despesas de viagem até Gênova, na Itália, foram cobertas pelos emigrantes. Neste porto embarcaram no vapor italiano “ARNO”, como hóspedes do governo brasileiro, que assumiu todas as despesas até o fim da viagem. Antes de embarcar nos navios que os afastariam para sempre de sua pátria, tiveram o conforto de constatar que, no momento da separação, não foram esquecidos por sua terra natal. Foi-lhes entregue um pormenorizado ofício da Prefeitura de Linz (Áustria), com novas recomendações para recusar trabalhos nas plantações de café. Despediram-se assim do “Velho Mundo” e de tudo o que lhes era familiar, com a segurança de que sua pátria os assistiria na longínqua terra que buscavam.

Viajar não era nada cômodo, naquela época; os navios eram pequenos e nada confortáveis. Porém, para aquela brava gente, renunciar a algumas semanas da civilização, nada representava, em troca da libertação, da possibilidade de oportunidades e da fuga da penúria que imperava na velha pátria. Contudo, a falta de assistência para as numerosas crianças, a falta de oferta de leite e outros alimentos, representavam dificuldades quase insuportáveis.

O “leite em conserva”, hoje chamado de leite condensado, tinha um custo bem elevado. Sua compra os obrigou a sacrificar suas últimas reservas monetárias. Felizmente, haviam adquirido ferramentas e abundantes vestimentas, únicas reservas que possuíam ao pisar no solo da nova Pátria. No dia 20 de dezembro de 1892, o vapor italiano “ARNO” se pôs ao mar. Passou na véspera de Natal pelo estreito de Gilbratar. No segundo dia de Natal, foram avistadas as Ilhas Canárias, e, no dia 7 de janeiro de 1893, o navio entrou na Baía do Rio de Janeiro; contudo, somente no dia 10 puderam desembarcar na Ilha das Flores. No mesmo dia embarcaram em um navio costeiro, com destino ao Rio Grande do Sul, chegando em 13 de janeiro de 1893.

No dia 20 de janeiro, os austríacos chegaram a Porto Alegre e foram acolhidos na Casa dos Imigrantes de Cristal (na barra do Guaíba, que ficava a alguns quilômetros da capital).

Dentre as colônias oferecidas à escolha dos imigrantes, 55 famílias optaram por Ijuí e Jaguari. As demais famílias encontraram emprego numa fábrica de vidro e outras ficaram retidas por motivos de saúde.

Em Ijuí, um grupo de imigrantes austríacos, formado de 44 famílias, juntamente com imigrantes italianos e alemães, formaram uma colônia com uma interessante diversidade. As motivações que levaram esses grupos a emigrarem de sua terra natal eram as mesmas de outros povos europeus, falta de meios de subsistência. (WEBER, 2021)

No dia 04 de fevereiro prosseguiram viagem para o interior. O trajeto até a margem do rio Taquari foi percorrido em embarcações a vapor. Depois continuaram de trem, até Santa Maria, onde permaneceram de 08 a 12 de fevereiro. Organizaram um comboio com 24 carretas de boi para levarem seus pertences. Os homens e as mulheres seguiram a pé. A caravana levou 12 dias até alcançar Ijuí, onde ficaram alojados em três barracões, todos subsidiados pelo governo federal brasileiro. Em Ijuí receberam vales de 400 réis para os adultos e 200 réis para cada criança. Com este dinheiro podiam fazer suas compras nas três casas comerciais existentes na sede: Kopf, Barros e Berenhauser. Os imigrantes que desejavam continuar reunidos poderiam escolher suas colônias nas linhas 05 a 08 Leste, com sede na Linha 06 Leste. Cada chefe de família recebeu 1 machado, 1 foice, 1 facão, 2 pacotes de pregos e 1 fechadura de porta. Para cada 4 famílias foram destinados um rebole e um serrote traçador.

Os austríacos eram em sua maioria operários e, chegando aqui, passaram a ser agricultores. A região de Ijuí onde se estabeleceram era a Linha 06, também denominada de “Rincão dos Austríacos”.

Em 12 de outubro de 1893, procurando manter suas raízes culturais, fundaram a Sociedade Recreativa, depois Sociedade de Atiradores, e em 1987, o Centro de Cultura Austríaca, com objetivo de recuperar e divulgar suas manifestações artísticas nas músicas e danças folclóricas, e no artesanato a tradição de enfeitar pinheiros

de Natal com frutas. Em 5 de março de 1933, durante os festejos de 40º Aniversário da chegada dos primeiros austríacos à então Colônia de Herói, em 24 de fevereiro de 1893, o imigrante Ludwig Streicher deixou um histórico relato, publicado na época, em um folheto alusivo à data. Com base nesse depoimento, foi possível reconstruir a odisseia vivida por aqueles bravos imigrantes, desde a sua partida, na Europa, até sua chegada em Ijuí.

O início, no seio da mata virgem, exigiu muita perseverança e muita renúncia. Os primeiros ranchos provisórios foram cobertos com folhas de coqueiro e capim. As primeiras casas eram cobertas com tábuas e habitadas por várias famílias. Somente depois de realizar as tarefas mais urgentes, foram sendo construídas mais casas, para que no inverno cada família possuísse seu próprio lar. As paredes eram feitas de bambu e, em pouco tempo, ficaram reduzidas a pó pela ação do cupim. O problema ficou resolvido a contento com a ideia de construir paredes e tetos com esteiras trançadas de taquara.

Com a chegada da primavera, foram desmatadas áreas para o plantio de milho. O clima era favorável e as colheitas foram boas. Infelizmente, o florescimento do bambu, que acontece periodicamente, atraiu milhares de ratos, e quase toda a produção de grãos foi devorada pelos insaciáveis roedores.

Depois das verbas para compra de suprimentos serem suspensas, os imigrantes passaram a depender da renda do trabalho nas estradas, remunerado pela administração da colônia, com uma diária de 3.500 a 4.000 réis, pagos em vales.

Como esses recursos não satisfaziam suas necessidades mínimas, resolveram sacrificar os trajes domingueiros e objetos trazidos da Europa, para serem trocados por animais indispensáveis: vacas, cavalos e porcos. Ludwig Streicher contou que trocou seu relógio de prata, com corrente, por um cavalo, e o vestido de gala da esposa por uma vaca. Nem assim estava resolvido o problema financeiro.

A necessidade obrigou os imigrantes a procurarem trabalho em cidades próximas. Alguns foram para Porto Alegre, outros para Santa Maria, em busca de trabalho. Cerca de 70 homens marcharam a pé até Vila Rica (hoje Júlio de Castilhos), para trabalhar na construção da estrada de ferro de Santa Maria a Cruz Alta. O salário oscilava entre 2.000 e 3.500 réis por dia. Depois de economizarem algum dinheiro, seis operários resolveram retornar a Ijuí, recebendo todos juntos uma nota de 100.000 réis. Quando quiseram trocá-la descobriram que era dinheiro já recolhido, somente aproveitável com desconto. Em sua marcha até Cruz Alta tiveram que passar por linhas de tropas revolucionárias que devastaram a região. Conseguiram passar graças aos passaportes que traziam e o auxílio de um oficial que falava a língua alemã.

Em Cruz Alta compraram mantimentos numa padaria, cujo dono não recebeu a nota de 100.000 réis e os despachos, sem exigir pagamentos. Somente em Ijuí conseguiram trocar o dinheiro, com desconto de 20%. Durante sua ausência, os familiares sofreram privações e se alimentaram de farinha de milho e feijão, sem banha. No regresso voltaram a trabalhar nas estradas.

Uma ponte foi construída em 1896 por colonos e comerciantes, que custou 4 contos de réis; porém, não aguentou a enchente de 1898. O então chefe da Colônia, Dr. Augusto Pestana, mandou imediatamente construir uma ponte flutuante, a título provisório, que resistiu bem a todas as inundações.

Após mais de um século da imigração austríaca, os descendentes continuam desfrutando da mesma consideração, respeito e admiração dos seus antepassados, que conquistaram um nome respeitável, através de sua diligência, inteligência, honradez e responsabilidade.

Nas novas gerações, existe a consciência do dever de transmitir o precioso legado herdado de seus antepassados, segundo a sábia exortação de Goethe: “O que herdaste de teus maiores, conquista-o, para o possuíres”.

## 3. A imigração italiana

### 3.1 Situação política e econômica da Itália

Em 1870, terminaram as lutas da unificação italiana, com a conquista de Roma. Já desde o início do século XIX, depois da dominação napoleônica, amadureciam ideias nacionalistas de uma Itália unida. O forte domínio austríaco, no centro-norte da península itálica, esmagou, em momentos sucessivos, os movimentos insurrecionistas (1820-1831). A primeira etapa efetiva a caminho da unificação iniciou-se em 1848, com a revolta do Piemonte contra os austríacos, ainda que a repressão por parte da Áustria tenha sido imediata. O Piemonte, centro das lutas liberacionistas, conseguiu a primeira vitória definitiva contra o Império Austro-Húngaro somente em 1851, assegurando-se a Lombardia. (FROSI, 2005)

Sob o estandarte do rei Vitor Emanuel do Piemonte, em 1860 a Toscana e a Emília-Romanha foram anexadas à causa da unidade italiana. Com o advento de Giuseppe Garibaldi, no mesmo ano parte dos Estados Pontifícios e o Reino das Duas Sicílias (que representava todo o Sul da península) passaram a fazer parte do Reino da Itália. Em 1866, foi anexado o território da Vênia, atual Vêneto e Friuli-Vênia Júlia. Finalmente, em 1870, completou-se a unificação com a conquista de Roma ao domínio papal.<sup>8</sup>

Antes da campanha de unificação, a península itálica estava seccionada em reinos, ducados e repúblicas. Três eixos principais dividiram politicamente as regiões geográficas no norte e no sul do rio Pó. Ao norte, o domínio austro-húngaro exercia sua influência sobre a Lombardia, o Trentino<sup>8</sup> (Tiroli) e a Vênia. A oeste da Lombardia, o Piemonte e a Ligúria ligaram-se à Casa de Saboia e a França. Ao sul do

---

<sup>8</sup>O Trentino, parte do Vêneto e a península de Áustria ficaram sob o domínio austríaco até 1919. Em 1946 passou ao domínio da Iugoslávia.

rio Pó, a influência vaticana exercia um domínio de posse sobre a Emília-Romanha, com exceção de ducados que, aproveitando a instabilidade e as vacilações da política vaticana, estabeleceram-se como regiões autônomas, oscilando entre o eixo austro-húngaro e o de inspiração francesa, pró-vaticana, ora pró-franco-piemontesa, segundo as evoluções sociopolíticas mais ou menos favoráveis de uma ou outra parte.

Com a unificação italiana e a libertação do domínio austro-húngaro, a influência austríaca continuou no Trentino-Alto Ádige e em parte da Veneza; a vaticana diluiu-se completamente. A unificação da Itália, ao invés de dar solução aos problemas socioeconômicos, veio agravá-los. O ideal político era formar uma nova nação. Vitor Emanuel, Cavour e seus seguidores haviam logrado a unidade nacional, mas se os anseios políticos se uniam na formação da Itália, as forças partidárias internas deixavam transparecer ainda uma instabilidade que exigiria novos esforços de integração.

A economia era dependente de poucos industriais e de muitos latifundiários, que afetaram esquemas econômicos medievais de feudalismo e de exploração das forças operária e agrícola. A unificação política não destituiu a economia tradicional e ultrapassada. A formação da nova Itália, como Reino, não abria perspectivas propícias à revogação dos esquemas antiquados de grandes proprietários feudais com títulos hereditários de posse de terras e do elemento humano que as trabalhava. Se uma reconstrução geopolítica tivesse acarretado uma forma econômica de base, com uma reformulação de estatutos de terras e posses, com uma agricultura baseada na pequena propriedade, os movimentos migratórios que se verificariam no Norte da Itália, em fins do século XIX, talvez não fossem registrados nas proporções em que ocorreram.

As regiões ao norte do rio Pó permaneceram no status socioeconômico idêntico a antes da unificação. A grande disparidade entre classe rica e classe pobre (esta quase na miséria) dominava toda a região. A Veneza, ainda em parte sob o domínio austríaco, e o Trentino-

Alto Ádige, sob o domínio austríaco e pretendido pela Itália, traduziam uma situação política de instabilidade e de futuro incerto.<sup>9</sup>

Uma economia tradicional, aliada à situação política de instabilidade, colocaram vênéticos, lombardos e trentinos numa posição em que a maior segurança adviria da opção pela saída do solo pátrio, em busca de outras terras onde os esquemas socioeconômicos vigentes não fossem tão díspares quanto na Itália. O dualismo feudal de ricos e pobres, de grandes latifundiários e subordinados, não apresentava indícios de erradicação imediata. A emigração não foi uma atitude aventureira, mas de necessidade.

Em 1870, o Governo Imperial do Brasil decidiu povoar terras incultas e devolutas do Sul do País. Houve grande receptividade nas regiões vênético-lombardo-trentinas, e assim iniciaram-se, a partir de 1875, os movimentos e fluxos migratórios para o Rio Grande do Sul.

A partir de um acordo feito com o governo brasileiro, foi então permitida a emigração desses trabalhadores ao Brasil. A maior parte veio para os estados do Sul e Sudeste, principalmente para o Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná.

### **3.2 A razão da imigração italiana no Brasil**

O principal motivo da emigração de grande parte dos italianos foi a situação de grande penúria que havia na Itália, causada principalmente pelas grandes alterações político-econômicas que haviam ocorrido na segunda metade do século XIX.

A posse das terras estava nas mãos de poucos latifundiários, e, nas indústrias das grandes cidades, devido à revolução industrial, as máquinas substituíram grande parte dos trabalhadores, gerando uma enorme quantidade de excedente de mão de obra. A falta de trabalho remunerado fez com que a situação se tornasse insustentável para

---

<sup>9</sup>De fato, essa situação eclodiu na Primeira Guerra Mundial, quando a Itália assumiu o domínio político-administrativo do Trentino-Alto Ádige e da parte norte do Vêneto.

grande parte dos italianos, que mal conseguiam sustentar suas famílias. Em virtude da insuficiência de uma alimentação adequada, começaram a surgir doenças nas comunidades mais pobres, principalmente a Pelagra<sup>10</sup>, que estava debilitando muitas pessoas.

Com a intensificação deste cenário sociopolítico e econômico, os governantes temeram que o alimento, antes escasso apenas à camada mais pobre, se tornasse também escasso a toda a população. Não havia outra saída para o governo italiano senão permitir a emigração.

A propaganda feita na Itália pelos países que buscavam mão de obra para crescimento de suas economias, principalmente a agricultura, fez nascer uma intensa onda de emigração, e, num dos maiores êxodos da história contemporânea, saíram para as Américas mais de 10 milhões de italianos. O Brasil recebeu mais de um milhão e duzentos mil imigrantes italianos entre 1884 e 1903, sendo a sua principal razão, a fome. Segue o discurso de um emigrante italiano, em resposta a um ministro, também italiano, que o aconselhava a não emigrar:

*“Que coisa entendeis por uma nação, Senhor Ministro?  
É a massa dos infelizes? (...)  
Plantamos e ceifamos o trigo, mas nunca provamos o pão branco.  
Cultivamos a videira, mas não bebemos o vinho.  
Criamos os animais, mas não comemos a carne.  
Estamos vestidos de farrapos...  
E apesar disso, vós nos aconselhais a não abandonar nossa pátria.  
Mas, é uma pátria a terra em que não se consegue viver do próprio  
trabalho?”*

(Fonte: IANNI, 1972).

---

<sup>10</sup>Pelagra é uma doença causada pela falta de niacina. É conhecida como doença dos três “Ds”, por seus três sintomas que começam com a letra D. Primeiro, o aparecimento de uma cor escura na pele (Dermatite), que fica seca e áspera e mais tarde provoca o aparecimento de crostas. Mais tarde aparecem Diarreias e alterações mentais (Demência). O nome ‘vitamina PP’ faz referência à ação Preventiva à Pelagra. Na antiga Europa esta doença propagou-se quando a farinha de milho começou a substituir a de trigo, por volta de 1700.

## 4. A viagem transatlântica

Os homens e as mulheres emigrantes da Áustria e da Itália enfrentaram uma viagem transatlântica longa e desconfortável para tentar a vida no Brasil. Deixaram seus países devido ao desemprego e ao sonho de uma vida melhor num país jovem, cuja propaganda oficial mostrava um paraíso tropical cheio de oportunidades.

Traziam todas as suas esperanças e seus braços para o trabalho. Traziam também a nostalgia de sua terra e de sua gente, deixadas do outro lado do oceano, e o medo do desconhecido. Uma canção italiana, composta nos últimos anos do século XIX, é um documento que permite vislumbrar o universo das emoções dos imigrantes italianos, justamente os que em maior número vieram para o Brasil. Talvez os sentimentos dos portugueses, espanhóis, alemães, austríacos e de tantos outros que aqui chegaram não fossem muito diferentes. (NEVES, 1991)

*“Itália, bela, mostre-se gentil  
E os filhos seus não a abandonarão  
Senão, vão todos para o Brasil  
E não se lembrarão de retornar.  
Aqui mesmo ter-se-ia no que trabalhar  
Sem ser preciso para a América emigrar.  
O século presente já nos deixa,  
Os mil e novecentos se aproxima.  
A fome está estampada em nossa cara  
E para curá-la remédio não há.  
A todo momento se ouve dizer:  
Eu vou lá, onde existe a colheita do café.”*

FONTE: ALVIN, 1986.

Com a expansão do capitalismo, no final do século XIX, os imigrantes europeus gradativamente substituíam a mão de obra escrava, que vinha se tornando escassa e cara desde a abolição do tráfico com a África em 1850.

Entre 1891 e 1910, 1.769.892 imigrantes vieram para o Brasil. O número torna-se ainda mais significativo se levarmos em conta que a população total do País era, em 1910, de 22.042.800 habitantes, e se observarmos a violenta curva crescente de imigrantes, comparando os números relativos ao longo período de 70 anos compreendido entre 1820 e 1890 com aqueles que dizem respeito ao período de 19 anos, entre 1891 e 1910. **(Tabela 1)**

**Tabela 1:** Total de imigrantes para o Brasil, por nacionalidades (1810-1910)

<b>Período</b>	<b>Italianos</b>	<b>Portugueses</b>	<b>Espanhóis</b>	<b>Alemães</b>	<b>Outros</b>
1820-1890	360.224	313.025	45.834	75.299	193.079
1891-1900	678.761	202.429	157.119	12.489	78.517
1901-1910	215.886	187.236	129.404	17.553	90.498
<b>Total</b>	<b>1.254.871</b>	<b>702.690</b>	<b>332.357</b>	<b>105.341</b>	<b>362.094</b>

Fonte: NEVES 1991

Em solo gaúcho, a política imigratória justificava-se pela necessidade de colonização e povoamento. A experiência positiva com a imigração teuta<sup>11</sup> possibilitou o surgimento de novos núcleos coloniais que seriam ocupados por imigrantes italianos. Estes núcleos foram organizados na encosta superior do Nordeste, região formada por terras devolutas, delimitadas pelos campos de cima da serra e pela

<sup>11</sup>Que tem pelo menos um ascendente etnicamente alemão, podendo ou não ter uma forte afinidade cultural com povos tradicionalmente considerados germânicos, ou seja, alemães, austríacos, suíços (dos cantões germânicos), ou originários das partes germânicas.

região dos vales, de colonização alemã. A opção por esta área coube ao governo da província que, em 1869, decidiu pela ocupação do território mais tarde denominado região colonial italiana.

Iniciada a imigração italiana para o Brasil,<sup>12</sup> os imigrantes estabeleceram-se nos seguintes estados da Federação: Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

De acordo com WEBER (2021), em 1891 e 1892 entraram 3.230 imigrantes na província do Rio Grande do Sul, sendo 139 famílias com destino a Ijuí. De 1892 e 1893, chegaram em Ijuí 61 famílias de imigrantes austríacos, com o total de 208 indivíduos.

Em estudo de AZEVEDO (2018), citado por WEBER (2021), consta que foram enviados à colônia de Ijuí, de 1900 a 1902, 191 italianos, 175 alemães, 50 austríacos, 30 espanhóis, 25 polacos, 3 dinamarqueses, 3 holandeses e 1 sueco.

Com base nos dados do Recenseamento Geral do Brasil e Censo Demográfico de 1940, citados por WEBER (2021), imigraram da Áustria, em 1920 e 1940, 4.193 e 206 austríacos, respectivamente.

---

<sup>12</sup>No Espírito Santo, os italianos se estabeleceram onde hoje se encontram as cidades de Nova Venécia, São Mateus e outras. No estado do Paraná, de Curitiba para o interior oeste, e em Santa Catarina, no sudoeste (Uruçanga, Nova Trento). Em Minas Gerais e em São Paulo, os imigrantes se integraram à cultura cafeeira, açucareira e algodoeira e às comunidades brasileiras já formadas.

## **5. Primórdios da colonização do Rio Grande do Sul**

Portugal preocupava-se com o povoamento do Sul do Brasil, para o qual pensava em mandar, já no século XVIII, imigrantes italianos e alemães. Era uma região muito disputada entre Portugal e Espanha, sobretudo porque a linha de Tordesilhas fixava como limite do domínio português Laguna, em Santa Catarina, ficando praticamente o Sul sob o domínio espanhol. Mesmo depois da revogação desse tratado, as hostilidades continuaram alternando-se entre Portugal e Espanha no domínio desta região. A essa disputa acrescia-se ainda o fato de estar o sul do País distante do núcleo político colonial e nacional, constituído pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Distância que acarretava o isolamento dos grupos que aí viviam, fazendo com que tivessem uma vida política, social e econômica própria e relativamente estável, mesclando inclusive seus interesses com os da vizinha região da Prata. As características geográficas, uma zona predominante fria, uma zona de montanha, ventos frios, descidos das encostas andinas, favoreciam a adaptação do imigrante italiano. (DACANAL, 1992)

Em 13 de maio de 1888, a princesa regente Isabel, na época herdeira do trono brasileiro, assinou a “Lei Áurea”, que determinou a abolição da escravatura no Brasil. Por meio dessa lei, mais de 700 mil escravizados conquistaram sua liberdade, e seus antigos donos não receberam nenhuma indenização do Estado brasileiro. (BRASIL, 1888)

Do ponto de vista brasileiro, a imigração do trabalhador europeu atendia a diversos interesses, sendo os principais: a substituição da mão de obra, a formação de um mercado interno mais consumidor, a chegada de novas técnicas de produção e a colonização de áreas desocupadas.

## 5.1 Divisão geopolítica do Norte da Itália e as correntes emigratórias

Considerando a representatividade numérica dos imigrantes (segundo as regiões de origem) nos fluxos migratórios italianos com destino ao Brasil, nas três últimas décadas dos séculos XIX e nas duas primeiras do século XX, pode-se afirmar que a porcentagem maior dos imigrantes proveio das regiões situadas ao norte do rio Pó, excluindo o Piemonte. Este fato leva a analisar com maior destaque o Vêneto, a Lombardia, o Trentino-Alto Ádige (Tirol) e Fríuli-Venécia Júlia. **(Tabela 2)**

**Tabela 2:** Proveniência dos Imigrantes

<b>REGIÃO</b>	<b>PROVÍNCIAS</b>
Vêneto	Beluno, Pádua, Rovigo, Treviso, Veneza, Verona, Vicenza
Lombardia	Bégamo, Bréscia, Como, Cremona, Mântua, Milão, Pavia, Sôndrio Varese
Trentino-Alto Ádige	Bolzano, Trento
Fríuli-Venécia Júlia	Goriza, Trieste, Údine e Pordenome
Piemonte	Alesandria, Novara, Vercelli
Emília-Romanha	Ferrara, Módena, Parma, Placência, “Reggio nell’Emilia”, Piacenzia
Toscana	Livorno, Lucca, Massa-Carrara, Pisa
<b>Ligúria</b>	Gênova, La Spézia

Fonte: FROSI, 2005.

O critério seguido para a descrição das regiões obedece apenas à porcentagem decrescente da maior para a menor representatividade numérica dos imigrantes na região do Rio Grande do Sul.<sup>13</sup> **(Figura 2)**

<sup>13</sup>MIORANZA C, FROSI VM. Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processo de formação e evolução de uma comunidade italo-brasileira. 2009, p. 24.



Figura 2: Regiões mais representadas na imigração para a Região de Colonização Italiana (Fonte: PINHEIRO, 2024)

Os ítalo-brasileiros são considerados a maior população de oriundi (descendentes de italianos) fora da Itália. Os descendentes da enorme massa de imigrantes italianos que chegaram ao Brasil entre 1870 e 1960. (PELUSI, 2013)

A embaixada italiana no Brasil, em 2013, divulgou o número de 30 milhões de descendentes de imigrantes italianos (cerca de 15% da população brasileira), metade no estado de São Paulo. (PELUSI, 2013)

## **5.2 A organização da colonização italiana no Rio Grande do Sul**

Os principais portos de entrada de estrangeiros no Brasil foram: Rio de Janeiro, Santos, em São Paulo, e Salvador, na Bahia. Aqueles que chegavam pelo Rio de Janeiro, depois de registrados pela Agência Central de Imigração, eram encaminhados para a Hospedaria da Ilha das Flores. (ANEXO I)

Da Ilha das Flores, seguiam para Santos, Paranaguá, Florianópolis, segundo o lugar que lhe fora imposto ou que haviam escolhido. Muitos imigrantes que haviam escolhido as colônias do Rio Grande do Sul foram levados a São Paulo, longe dos parentes e amigos que os haviam convidado. A viagem do Rio de Janeiro a Porto Alegre durava de dez a doze dias, com escala nos portos intermediários.

Nem todos os navios da Companhia Nacional seguiam para Porto Alegre, sendo os imigrantes obrigados a baldearem em Rio Grande para o pequeno vapor “Itapuan”, que os conduzia até Porto Alegre, em péssimas condições. (MANFOR, 2001)

Em Porto Alegre, os imigrantes eram recebidos por um agente oficial de colonização, encarregado da visita ao navio, desembarque dos passageiros e de suas bagagens, fiscalização da alimentação, das listas nominais que deviam ser enviadas aos diretores das colônias e do pagamento das companhias de transporte e de alimentação, além de dirigir os colonos para as colônias, organizar o seu transporte etc.

Todo esse trabalho, realizado por uma única pessoa, incluindo o serviço de hospedagem e alimentação dos imigrantes na cidade de Porto Alegre, foi sempre deficiente. Em solo gaúcho, a política imigratória justificava-se pela necessidade de colonização e povoamento. A experiência positiva com a imigração teuta possibilitou o surgimento de novos núcleos coloniais que seriam ocupados por imigrantes italianos. Esses núcleos foram organizados na encosta superior do Nordeste,

região formada por terras devolutas, delimitadas pelos campos de cima da serra e pela região dos vales, de colonização alemã. A opção por esta área coube ao governo da província que, em 1869, decidiu pela ocupação do território mais tarde denominado região colonial italiana.

A organização dos trabalhos coube a órgãos governamentais responsáveis pela identificação e exploração das terras, medição, demarcação e recepção dos imigrantes das colônias. Nas sedes das colônias a responsabilidade pelos trabalhos ficava a cargo da diretoria da colônia, subordinada à Inspetoria Especial de Terras e Colonização, no caso do Rio Grande do Sul, sediada em Porto Alegre, e esta, por sua vez, subordinada à Inspetoria Geral de Terras e Colonização do Rio de Janeiro.

Em 18 de setembro de 1850, é publicada a Lei Nº 601, que dispõe sobre as terras devolutas do Império; e no Decreto Nº 5.663, de 17 de junho de 1874, ocorre a autorização da celebração do contrato com Joaquim Caetano Pinto Junior, para importar no Império 100.000 imigrantes europeus. (BRASIL, 1850; BRASIL, 1874)

A estrutura administrativa, prevista pela Lei das Terras de 1850 e legislação posterior de 1874, era mantida pelo trabalho de engenheiros, agrimensores, desenhistas, topógrafos, tradutores e escriturários, e sustentou a criação na região da serra gaúcha, entre 1872 e 1875, de três colônias: Colônia Caxias, Colônia Dona Izabel (Bento Gonçalves) e Colônia Conde D'Eu (Garibaldi). A área compreendida por cada uma das colônias continha 4 léguas quadradas ou 174.200.000 metros, dividindo-se em lotes rústicos e lotes urbanos. Material complementar no ANEXO II. (DACANAL, 1992)

Os lotes situavam-se dentro das denominadas linhas ou travessões, conhecidos como caminhos, traçados no meio da mata, com seis a 13 quilômetros de extensão, que serviam como divisores dos lotes. Os travessões agrupados formavam as léguas. Contudo, nem todas as

léguas possuíam o mesmo tamanho e mesma quantidade de travessões; diferenciavam-se em decorrência da topografia dos terrenos.

Dentro dessas linhas e travessões, surgiram os lotes. Os denominados lotes rústicos ou rurais possuíam uma extensão, conforme a legislação, entre 22 e 25 hectares. Na prática, contudo, seu tamanho era ainda mais variado, tendo alguns lotes até 80 hectares. Mesmo assim, eram lotes pequenos se comparados àqueles destinados aos imigrantes alemães e a extensas sesmarias<sup>14</sup> do período colonial brasileiro. Valorizava-se, desta forma, a formação da pequena propriedade rural, cuja principal força de trabalho era a familiar, destinada à produção de bens para subsistência e abastecimento do mercado interno. Os denominados lotes urbanos possuíam menor extensão do que os lotes rurais, e tinham seu tamanho determinado pela proximidade da sede ou do centro da colônia. A sede da colônia, ou área determinada como urbana, previamente planejada, reservava locais para logradouros públicos, escolas, igrejas e administração pública, e destinava áreas para o comércio e a instalação de pequenas fábricas. **(Figura 3)**

O assentamento dos imigrantes nas colônias italianas obedeceu a critérios ordenados de ocupação do território, com a criação de áreas rurais e de áreas urbanas e um projeto de contemplava a expansão econômica e a autonomia administrativa dos núcleos de colonização. (DACANAL, 1992)

A divisão de terras em todas as colônias obedeceu ao sistema de glebas contínuas denominadas léguas. Cada légua<sup>15</sup> era formada por um

---

<sup>14</sup>O sistema sesmarial perdurou no Brasil até 17 de julho de 1822, quando a Resolução 76, atribuída a José Bonifácio de Andrade e Silva, pôs termo a este regime de apropriação de terras. A partir daí a posse passou a campear livremente no país, estendendo-se esta situação até a promulgação da Lei de Terras, que reconheceu as sesmarias antigas, ratificou formalmente o regime das posses e instituiu a compra como a única forma de obtenção de terras.

A principal função do sistema de sesmarias é estimular a produção, e isso era patente no seu estatuto jurídico. Com efeito, as primeiras sesmarias, a partir de 1733, tinham uma superfície de 13.063 hectares. Quando o titular da propriedade não iniciava a produção dentro dos prazos estabelecidos, seu direito de posse poderia ser cassado.

<sup>15</sup>Uma légua corresponde a 6.600 metros, de acordo com os dados informados por COSTA, IN. Pesos e Medidas no período colonial brasileiro: denominações e relações. FEA, USP. 1994.



braças quadradas – cada braça de 4,48m<sup>2</sup> –, o que correspondia a 16 léguas quadradas. Isso significa que, na primeira colônia, foi ocupada metade da área destinada à colonização. Os berços da colonização italiana no Rio Grande do Sul foram as colônias de Conde d’Eu, Dona Isabel, Caxias e Silveira Martins.

### **5.3 O núcleo de Caxias do Sul: povoados de italianos**

Os imigrantes com destino a Caxias do Sul e colônias contíguas embarcavam em Porto Alegre em pequenos vapores e, ainda pelo Rio Caí, navegavam até a vila de São Sebastião do Caí, distante 132 km, por cerca de 10 horas de viagem. A hospedaria dos imigrantes, nessa vila, apresentava as mesmas deficiências que as anteriores. Os imigrantes queixavam-se amargamente do tratamento que recebiam, dos perigos que corriam na viagem e da precariedade dos meios colocados à sua disposição. Na maioria dos casos, os imigrantes tinham que seguir a pé, poucas vezes em carretas e alguns animais selvagens.

Essa marcha para o desconhecido, para a mata virgem, através de uma estrada que não era mais do que um corte de 5 metros de largura no meio da floresta, marcou profundamente os imigrantes. A floresta virgem inspira solidão e medo. Essa marcha de dias e noites sob o sol e a chuva, o frio e o calor, era feita por indivíduos extenuados pela longa travessia do mar e de rios, alguns doentes, outros marcados por sofrimentos físicos e morais. Essa marcha era praticada por velhos e crianças, por mulheres grávidas e mães com filhos no colo. Esse trajeto não era um simples caminhar pela mata, mas uma subida da temida Serra Geral, através de vales e precipícios, que passavam de 10 a 800 metros de altitude.

Chegando à colônia, os imigrantes deviam esperar a distribuição dos lotes, às vezes durante meses, pois o trabalho do loteamento era lento e difícil. O imigrante não podia esconder sua perplexidade

e indignação diante da contradição entre o que ouvira e o que sofrera e via.

A colônia Caxias, fundada em 1875, sob nome de Fundos de Nova Palmira, estava situada entre os Campos de Cima da Serra, ao norte, e as colônias de Nova Petrópolis, Nova Palmira e Picada Feliz, ao sul. Compreendia um território de 17 léguas quadradas. A colonização desta região se iniciou em 1875, na primeira légua, situada ao norte da Picada Feliz, lugar que os imigrantes chamaram de “Barraccone,”<sup>16</sup> e em seguida “Nuova Milano” (devido à origem milanesa dos primeiros imigrantes). (MANFROR, 2001)

A primeira e segunda léguas da Colônia de Caxias formaram os primeiros centros da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Com efeito, o primeiro contingente de imigrantes italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul estabeleceu-se na primeira légua dos Fundos de Nova Palmira, em 20 de maio de 1875; vinte dias depois, chegaram outras famílias, milanesas em sua maioria, que ocuparam os lotes da primeira e segunda léguas. Em fins 1875, chegou um novo contingente de imigrantes de vênnetos, lombardos, tirolezes. Conheceram as piores peripécias antes de se instalarem em seus respectivos lotes, pois tiveram que esperar, durante seis meses, ao pé do monte, antes de receber as suas terras. O trabalho de loteamento era lento e a administração da colônia, precária.

*“Meu bisavô Angelo veio na imigração junto com seus pais Alessandro Casiraghi e Giuseppa Guzzi. Foram instalados na terceira e quartas léguas em 28 de junho de 1876. Em julho de 1876, a colonização chegava ao lugar denominado: “Campo dos Bugres”<sup>17</sup> que, pela sua posição central, foi escolhido como sede da colônia sob*

---

<sup>16</sup>BARRACONE: nome dado ao abrigo que o governo fizera construir nessa localidade, a fim de alojar os imigrantes recém-chegados.

<sup>17</sup>Sítio selecionado com uma clareira artificial na mata, feita pelos índios Caáguas, que, anteriormente, possuíam uma aldeia, dando origem ao nome do local de Campo dos Bugres.

*o nome de 'Sede Dante'. A Sede Dante terá um futuro brilhante, pois de simples sede colonial passou a ser o 5º Distrito de São Sebastião do Cai, cidade de Caxias e, enfim, a Pérola das Colônias.*" (MADALENA ALVAREZ)

A Sede Dante ficava situada ao Norte da quinta légua e ao sul da sétima. A quinta, sexta e sétima léguas foram povoadas por imigrantes provindos da Bellumo, Treviso, Padova, Montova e do Tirol. A ocupação do território foi rápida. Em 1878, a população da Colônia Caxias estava assim composta: 2.315 italianos, 1.007 tirolezes, 208 brasileiros, 201 alemães, 49 poloneses, 21 espanhóis, 30 franceses, 14 suíços e 7 ingleses. **(Figura 4)**



Figura 4: Núcleo urbano primitivo de Caxias do Sul, a Sede Dante, em torno de 1876 (Fonte: FROSI, 2005)

Na maioria dos casos, o imigrante italiano recebeu um lote por família, sempre na mata virgem, e que devia ser pago ao governo no prazo de 5 a 10 anos. A concessão de uma ajuda pecuniária para

a construção da casa, de instrumentos agrícolas, sementes, e outros favores prometidos e indispensáveis nos primeiros anos, foram praticamente desconhecidos pelos imigrantes italianos.

A única ajuda remunerada: 15 dias por mês, nas construções de estradas e caminhos coloniais. Com o dinheiro ganho nesses trabalhos, o colono foi comprando o necessário para o sustento da família e para o trabalho agrícola.

O crescimento da população devia-se à chegada de novos imigrantes, vindos da Europa, espontaneamente a convite de parentes e amigos, e a forte natalidade das famílias já instaladas; em média, cada família tinha 10 filhos.

Em 20 de junho de 1890, Caxias foi elevada à categoria de município. Em 1900, sua população era calculada em 30.500 habitantes, e em 1910, em 54.000 habitantes. **(Figura 5)** Em poucos anos, os territórios designados para a colonização foram inteiramente ocupados, obrigando



Figura 5: Prédio da Diretoria da Comissão de Terras em Caxias do Sul, em 1894 (Fonte: FROSI, 2005)

os novos imigrantes e os descendentes dos primeiros a procurarem novas terras, longe das zonas previstas pelas autoridades competentes. (MANFROR, 2001)

A expansão efetuou-se, no início, na periferia das antigas colônias, tomando, em seguida, direções cada vez mais amplas e distantes. Assim, a fundação das colônias de Alfredo Chaves, Nova Prata, Nova Bassano, Antônio Prado, Guaporé, Encantado e outras, marca a primeira etapa dessa conquista, traçando a grande linha da expansão italiana: toda a região florestal situada entre os campos de Soledade, os campos de Vacaria, até o vale do rio Uruguai.

De Guaporé e de Alfredo Chaves, a onda expansionista prosseguiu rumos às regiões florestais dos municípios de Passo Fundo (Casca, Vila Maria, Marau, Mato Castelhano, Água Santa, Tapejara, Getúlio Vargas, Erechim) e de Lagoa Vermelha (Araçá, Chimarrão, Forquilha, Cacique Doble, Sananduva etc.).

*“Por todas essas razões, supõe-se que meu Avô Alexandre saiu de Caxias do Sul e foi para Erechim e lá conheceu a minha Avó Adolphina na cidade de Getúlio Vargas.”* (MADALENA ALVAREZ)

A irradiação italiana atingiu toda a margem meridional do Planalto e, a leste, alcançou os Aparados da Serra. Mas a grande linha de conquista foi à direção Noroeste. Depois de ter ocupado as últimas reservas florestais do vale do rio Uruguai, estendeu-se pelo oeste catarinense, ao longo da estrada Chapecó-Clevelândia, e pelo sudoeste paranaense. Toda essa região foi povoada por descendentes dos primeiros imigrantes alemães, italianos e poloneses. Mas a presença do elemento italiano foi predominante na maioria dessas zonas coloniais.

## **5.4 Configurações da região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**

Neste item serão abordados os limites geográficos da região de Colonização Italiana do nordeste do Rio Grande do Sul. Os fluxos emigratórios da Itália para o nordeste do estado demarcaram com precisão a Região Colonial Italiana, mas as linhas de flutuação, causadas pela migração interna, dificultam, no presente, uma delimitação exata da área de influência italiana. (FROSI, 2005) No entanto, conforme os dados apresentados até o momento, resulta este esquema distributivo:

1. Imigração da Itália para o Nordeste do Rio Grande do Sul - Colônias: Nova Milano, Caxias, Dona Isabel, Conde D'Eu (1875-1884);
2. Imigração da Itália para o Nordeste do Rio Grande do Sul - Colônias Antônio Prado e Alfredo Chaves (1884-1894);
3. Imigração da Itália para o Nordeste do Rio Grande do Sul e migração interna para a Colônia de Guaporé, criada em 1892 (1892-1900);
4. Migrações internas na Região de Colonização Italiana, em geral, e expansionismo espontâneo (1880-1920);
5. *“Migrações internas para o Alto Uruguai e para outros estados da Federação, especialmente Santa Catarina e Paraná (1910 em diante). Provavelmente, esta migração que promoveu o encontro dos meus avós Alexandre Casiraghi e Adolphina Berger.”* (MADALENA ALVAREZ)

Os imigrantes oriundos, na grande maioria, de regiões montanhosas, onde praticavam uma agricultura com meios elementares, continuaram seus trabalhos em terras gaúchas, dentro dos mesmos esquemas italianos.

No período de 1910 a 1950, caracterizou-se o aumento da produção de vinho, e com uma infraestrutura básica para a comercialização, desenvolveu-se o mercado do vinho, e a cultura da videira se expandiu. A comercialização do vinho realizou-se primeiro com a capital do estado e, logo, abriu-se ao mercado de São Paulo. Com o incremento da vitivinicultura, abriram-se perspectivas para uma indústria de sustentação, fornecedora de instrumentos e máquinas para o cultivo e a elaboração desse produto. E foi nesse período que aconteceu a emigração em massa para o Alto Uruguai e para as terras de Santa Catarina e Paraná.

Sintetizando, o imigrante italiano e seu descendente viveram um processo de integração em etapas, segundo o momento histórico. O primeiro passo foi o abandono da pátria e a fixação no solo estrangeiro, pátria adotada. As necessidades de subsistência criaram um ambiente de inter-relacionamento grupal que se expandiu num círculo abrangente de área sempre maior. O comércio e a indústria em determinados núcleos e o processo de desenvolvimento caracterizaram o segundo momento da vida do ítalo-brasileiro no Rio Grande do Sul. A indústria e o comércio promoveram a integração das comunidades no cenário estadual e nacional. Hoje, o italiano, na pessoa do seu descendente, é brasileiro, porque se integrou no processo de desenvolvimento total de uma comunidade que busca as metas do progresso, do bem-estar e da realização plena de todos os seus membros.

O objetivo dessa explanação foi proporcionar uma visão geral da imigração-colonização italiana e austríaca no Rio Grande do Sul, uma abordagem dos aspectos geossocioeconômicos, procurando, com isso, demonstrar que a emigração não se concretizou por impulsos aventureiros, mas por uma necessidade de sobrevivência, por uma busca de libertação de esquemas socioeconômicos vigentes na Itália, Áustria, Alemanha, Polônia, Ucrânia etc. Não se esquecendo dos interesses socioeconômicos brasileiros também.

Seus antepassados, simples, analfabetos na maioria, conseguiram transmitir um profundo sentido histórico da existência na busca da valorização do homem e da sociedade.

Essa extraordinária mobilidade do elemento italiano, sempre tentado pela imagem das terras novas, sempre disposto a novas aventuras, contrasta enormemente com o desejo primitivo de tornar-se proprietário de uma terra onde pudesse, em paz, gozar dos frutos de seus trabalhos. Não restam dúvidas de que a fertilidade das terras novas exerceu uma grande atração nos colonos das antigas colônias. O desejo de mudança, o espírito de aventura, foram causas determinantes dessa grande expansão. Tudo isso, porém, são razões secundárias, pois o grande motor da expansão foi o próprio sistema de colonização, associado a uma técnica primitiva de exploração do solo e ao extraordinário crescimento demográfico das antigas colônias.

As décadas se sucederam, e pode-se contemplar hoje os resultados obtidos e apreciar os valores que foram legados aos seus descendentes, à sociedade, à cultura, ao comércio, à indústria e à nação brasileira.

## **5.5 Religiosidade e Educação**

Perdidos no meio da floresta, abandonados pelo poder público, carentes de recursos, impossibilitados de retornar à pátria, restava-lhes apenas a opção entre o trabalho árduo para sobreviver e a religião como elo de união entre os imigrantes. (DACANAL, 1992; LANDO, 1981)

Os imigrantes não eram brasileiros nem italianos. O país de origem fora recém-unificado e cada grupo falava um dialeto. Em sua quase totalidade, confessam a fé católica, que lhes forneceu os subsídios indispensáveis para reiniciar, individual e coletivamente, a nova fase de suas vidas. Foi através da religião católica que o imigrante italiano se encontrou consigo mesmo e com os outros.

O rosário era a forma de oração mais usada entre os imigrantes, a forma de oração em todas as circunstâncias. Durante as longas esperas nos portos de embarque, durante a viagem, durante a doença e de todo o sofrimento que os atingia, somente o terço podia e conseguia tranquilizá-los e reconfortá-los.

A oração em família, à noite, era um costume muito propagado nas colônias italianas. Durante a semana, o trabalho e a prece familiar eram suficientes para preencher o tempo e aliviar a infinita saudade. Todavia, no domingo era o contrário, despertava uma profunda nostalgia de seus vilarejos, de sua terra natal. (MANFOR, 1975)

Movidos pela saudade, pelas recordações e pela necessidade de contato humano, os imigrantes começaram a se reunir e, aos poucos, foram construindo suas igrejas, de forma simples. A cada 40 ou 50 habitantes, construiu-se um oratório e, às vezes, igrejas imponentes.

O governo brasileiro não previu nem considerou a importância do fator cultural na obra da colonização. A ajuda financeira destinada à igreja foi sempre pequena.

Os colonos italianos instalados no Rio Grande do Sul não esperavam a ajuda do governo para construir suas igrejas, e nem a chegada dos sacerdotes para celebrar o seu culto. Na ausência de um sacerdote, constituíram, espontaneamente, comunidades de fé, e escolheram, entre eles, os presidentes das assembleias litúrgicas.

Segundo os raros documentos escritos sobre esta experiência original, os “padres leigos” tinham consciência dos próprios limites, e o povo, que os escolhera, os apoiava e desejava, ardentemente, a vinda de um sacerdote.

A este “padre leigo” eram entregues as tarefas de culto: presidir a récita solene do terço nos dias festivos, organizar a catequese das crianças, zelar pela capela, rezar as orações fúnebres, batizar os recém-nascidos, abençoar os doentes e as colheitas.

Essa organização das capelas e do “padre leigo” nasceu espontaneamente, da ansiedade de reproduzir, o mais fielmente possível, com os meios disponíveis, aquela vida que os colonos haviam conhecido em sua terra natal, onde a religião católica ocupava um lugar preponderante.

Ao redor da igreja ou capela surgiam um pequeno comércio, a bodega, o salão de festas, a cancha de bochas, o cemitério e a escola.

Os padres católicos e os pastores evangélicos logo vieram atrás dos seus rebanhos no Novo Mundo, reunindo as Capelas em Paróquias e as Paróquias em Dioceses. Encarregaram-se também da educação, e logo ergueram colégios e seminários. Os colonos recebiam educação formal muito antes que o ensino público fosse instituído. (BONI, 1984)

Sendo assim, a ascensão social de muitos imigrantes deu-se pelo estudo, e não pelo capital acumulado. A seguir, vieram as congregações religiosas dos Capuchinhos, que durante anos publicaram, em dialeto vêneto, a “Estafeta Rio-grandense”, hoje o conceituado “Correio Rio-grandense”. Vieram os maristas, lassalistas, josefinos, carlistas, salesianos e as freiras de diversas ordens. As portas dos internatos chiques abriram-se para os meninos e meninas da classe com dinheiro. Os filhos de colonos pobres buscavam outra opção e, nessas condições, muitos seminários abrigaram meninos que jamais pretenderam ser padres, mas, buscando “vocação religiosa”, conseguiram tirar seus diplomas. As meninas fizeram da mesma forma: como aspirantes a freiras, conseguiram tirar seus diplomas nos colégios, e muitas retornaram às suas comunidades como professoras.

A escola não teve uma importância decisiva na formação e estrutura da comunidade. Os italianos mostraram pouco interesse pela criação de escolas e pela instrução de seus filhos. Quando existia, os alunos que a frequentavam aprendiam apenas os primeiros rudimentos da leitura, escrita e aritmética. Os trabalhos domésticos

da lavoura guardavam sempre uma certa “prioridade” sobre o ensino escolar. (BONI, 1984)

Em 1914, havia somente 60 escolas italianas, para uma população de 250.000 ítalo-brasileiros. A maioria delas, simples e pequenas, mantidas pelos colonos um pouco mais instruídos que os outros, e que ensinavam a ler, escrever e calcular. Durante o período de colheitas eram fechadas. A falta de escolas e o pouco interesse que os colonos mostravam pela instrução de seus filhos foi uma realidade ressaltada por todos os que visitaram as colônias. (BONI, 1984)

Pelo **Decreto N° 7.614, de 12 de dezembro de 1938**, o governo brasileiro determinava o registro de todas as escolas de ensino primário, a adoção do ensino cívico e a obrigatoriedade de ensino exclusivamente da língua portuguesa. O ensino da língua estrangeira só poderia ocorrer em escolas secundárias. (BRASIL, 1938) Atualmente, as denominações do ensino brasileiro das escolas primárias e secundárias são ensino fundamental e médio.

An aerial photograph of a coastal town, likely Casiraghi, showing a lighthouse on a hill overlooking the sea. The town features several buildings, including a prominent white building with a dark roof. The background shows a vast expanse of water and distant hills.

*PARTE II*  
**HISTÓRICO DA  
FAMÍLIA CASIRAGHI**

# 1. Família Casiraghi e sua história no Brasil

A família Casiraghi<sup>18</sup> teve origem com Angelo Casiraghi<sup>19</sup> e Luigia Sirtori, ambos imigrantes italianos, originários de Cernusco Asinário (ora Cernusco Sul Naviglio), região de Milão, e foram encaminhados para Caxias do Sul.

Atualmente, Cernusco Sul Naviglio é uma comuna italiana da região da Lombardia, província de Milão, com cerca de 26.387 habitantes (**Figura 6**). Estende-se por uma área de 13 km<sup>2</sup>, com uma



Figura 6: Mapa atual da Itália  
(Fonte: WIKIPÉDIA, 2024).

<sup>18</sup>Ernesto Casiraghi, filho de Ambrósio Casiraghi. Disponível em: [filiacasiraghi.spaceblog.com.br](http://filiacasiraghi.spaceblog.com.br). Acesso em: 04 fev.2011.

<sup>19</sup>Certidão de casamento matrícula 098921 01 55 2003 1 00060 131 0021931 20 03/02/2003 Caxias do Sul-RS.

densidade populacional de 2030 hab/km<sup>2</sup>. Faz fronteira com Cologno Monzese. (WIKIPEDIA, 2024)

## 1.1 Brasão da família Casiraghi

Meus primos Maria Lúcia e Michel Mathiassos entraram em contato com o Heraldrys Institute, em busca da origem da ascendência da família Casiraghi.

O **Heraldrys Institute** é uma entidade que publica documentos heráldicos<sup>20</sup> em italiano ou inglês, impressos em papel artesanal ou em formato digital, baseados em pesquisas históricas em armoriais, livros e documentos antigos. O produto é a documentação da história da família, os títulos nobres, os brasões e a bibliografia de referência. (Heraldrys Institute of Rome, 2011)

De acordo com a pesquisa realizada pelo Heraldrys Institute (2011), o **Brasão da Família Casiraghi** é de uma antiga e ilustre família da região do **Como**, localizada no Norte da Itália (**Figura 7**). Na opinião de diversos genealogistas, o nascimento do sobrenome é proveniente do local denominado **Casirago**, um distrito que, em tempos passados, situava-se no município de **Montevecchia**, na província de Como, lugar de origem de um anônimo fundador (patriarca da família). (Heraldrys Institute of Rome, 2011)

Entretanto, não há indícios na história do momento exato em que tal família foi elevada à condição de nobreza. Contudo, sua elevada condição social aparece mencionada em documentos e atos oficiais de cartórios há muitos séculos. (Heraldrys Institute of Rome, 2011)

---

<sup>20</sup>**Documentos heráldicos** é um sistema de identificação visual e simbolismo criado na Europa no século XII, baseado nos brasões de armas ou escudos.

Heráldica é a arte e ciência dos brasões, que estabelece e estuda a evolução e o significado social e simbólico das tradições de famílias nobres, instituições diversas, corporações, países, estados e municípios. Tem como função principal a fácil identificação do portador do símbolo heráldico.

A cidade de Montevecchia, localizada na região da Lombardia, entre as províncias de Milão e Lecco, está nas primeiras colinas dos Pré-Alpes e no coração de Brianza. Com 953 hectares de superfície, está entre 240 e 501 metros acima do nível do mar. Seu território está inteiramente inserido no Parque Regional de Montevecchia e Valle del Curone, com sede em Butto. Em dados de 2024, conta com 2.467 habitantes. (Itália, 2024)



Figura 7: Brasão da família Casiraghi  
(Fonte: Heraldrys Institute of Rome, 2011)

# Casiraghi

## Cavalieri

*Antica ed illustre famiglia comasca, la cui cognominizzazione, al dir di molti genealogisti, andrebbe ricercata nel toponimo Casirago, frazione in passato del comune di Montevecchi in provincia di Como, luogo di origine di un, oggi ignoto, capostipite. Ma se, per cagion di sfortuna, la magistra, ma talvolta crudele, istoria ci ha privato della approfondita conoscenza, del momento in cui, tal famiglia, fu elevata alla nobiltà, possiamo, tuttavia, ritener soddisfatto il nostro disio di sapere, dal momento che i nomi dei membri della famiglia Casiraghi si trovano, di sovente, menzionati in documenti ed atti notarili, sin dai secoli trascorsi, dai quali appare la loro elevata condizione. Ricordiamo, a tal proposito: Bernardo, dottore in 'utroque jure', vivente in Como, nel 1456; cav. Gio. Battista, giureconsulto e guerriero, auditor generale dell'esercito di Carlo V; Martino, teologo e sacerdote, fiorito in Milano, nel 1589, nominato vicario foraneo; cav. Francesco, dottore in Medicina, vivente in Como, nel 1603; Gio. Battista, nativo di Pavia, affiere sotto il comando del marchese Carlo Guasco; Francesco, milanese, nominato maggiore di un terzo di fanteria lombarda, nel 1655; Giulio Maria, di Como, dottore in Sacra Teologia e poeta elegante, fiorito nel 1703; Gherardo, giudice in Pavia, fiorente nel 1744; Carlo, Tesoriere dell'Economato, in Milano, nel 1802; Ludovico, nato in Como, il quale vestì l'abito dei minori conventuali, scomparso nel 1815; Carolina, socia dell'Accademia dei Georgofili, vivente nel 1833; Cesare, compositore di musica da ballo e di operette, nato in Crema, nel dicembre 1837; Andrea, benemerito della patria, valorosamente capitolato, nelle guerre di indipendenza italiane, del 1848; Alessandro, di Vincenzo, tra i 1072 eroi che sbarcarono a Marsala, col Generale Garibaldi, il giorno 11 marzo 1860, nella memorabile spedizione, detta 'dei Mille'; Francesco, parroco di S. Maria Assunta, in Rancate, nel 1854; Giovanni, caporale, fregiato di onorevole menzione, per i fatti di Gaeta, nel 1860-61. I cognomi così antichi, senza dubbio alcuno, rendono decoro non solo alle famiglie ma anche alle città che li hanno accolti; pare siano, infatti, molto riguardevoli i soggetti viventi di questa famiglia che, con tanto decoro, sostentano questo nobile cognome, che ha avuto vari soggetti illustri.*

Heraldrys Institute of Rome  
[www.heraldrysinsitute.com](http://www.heraldrysinsitute.com)

## Histórico da cidade de Montecchia

As origens de Montecchia remontam à época romana. A origem etimológica do próprio nome do município remonta à função de guardião da montanhosa Brianza; segundo a opinião mais difundida, deriva de “*Mons Vigiliarum*” (montanha do mirante), transformando-se ao longo dos séculos primeiro em Montaegia/Montavegia, depois com diversas variações até o seu nome atual. Embora não existam provas concretas, a transformação da torre romana em edifício de culto cristão remonta à época lombarda (séculos VIII-IX d.C.). Nesse período, de fato, o posto da guarda tinha perdido importância e, ao mesmo tempo, o centro habitado tinha crescido o suficiente para poder sustentar a sua própria igreja, que desde então foi dedicada a São João Baptista, santo venerado pelos habitantes. (Itália, 2024)

O primeiro documento em que aparece o nome de Montecchia é o “*Liber notitiae sanctorum*”, de Goffredo da Bussero (1220-1289). Como toda a região da Brianza, está incluída no Ducado de Milão, sob os Viscontis e mais tarde sob os Sforzas. No final dessas dinastias, primeiro os austríacos (Carlos V) assumiram o poder, depois os espanhóis (Filipe IV). Nesse período a família mais importante da cidade era a dos Regibus de Ello (Redaelli) que, além de proprietários de terras, forneciam alguns capelães à comunidade. (Itália, 2024)

Na visita de S. Carlo Borromeo (1577), a população era de 320 pessoas em 59 casas; em 1602 subiu para 446; e depois caiu para 350 indivíduos, após a peste de 1630. (Itália, 2024)

A situação econômica da região de Brianza, em 1600, era desastrosa, entre guerras, fomes, epidemias de peste e secas. Montecchia está entre os municípios que não conseguiram superar a crise, e em 1647 torna-se feudo da família Panigarola. (Itália, 2024)

Em 1713, com a extinção da família Panigarola, o feudo de Montecchia passou para Giacomo Brivio, pertencente a uma família

de mercadores que obtiveram o título de condes de Brochles (Hungria). Problemas financeiros levaram a família à ruína. Em 1740, o feudo de Montevécchia também teve de ser vendido e passado para as mãos de Pietro Agnesi (1718-1799). Ele veio da classe burguesa, casou-se com Anna Fortunata Brivio (1699-1732), e também encontrou como dote as propriedades da família Redaelli. O casal teve 21 filhos; a filha mais velha era **Maria Gaetana Agnesi** (1718-1799), criança prodígio, que desde cedo dominou diversos idiomas e, talvez, seja a personagem mais famosa de Montevécchia. Foi a primeira mulher no mundo ocidental considerada como grande matemática, num período em que era difícil para as mulheres fazerem carreira no mundo científico. Foi autora de textos de sucesso sobre análise matemática. (Itália, 2024)

Sobrenomes tão antigos, sem sombra de dúvida, proporcionam orgulho não só às famílias, mas também às cidades que os acolhem. Montevécchia já teve vários sujeitos ilustres.

Em 1746, a Lombardia voltou para os austríacos. Em 1756, 555 habitantes estavam registrados na cidade. Com a campanha napoleônica, os feudos foram suprimidos, em 1796. Mas após a Restauração e o regresso dos austríacos (1815), os Agnesi recuperaram a posse do título. (Itália, 2024)

Na primeira metade do século XIX, apesar de várias epidemias, a população de Brianza sofreu um aumento notável: Montevécchia atingiu 884 habitantes. O aumento da população levou à criação de um agrupamento de paróquias em 1854. Mesmo após a unificação da Itália (1861), a cidade esteve fortemente ligada à agricultura. (Itália, 2024)

Em 1911, a cidade atingiu 1.400 habitantes. Surgiram formas de deslocamento, graças também ao nascimento da ferrovia Milão-Lecco. Com a política de fusão das administrações municipais, implementada em 7 de novembro de 1927, a cidade de Montevécchia foi extinta e passou a fazer parte do município de **Cernusco Lombardone**, desde então denominado Cernusco Montevécchia. (Itália, 2024)



A terceira Légua é uma comunidade rural de uma grande cidade industrial, Caxias do Sul, com aproximadamente 500.000 habitantes. Há relatos do primeiro grupo de imigrantes de 30 de dezembro de 1876, que residiam inicialmente em barracões. (CAXIAS DO SUL, 2024)

*Os primeiros imigrantes italianos e tirolezes chegaram ao local em 1876, época em que o meu trisavô Alessandro Casiraghi e o meu bisavô Angelo Casiraghi chegaram, não existiam estradas, apenas picadas que eles abriram com foice e facção em meio à mata densa. (MADALENA ALVAREZ)*

Na **Figura 9**, pode-se observar o local da residência da família Casiraghi.



Figura 9: Local de moradia da família de Ângelo Casiraghi  
(Fonte: Arquivo Pessoal de Madalena Alvarez)

Uma das mais antigas estradas, conhecida também como Estrada do Imigrante, com aproximadamente 10 km, ficou isolada por décadas, devido, talvez, à não pavimentação e às suas curvas íngremes. Percorrendo a Estrada do Imigrante, o visitante é convidado a refletir sobre as dificuldades enfrentadas pelos primeiros imigrantes para erguer a região, que hoje é conhecida pela prosperidade; mas também vai se emocionar com as histórias contadas pelos moradores e empreendedores da 3<sup>o</sup> Léguas.

Os imigrantes subiram a montanha, e a primeira estrada aberta foi chamada de Rio Branco, hoje Estrada do Imigrante. As muitas curvas da estrada, ainda hoje existentes, foram necessárias na época, porque a subida era muito íngreme. Foi uma difícil e longa caminhada. Sem acesso a nenhum tipo de comunicação, os imigrantes alimentavam-se de frutas silvestres, caça e pinhão, que eram abundantes no local. Quando chegavam, os imigrantes eram hospedados em barracões até se estabelecerem nos lotes. (CAXIAS DO SUL, 2024)

## **2.1 A vida na colônia da 3<sup>a</sup> Léguas**

A função da igreja como centro polarizador tem um enorme significado na vida social local, pois o imigrante italiano era católico e religioso. As igrejas, escolas, seminários, capelas e jornais clérigos foram as principais instituições culturais e políticas nessa área rural. Nesses locais aconteciam reuniões para resolver problemas e desenvolvimento local, festividades, educação religiosa, atividades artísticas como canto, teatro, músicas nativas e religiosas. A religiosidade permanece até hoje. No Sítio Santa Tereza há uma réplica da Cruz Missioneira, e em 2021 foi inaugurado no centro da região, no Apart Hotel, uma cópia idêntica à original. (CAXIAS DO SUL, 2024).

As mulheres herdaram a tradição do trabalho na roça, a criação dos filhos, os trabalhos domésticos e artesanato, como: fiar e tecer o linho,

fazer a “dressa” (trança da palha do trigo), chapéus, cestas, crochê, bordados, o filó (encontro social entre vizinhos que se realiza à noite).

A participação na comunidade surge como uma necessidade. Os imigrantes trouxeram a partilha como um valor. Na Itália viviam em casas onde habitavam várias famílias, trabalhando para um mesmo patrão. A participação surge na comunidade, ainda nos seus primórdios, como necessidade solidária do trabalho da terra. Todos precisavam ajudar-se mutuamente, do contrário não conseguiriam vencer as tarefas de preparar a terra, plantar, colher e construir uma comunidade.

## **2.2 Educação e Costumes na Colônia**

Na colônia a “Nona” tinha autoridade para ter o severo comando da organização doméstica familiar. Cada filho tinha uma função: cuidar da cozinha, tratar dos animais, ordenhar as vacas, cuidar das parreiras, do plantio do trigo e do milho, da elaboração do vinho, da produção do queijo e do salame, da limpeza da casa, das roupas, dos irmãos menores. A mãe assumia a função de deixar as roupas domingueiras de todo os membros da família alinhadas para as festas da comunidade.

Além dessa educação completa que cada filho recebia, ela os preparava para assumirem suas próprias famílias; os homens e as mulheres recebiam dotes quando se casavam.

As mulheres ganhavam um baú com enxoval completo de cama e mesa, e uma máquina de costura. O fazer durar e o reaproveitamento era essencial na época. Como exemplo as roupas: remendar, cerzir, refazer, transformar. Recebia-se roupa nova somente no Natal, e era necessário fazer bainhas enormes de reserva para que pudessem servir mais tempo. Os homens recebiam meia colônia de terras para produzir.

A arte da economia e do reaproveitamento: as latas de óleo eram transformadas em bacias, canecas, funis, escorredores de massa... As

conservas também eram uma arte, como tomates, pepinos, cebolas e tantas outras. As compotas de frutas, como uva, peras, maçãs, pêssegos, marmeladas, que se reduziam pela alquimia dos tachos.

A pura magia do fermento... as batatas, depois de raladas e envazadas, passavam a explodir como pequenos vulcões e viravam o fermento do pão.

Na vizinhança, eram comuns as trocas. De pão, temperos, leite, remédios, chás e outros. Emprestar e pedir emprestado. Um sistema de solidariedade com um código não escrito. O não pedir seria orgulho, pedir demais seria falta de organização, “pecado mortal”. O compromisso solene de devolver era uma questão de honra. O “esquecer” podia comprometer o bom nome da família. Desde cedo todos eram ensinados a serem responsáveis, autossuficientes e solidários.

Mais tarde, a participação adquire a forma de trabalho voluntário, em mutirão, na construção da capela, do salão da igreja e do cemitério. As obras que visavam ao uso coletivo tinham o apoio e a participação de todos. Nas colheitas, mais uma vez, a solidariedade e a participação, onde os vizinhos se ajudavam, trocando dias de trabalho, ora na propriedade de um, ora de outro. Ainda hoje esse fato se repete na colheita da uva.

Participar, ser solidário e partilhar o trabalho foram os valores que os descendentes de imigrantes conservaram até hoje, através de suas organizações de caráter comunitário.

Atualmente são aproximadamente 200 famílias que vivem na Terceira Léguas. São pessoas com sua história e esperança, a maioria agricultores, católicos, pequenos proprietários (a propriedade varia de 2 a 24 hectares), praticando uma agricultura familiar. A maioria são agricultores produtores de vinho.

Nos finais de semana são comuns atividades como jogar baralho, tomar chimarrão ao redor dos familiares e visitar os vizinhos e parentes.

Os jovens participam do trabalho na colônia, mas também estudam na cidade, preparando-se para o futuro. Diferentes dos pais e avós, que não tiveram oportunidade de estudar, porque o trabalho lhes exigia o tempo integral e a distância para a escola era muito grande.

*No ano 2000, eu e meu esposo Nelson fizemos uma visita à 3ª Légua, tivemos um encontro memorável com familiares. Encontrei o meu primo Darci Casiraghi, filho de Domingos Casiraghi e Tereza Bolf, irmão do meu avô Alexandre, aos 85 anos morando nas mesmas terras dos meus bisavós Angelo e Luigia e do trisavô Alessandro Casiraghi. Darci Casiraghi com seus quatro filhos: André, Antônio, Rita e Maria Estela. Quase em frente à casa do primo Darci mora Acelina Sirtori, descendente da bisavó Luigia Sirtori. A seguir constam imagens desta visita no local, nas **Figuras de 10 a 13.** (MADALENA ALVAREZ)*



Figura 10: Igreja de São Pedro e São Paulo  
(Fonte: Arquivo Pessoal de Madalena Alvarez)

Em frente à Igreja de São Pedro e São Paulo, está à placa do Memorial aos Pioneiros Imigrantes da Terceira Léguas. (Figura 11)



Figura 11: Placa do Memorial dos Pioneiros da 3ª Léguas (Fonte: Arquivo Pessoal de Madalena Alvarez)

Nesta placa estão registrados os nomes do meu trisavô Alessandro Casiraghi e do meu bisavô Angelo Casiraghi, Travessão N° 53, e da família da minha bisavó Giuseppe Sirtori, Travessão N° 36.

Na **Figura 12**, pode-se observar a residência de Darci e Maria Casiraghi, onde por muitos anos foi servido almoço em seu restaurante.



Figura 12: Residência de Darci e Maria Casiraghi  
(Fonte: Arquivo Pessoal de Madalena Alvarez)

Esta casa toda de pedra pertence à família Sirtori e tem mais de 130 anos. Na época da nossa visita, estava sendo restaurada por Acelina Sirtori. (**Figura 13**)



Figura 13: Residência da família Sirtori  
(Fonte: Arquivo Pessoal de Madalena Alvarez)

As fotos seguintes foram fornecidas por Érica Casiraghi, de Gramado (RS). **Figuras 14 a 20**, com os integrantes das famílias Casiraghi e Sirtori. Ângelo Casiraghi e Luigia Sirtori tiveram onze filhos: Maria, Josephina, José, João, Ambrosio, Carolina, Alexandre (meu avô), Antônio, Domingos, Dozolina e Mathilde.



Figura 14: Primeira casa do meu bisavô Ângelo Casiraghi na 3ª Légua  
(Fonte: Arquivo pessoal de Érica Casiraghi)



Figura 15: Ângelo Casiraghi  
(Fonte: Arquivo pessoal de Érica Casiraghi)

Nas próximas figuras observa-se as fotos dos filhos de Ângelo Casiraghi e Luigia Sirtori. **(Figuras 16 a 20)**



Figura 16: Carolina Casiraghi  
(Fonte: Arquivo pessoal de Érica Casiraghi)



Figura 17: Maria Casiraghi  
(Fonte: Arquivo pessoal de Érica Casiraghi)



Figura 18: Família de Dozzolina Casiraghi  
(Fonte: Arquivo pessoal de Érica Casiraghi)

Na **Figura 18**, Dozzolina Casiraghi está sentada no centro, de vestido preto.



Figura 19: Família de Carolina Casiraghi  
(Fonte: Arquivo pessoal de Érica Casiraghi)

Na **Figura 19**, Carolina Casiraghi está sentada na frente da imagem.



Figura 20: Família de Domingos e Darcy Casiraghi  
(Fonte: Arquivo pessoal de Érica Casiraghi)

Na **Figura 20**, Domingos Casiraghi está sentado com terno e Darcy Casiraghi está no centro, em pé.

### 3.3. História da nona Adolphina e do nono Alexandre Casiraghi

*“O passado não parava de ressurgir, insistente como água jorrando de uma nascente e minha curiosidade para saber o que havia acontecido com suas vidas e o quanto contribuiu para construir a minha existência.”* (Autor desconhecido)

Alexandre Casiraghi e Adolphina Berger<sup>21</sup> casaram-se em 25 de maio de 1918 na Comarca de Getúlio Vargas (Rio Grande do Sul), que na época pertencia ao Município de Erechim. Conta-se que Adolphina Berger chegou ao Brasil em 1912, aos 17 anos de idade. Ela veio a conhecer seu marido Alexandre quando trabalhava como doméstica na cidade. **(Figuras 21 e 22)**



Figura 21: Adolphina Berger Casiraghi e Alexandre Casiraghi  
(Fonte: Arquivo Pessoal de Madalena Alvarez)

---

<sup>21</sup>Adolphina Berger, nascida em Viena em 10/07/1895, com o 2º. grau completo. Certidão de casamento 0978810155.1918.2.00004.004.0000005.37 em 25.05.1918.

Na foto descrita na **Figura 22**, estão presentes: Teodoro (com paletó branco e calça preta), Ângelo, Cecília, Nicolau, Arciso, Dermina (com filho), Elvira, Rosa, *Nona Adolphina* (com o neto no colo), João e Otto. Ao lado estão Guilherme e Mathilde.



Figura 22: Família de Alexandre Casiraghi e Adolphina Berger no Brasil  
(Fonte: Arquivo Pessoal de Madalena Alvarez)



Após o nascimento da primeira filha, Dermina Casiraghi, partem para Cruz Machado, provavelmente em 1920. Alexandre Casiraghi tinha um grande sonho: cultivar videiras e produzir um excelente vinho.

## 4. O começo de uma nova vida em Cruz Machado

O Núcleo Colonial Federal de Cruz Machado foi fundado em 19 de novembro de 1910, a sua denominação se deve ao Senador do Império Dr. Antônio Cândido de Cruz Machado, um grande batalhador na campanha da Independência da Província do Paraná. Nascido no ano de 1820 em Minas Gerais, na cidade de Serro, **Dr. Antônio Cândido de Cruz Machado** foi presidente das Províncias de Maranhão, Goiás e Bahia. **(Figura 23)** Era detentor do título nobiliárquico de “Visconde do Serro”, e faleceu em 1890. (ROCKENBACH, 1996)

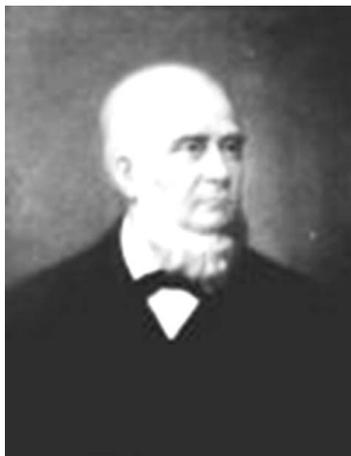


Figura 23: Senador do Império  
Dr. Antônio Cândido de Cruz  
Machado

(Fonte: ROCKENBACH, 1996)

Os primeiros colonizadores foram os ucranianos e poloneses, que em seus respectivos países ouviram as promessas: os imigrantes receberiam casa murada com terras férteis, um clima saudável, frutas

em abundância e as matas, um verdadeiro paraíso. Entretanto, ao chegarem no Brasil viram que a realidade era diferente. Os imigrantes foram alojados provisoriamente nas “butkas”, casas pequenas que mediam de 3 a 4 metros quadrados. Durante a permanência nas “butkas”, todos dormiam numa cama: capim no chão. **(Figura 24)** A cozinha era fora da residência, em frente à casa, ao relento. Não havia esgoto, nem água tratada, e os animais ficavam soltos. Essas condições higiênico-sanitárias podem ter contribuído para uma epidemia local de “febre tifoide”.

A febre tifoide é uma doença bacteriana aguda, que está diretamente associada a baixos níveis socioeconômicos, principalmente em regiões com precárias condições de saneamento básico, higiene pessoal e ambiental. (BRASIL, 2024)



Figura 24: “Butkas” - casas onde alojavam duas famílias de imigrantes  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Os imigrantes tinham que ficar aguardando os lotes serem medidos e adquiridos, mas não havia estradas para chegar até os lotes. Por algum tempo, havia no acampamento um armazém do governo,

onde eram distribuídos gêneros alimentícios, em troca de serviço; mas isso era uma gota de água no mar das necessidades. Os homens trabalhavam na abertura de estradas, ganhando oitocentos réis por dia, e o quilo do açúcar mascavo custava setecentos réis. Enfim veio a ordem de sair das “butkas” e ocupar as terras, lotes de 10 alqueires (1 alqueire = 24.200 m<sup>2</sup>).

Em 1911 vieram mais ou menos 4.000 pessoas (alemães, suíços, austríacos, italianos, ucranianos, poloneses e outros). Num campo aberto foram montadas 500 cabanas. Por falta de higiene e água potável, houve uma epidemia de febre tifoide. Morriam de 3 a 12 pessoas por dia, e não havia médico no local. O herói de Cruz Machado foi **Antíochio Pereira**, que salvou muitas vidas na colônia. **Figura 25. (ANEXO III)**



Figura 25: Antíochio Pereira  
(1881 – 1951)  
Fonte: BRASIL, 2024.

A biografia de Antíochio Pereira foi elaborada pelo seu bisneto Fabio Furtado Pereira, pelo Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. As pesquisas documentais não esclarecem os motivos que levaram Antíochio Pereira a transferir-se de Curitiba para a então colônia federal Cruz Machado. Fato é que, em 1911, Antíochio já estava na região

de Cruz Machado; entretanto, somente em 1915 foi nomeado pelo governo da República ao cargo de farmacêutico do núcleo colonial Cruz Machado, em cuja função permaneceu até 1917. (BRASIL, 2024)

Nessa região as terras eram fracas para o plantio, e o medo da **Epidemia de Tifo** ainda persistia. Os colonos foram se deslocando cada vez mais para o Sul: Fartura, Sant'ana e Cruz Machado Novo, onde se formou a Vila e onde hoje é a sede do Município. Na **Figura 26**, observa-se a imagem do Cemitério do Rio de Banho, onde estão enterrados os primeiros imigrantes vítimas de tifo.

**Tifo** é o nome dado a várias doenças infectocontagiosas consideradas agudas e que são causadas pela bactéria do gênero *Rickettsias*. Sua transmissão acontece pelo contato com alimentos ou água contaminada, e é por esse motivo que é mais comum em regiões com baixo nível socioeconômico e más condições de saneamento. (BRASIL, 2024)



Figura 26: Cemitério no Rio do Banho  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Em 1918, a região de Cruz Machado foi elevada à categoria de Distrito Judiciário do município de União da Vitória, e 33 anos mais tarde desmembrou-se, recebendo a denominação de Município de Cruz Machado. (MARINCHESKI, 2017; BRASIL, 2022)

Em 1919 muitos alemães chegaram à cidade, vindos da cidade do Rio de Peixe, hoje município de Tabajara, no Rio Grande do Sul. Um desses alemães era o Sr. José Mundell, e outro o Pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil Reverendo J. Busch. Nesta época, em Cruz Machado, compravam-se lotes de dez alqueires de terra diretamente do Governo Federal, de 380 a 500 mil réis, por ser a região muito acidentada. Pagava-se 50 mil réis de entrada, no ato do negócio, ao Zelador do Núcleo Colonial, e o restante em até 8 anos, sem juros. Alguns colonos não pagaram e, depois de 12 anos, o governo resolveu cobrar a importância de 1 milhão e 200 mil réis, dando seis meses de prazo para quitação. Assim, muitos perderam os lotes, e o governo os revendeu. (ROCKENBACH, 1996)

Nos lotes os colonos cultivavam milho e feijão, no início. Depois que já estava desmatado, semeavam trigo e centeio. Mas, como não havia moinho, improvisavam um pequeno moinho a mão que chamavam de “giorna”, no qual faziam fubá, quirera e canjica. Para preparar a erva do chimarrão, quem tinha córrego usava o monjolo, e quem não tinha fazia com o pilão. Mais imigrantes chegavam, e construíram a estrada com picareta para poderem ir à vila a cavalo, para comercializar e comprar mercadorias. (ROCKENBACH, 1996)

No início da imigração, havia muitos animais selvagens totalmente desconhecidos dos imigrantes, tais como: onça, lobo, porco-do-mato, raposa, veado, macacos, gato selvagem, lagartos grandes, cobras venenosas, insetos das mais diversas espécies etc. As moradias eram construídas de tempo em tempo com a união e a colaboração de duas ou três famílias, da seguinte forma: derrubavam pinheiros, traçavam em toras, depois rachavam em tábuas para as paredes e tábuas menores para a cobertura. O trabalho era pesado e arriscado, mas os imigrantes vieram determinados a vencer. A comunidade trabalhava unida e solidária. Ao receberem as terras, inicialmente ficaram acomodados dentro de um tronco oco de árvore.

Os imigrantes, além de derrubar as matas e preparar a terra para a lavoura, não se descuidavam da vida social e religiosa. Construíram igrejas e escolas, e formaram organizações culturais, recreativas e sociedades de apoio e ajuda mútua.

Na colonização, as escolas ficaram por conta de religiosos e particulares. Conta-se que foi fundado um colégio de freiras em 1925, onde hoje está edificado o Hospital Santa Teresinha, em homenagem à escola do mesmo nome. As primeiras professoras foram as irmãs Tereza Ribacka, Lucia e Claudia. A nacionalização do ensino veio no governo de Getúlio Vargas, e com a Segunda Guerra Mundial, foi contratado o primeiro professor público e proibida a língua estrangeira nas escolas.

O município de Cruz Machado está localizado no sul do estado do Paraná, sobre solos argilosos e de rochas vulcânicas (**Figura 27**). Faz limite com os municípios de Mallet, União da Vitória, Bituruna, Pinhão, Inácio Martins e Rio Azul. (MARINCHESKI, 2017)

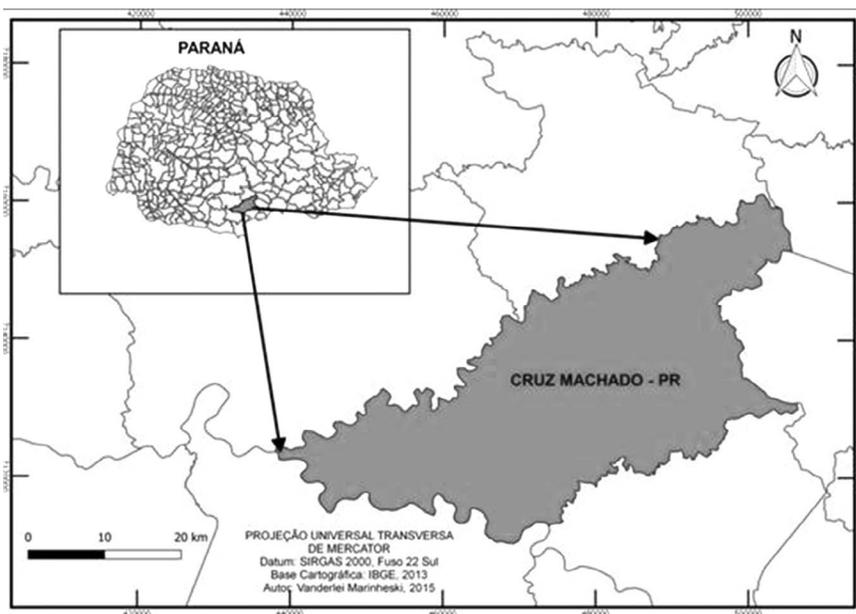


Figura 27: Mapa de Cruz Machado  
(Fonte: MARINCHESKI, 2017)

Conforme dados atualizados do último Censo Nacional do IBGE, de 2022, Cruz Machado tem 15.978 habitantes e área territorial de 1.478,350 km<sup>2</sup>, com densidade demográfica de 10,81 habitantes por quilômetro quadrado. (BRASIL, 2022)

Cruz Machado conta também com o recebimento de Royalties, produzidos conforme a geração de energia da represa de Foz do Areia, que engloba o Município. A represa beneficia também o turismo, pois traz pescadores de diversos lugares, que podem usufruir da natureza do local, acomodando-se em pousadas. Há ainda cachoeiras e área de lazer no local, que proporcionam diferentes opções de diversão aos visitantes. (MARINCHESKI, 2017; BRASIL, 2022)

Grande parte da economia é baseada na produção agrícola, principalmente do feijão, do milho, do fumo e da erva-mate. Cruz Machado é a Capital Estadual e Nacional da Erva-Mate Sombreada, estando entre as maiores produtoras do mundo, rica em produtos derivados deste ouro verde com um tempero étnico único. O Município também sedia a Festa da Erva-Mate. (MARINCHESKI, 2017; BRASIL, 2022)

## **1.1 Memórias e retratos de Cruz Machado**

Nesta parte do livro seguem minhas memórias afetivas da Nona na minha infância, entrelaçando com os meus pais e irmãos. **(Figuras 28 e 29)** Em 2000 e 2024, eu e meu marido Nelson Alvarez fizemos uma visita aos familiares de Cruz Machado. (MADALENA ALVAREZ)



Figura 28: Tia Cecília Casiraghi  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)



Figura 29: Tio João Casiraghi

As **Figuras 28 e 29** referem-se à visita efetuada em abril de 2024.

*Na região da residência da Nona havia muitas onças. A Nona e a filha Dermina, ainda bebê, num certo dia foram ameaçadas por uma onça, e ambas foram salvas pelo avô Alexandre. O medo e o susto fizeram com que a Nona interrompesse a segunda gravidez. A Nona repetiu por muitas e muitas vezes essa triste história aos seus filhos.* (MADALENA ALVAREZ) A “Nona” foi acolhida pelo comerciante português Antônio Silva, que possuía um armazém. Ficaram alojados na casa do comerciante, até obterem as terras, na 2ª Vicinal Linha Vitória, por volta de 1920.

No ano 2011, houve uma distribuição de panfletos de comemoração da imigração. (**Figura 30**)



Figura 30: Panfleto da comemoração dos 100 anos da imigração polonesa (Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Seguem imagens da cidade de Cruz Machado e do Museu Etnográfico da Imigração Polonesa, localizado no distrito de Santana, a aproximadamente 17 quilômetros do centro da cidade. O Museu, que foi construído em 1995, possui fragmentos históricos que retratam a história dos imigrantes poloneses que chegaram ao município em 1911. Além do Museu, a estrutura ainda conta com uma casa típica polonesa, as “butkas” (moradias de 3 x 4 m), igreja e local de trabalho, representado por objetos e ferramentas utilizados na época. (Figuras 31 a 37)



Figura 31: Brinquedos infantis confeccionados de palha de milho - crianças imigrantes (Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)



Figura 32: Baú dos imigrantes  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)



Figura 33: Casa típica do início do século XX  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

A cozinha era separada da casa de dormir para evitar acidentes domésticos, relacionados ao fogão, que pudessem atingir a moradia. O primeiro fogão chamava-se “fogolar” ou “larin”. Era construído com quatro tábuas ou tijolos e preenchido com terra. Fazia-se um buraco onde colocava-se lenha para atear o fogo. A panela ficava pendurada no teto por uma corrente. (Figuras 34 e 35)

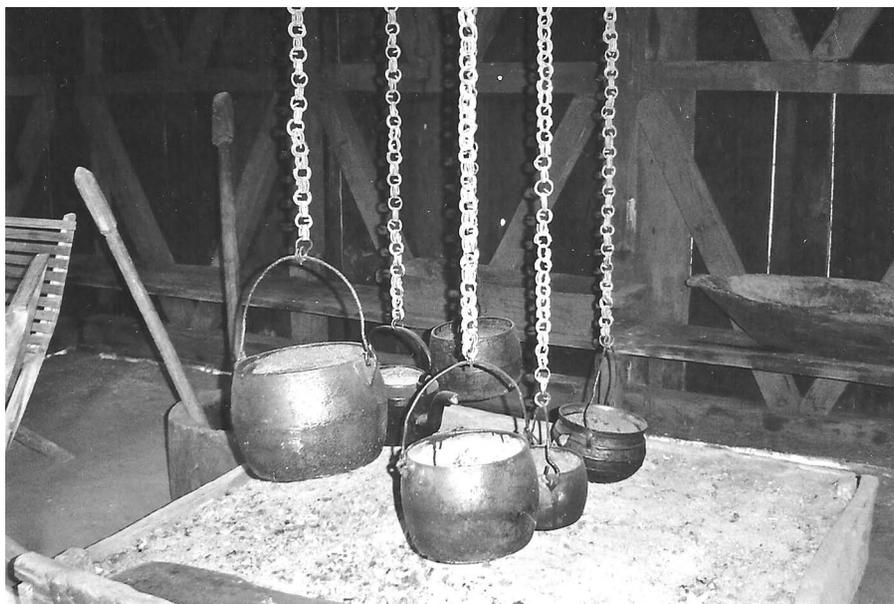


Figura 34: Fogolar e panelas suspensas em correntes sobre a chamas da fogueira (Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

A cozinha aproximou-se da casa de dormir somente quando o “fogolar” foi substituído pelo fogão de chapa, que tinha a mesma estrutura que o anterior, porém com uma chapa em cima, que evitava a propagação da chama pelo ambiente. O fogão de chapa foi o precursor do fogão a lenha.



Figura 35: Cecília Casiraghi e o “agiorna” (moedor de cereais)  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

O banheiro era construído separado da casa. Isso ocorria porque os imigrantes entendiam que tudo que era sujo deveria ficar longe da casa. Somente a partir dos anos 1950, o banheiro começou a ser incorporado às construções.

A carroça é um meio de transporte que antecede o advento dos veículos a vapor. Movida por tração animal, a carroça era o meio de transporte mais utilizado para os deslocamentos de carga de um lugar a outro. Atualmente, é pouco comum o uso de carroças no trânsito de grandes centros urbanos, sendo até chamadas de “charretes”. No meio rural, os principais animais usados como tração são cavalos, burros, bois e jegues. A carroça era o meio de transporte mais viável para enfrentar o relevo acidentado da região. **(Figura 36)**



Figura 36: Carroça típica da época  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

A primeira capela de madeira, denominada de “Rio do Banho”, foi construída em 1913 e existe até hoje. As Irmãs da Sagrada Família chegaram de Curitiba, convidadas pelo Padre Teodoro, para lecionarem na escola desse Curato. **(Figura 37)**

A igreja foi construída no rio do Banho por estar mais próxima dos colonos que se deslocavam para ocupar seus lotes numerados. A primeira reforma ocorreu em 1967, com a retirada do telhado, substituindo as tábuas de madeira originais por telhas. Após conseguirem içar a igreja, retiraram a terra e fizeram novo “encepamento” para sustentar a edificação. Também fizeram um novo piso, e assim a igreja ficou protegida, tal como a vemos hoje. (BARCZAK, 2020)



Figura 37: Primeira Capela Rio do Banho  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Existente também na cidade de Cruz Machado, a **Capelinha do Paredão** é considerada o ponto mais alto da cidade. A igreja está situada na Linha Paredão, a uma distância de seis quilômetros do centro da cidade. **(Figura 38)** A ideia da construção do monumento foi do padre Pedro Canísio, que deu início às obras em 1966, com auxílio da prefeitura e de voluntários da comunidade. Além de local religioso, o lugar também proporciona trilhas para caminhadas e possui paredes para prática de rapel e escaladas. O principal atrativo é o mirante, que oferece uma vista para toda a cidade, proporcionando a visualização do interior do município, com represas e montanhas.

O paredão com a capelinha da Virgem Santa foi inspirado pelo próprio povo cruz-machadense, que dizia ser o cartão postal da cidade. O padre Pedro Canísio foi o idealizador da obra, que teve início em 1966. **(Figura 38)**



Figura 38: Capelinha do Paredão  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

## 1.2 História do chimarrão

Na região de Cruz Machado predomina a agricultura familiar de erva-mate (*Ilex paraguariensis*), que sempre foi uma alternativa extra na renda dos produtores locais. A produção de erva-mate tem importante participação na complementação da renda familiar, representando mais de 15% do total do PIB anual municipal. Possui uma diversificada cadeia de produção, que inclui chás, bebidas, cosméticos e produtos farmacológicos, além do tradicional chimarrão. (MARINHESKI, 2017)

O Brasil é o líder mundial na produção de erva-mate. No ano de 2020 foram produzidas 425.970 toneladas de erva-mate. O Paraná se destaca como líder absoluto, com uma produção de 372.251 toneladas, o que corresponde a 87% de toda a produção nacional. O município de Cruz Machado, com 108.000 toneladas, representa 10% da produção nacional. (BRASIL, 2021)

A erva-mate faz parte da história do desenvolvimento do sul do Paraná. Sua extração serviu de moeda de troca para os primeiros imigrantes, contribuindo no desenvolvimento da economia regional. Grande parte da produção da erva-mate é extraída em propriedades exploradas pela mão de obra familiar. (MARINHESKI, 2017)

O principal uso da erva-mate é o chimarrão, também conhecido como mate. A bebida é tradicional no Sul do Brasil, na Argentina, no Uruguai, no Paraguai e no Chile.

Em 24 de abril se comemora o Dia do Chimarrão. A escolha da data é uma homenagem à fundação do primeiro Centro de Tradição Gaúcha do Mundo, em 24 de abril de 1948.

O chimarrão, para ser feito, precisa de uma cuia, erva-mate moída, uma bomba e água quente. Assim, a erva-mate é servida na cuia, sendo logo após adicionada a água quente (sem ferver). Geralmente, a bebida é de gosto amargo; mas há pessoas que acrescentam sachês de chá, como, por exemplo, de hortelã, para dar um gosto diferenciado. O gosto também varia dependendo da própria qualidade da erva-mate.

A erva-mate e o chimarrão fazem parte da história das famílias cruz-machadenses, assim como de todas as famílias que se originaram dessa comunidade.

Nas rodas de chimarrão, essa infusão das folhas de erva-mate e seu chá sempre conduziram as conversas a um maior esclarecimento das ideias, debates, reconciliações; deixavam a todos mais revigorados, conectando corpo e alma. Assim diz a lenda indígena do chimarrão.

Conta a Lenda do Chimarrão que “um velho guerreiro guarani vivia triste em sua cabana pois já não podia mais sair para as guerras, nem mesmo para caçar e pescar, vivendo só com sua linda filha Yari, que o tratava com muito carinho, conservando-se solteira para melhor dedicar-se ao pai. Um dia, Yari e seu pai receberam a visita de um viajante que pernoitou na cabana recebendo seus melhores tratos. A

jovem cantou para que o visitante adormecesse e tivesse um sono tranquilo, entoando um canto suave e triste. Ao amanhecer, o viajante, confessando ser enviado de Tupã, quis retribuir-lhes a hospitalidade dizendo que atenderia a qualquer desejo, mesmo o mais remoto. O velho guerreiro, sabendo que sua jovem filha não se casara para não o abandonar, pediu que lhe fossem devolvidas as forças, para que Yari se tornasse livre. O mensageiro de Tupã entregou ao velho um galho de árvore de Caá, ensinando-lhe a preparar uma infusão que lhe devolveria todo o vigor. Transformou ainda Yari em deusa dos ervais e protetora da raça Guarani, sendo chamada de Caá-Yari, a deusa da erva-mate. E assim, a erva foi usada por todos os guerreiros da tribo, tornando-os mais fortes e valentes.” (IDECS, 2024)

Toda comunidade que compartilha o consumo da erva-mate segue os **Dez Mandamentos do Chimarrão**:

**I. “NÃO PEÇAS AÇÚCAR NO MATE:** De maneira nenhuma; o chimarrão deve ser amargo.

**II. NÃO DIGAS QUE O CHIMARRÃO É ANTI-HIGIÊNICO:** Cuia, bomba, mate, origem, tradição é coisa séria. Mais que um Mate, é uma irmandade em confraternização.

**III. NÃO DIGAS QUE O MATE ESTÁ QUENTE DEMAIS:** Se todos estão chimarreando sem reclamar da temperatura da água, é porque ela é perfeitamente suportável por pessoas normais.

**IV. NÃO DEIXES UM MATE PELA METADE:** Tu debes tomar toda a água servida, até ouvir o ronco da cuia vazia. A propósito, leia logo o mandamento seguinte.

**V. NÃO TE ENVERGONHES DO “RONCO” NO FIM DO MATE:** Se, ao acabar o mate, sem querer fizeres a bomba “roncar”, não te envergonhes. Está tudo bem, ninguém vai te achar mal-

educado. Este negócio de chupar sem fazer barulho vale para refri com canudinho, que tu podes até tomar com o dedinho levantado.

**VI. NÃO MEXAS NA BOMBA:** A bomba do chimarrão pode muito bem entupir, seja por culpa dela mesma, da erva ou de quem preparou o mate. Se isso acontecer, tens todo o direito de reclamar. Mas, por favor, não mexas na bomba. Fale com quem lhe ofereceu o mate ou com quem lhe passou a cuia.

**VII. NÃO ALTERES A ORDEM EM QUE O MATE É SERVIDO:** Roda de chimarrão funciona como cavalo de leiteiro. A cuia passa de mão em mão, sempre na mesma ordem. Para entrar na roda, qualquer hora serve, mas, depois de entrar, espera sempre tua vez.

**VIII. NÃO “DURMAS” COM A CUIA NA MÃO:** Tomar mate é um excelente meio de meditar sobre as coisas da vida. O fundamental não é meditar e sim integrar-se à roda. Numa roda de chimarrão, tu falas, discutes, ri, xingas, enfim, tu participas de uma comunidade em confraternização. Cuia não é microfone. Fala o quanto quiseres, mas não te esqueças de tomar teu mate, alguém dirá ‘Conheço um fulano que morreu com a Cuia na mão’.

**IX. NÃO CONDENES O DONO DA CASA POR TOMAR O 1º MATE:** Se tu julgas o dono da casa um grosso por preparar o chimarrão e tomar ele próprio o primeiro, saiba que grosso és tu. O pior mate é o primeiro e quem o toma está te prestando um favor.

**X. NÃO DIGAS QUE CHIMARRÃO DÁ CÂNCER NA GARGANTA:** Pode até dar. Mas não vais ser tu, que pela primeira vez pega na cuia, que irás dizer, com ar de entendido, que chimarrão dá câncer. Se aceitaste o mate que te ofereceram, toma e esquece o resto, uma vida vivida com o chimarrão valeu a pena.”

(IDECS, 2024; PORTAL DAS MISSÕES, 2024)

An aerial, grayscale photograph of a coastal town. In the upper left, a large, white, modern-looking structure with a prominent staircase or ramp is situated on a hillside. Below it, the town unfolds with various buildings, including a large, multi-story white building with a balcony. The town is surrounded by dense vegetation and overlooks a body of water in the distance.

***PARTE III***  
**DEPOIMENTOS**

*“A memória individual é aquela guardada por um indivíduo e que se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se forma, isto é, onde esse indivíduo foi socializado, este é um dos caminhos para o conhecimento do passado.”<sup>22</sup>*

A reconstituição da trajetória dos imigrantes foi elaborada por meio de pesquisa bibliográfica e das histórias familiares, através da memória pessoal e familiar. A história regional pode ser explorada como um prolongamento da história familiar e posteriormente na memória pessoal. Hoje valorizamos as redes familiares, as lembranças da infância, as tradições, documentos guardados em baús e álbuns antigos.

Neste capítulo serão descritas as memórias dos filhos e netos de Mathilde Casiraghi de Souza (1927 - 1999) e João Antunes de Souza (1929 – 2007).

Mathilde Casiraghi de Souza e João Antunes de Souza casaram-se em 10 de outubro de 1953 na Igreja Nossa Senhora Aparecida, de Moema, em São Paulo. **(Figura 39)**

Mathilde Casiraghi e João Antunes tiveram, como frutos desse casamento, cinco filhos: Maria Madalena, Rosa Helena, Paulo Roberto, José Francisco e Vera Lúcia. Em 1993, comemoraram 40 anos de casamento. **(Figura 40)**

---

<sup>22</sup>CASAGRANDE, GR. Um cheiro de vinho: presença italiana em Gramado. Porto Alegre: AGE, 2007.



Figura 39: Casamento de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)



Figura 40: Comemoração de 40 anos de casamento  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

# 1. Filhos de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza

## 1.1 M<sup>a</sup> Madalena de Souza Alvarez

Nascida em 22/07/1954, casada com Nelson Alvarez, pedagoga, 2 filhas - Tatiana e Viviane.

Eu sou a filha mais velha do casal. Recebi o nome de Maria Madalena porque nasci no dia da Santa Madalena. Foi uma surpresa para os meus pais, pois eles estavam certos de que o bebê seria um menino, cujo nome já estava escolhido com muita antecedência, e seria Paulo Roberto. Este livro é a concretização do sonho dos filhos de Mathilde e João, nutrido por eles por várias décadas.

Convivi com minha avó materna Adolphina ainda criança. A Nona esteve em São Paulo para tratamento da bronquite asmática. Ela fez um tratamento com homeopatia, quando eu tinha 8 anos de idade. Nesse período ela morou conosco por um ano. O contato com ela não foi contínuo, mas sim intenso e afetuoso; com ela aprendi a fazer as primeiras operações de matemática e a ler e escrever. O seu jeito de falar era enérgico, objetivo e caloroso. Ela era de estatura baixa, magra, cabelos brancos, sempre arrumados num coque acima da nuca, elegante ao andar e falar. Tinha dificuldade para respirar devido à bronquite asmática; por consequência a sua respiração era pesada e emitia um som alto. **(Figura 41)**

Ao olhar as fotografias antigas, surge uma evocação para conhecer os hábitos cotidianos, os utensílios domésticos, os adereços da casa, enfim isto tudo me cativa e me remete ao passado e a minha infância.

Eu tinha mais ou menos seis anos de idade quando fui visitar minha avó Adolphina em Cruz Machado, e as lembranças sensoriais



Figura 41: Avó materna Adolphina Casiraghi (ao centro) e família  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

são inesquecíveis, tais como: o aroma do pão caseiro que inundava toda a casa ao amanhecer; a cozinha enorme e sobre a mesa os pães caseiros, as geleias de frutas do pomar, a manteiga caseira e o mel; no fogão a lenha queimava dia e noite. Havia a roda do chimarrão de manhã, na hora do almoço e antes do jantar.

Era uma aventura colher os ovos no galinheiro, comer a uva direto da parreira, encher uma cesta de amora ou framboesa, andar a cavalo, correr pelos campos. São imagens valiosas que trago na minha memória até hoje. Eu e meus irmãos a chamávamos carinhosamente de “Nona”.

Era raro, mas soberbo, cada momento em que a “Nona” descrevia

sua cidade natal, Viena, as caminhadas nas montanhas, os piqueniques com os pais e a princesa Sissi<sup>23</sup>. Falava do quanto ela era linda e amada pelos súditos. Cresci ouvindo os meus pais falarem sobre as dificuldades e o trabalho árduo que os imigrantes e seus descendentes precisaram enfrentar, para alcançar o desenvolvimento do município e da região e para a sua subsistência. **(Figura 42)**



Figura 42: Princesa Sissi, Imperatriz da Áustria em 1853  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

A Nona e toda a família acordavam às cinco horas da manhã, antes do nascer do sol. Ela tomava uma cuia de chimarrão e todos alimentavam os animais antes do café da manhã.

---

<sup>23</sup>Sissi e Franz Joseph eram primos. A prometida do imperador era sua irmã mais velha, Helene. Mas, ao bater os olhos em Sissi, Franz Joseph decidiu que aquela menina de 15 anos seria a futura imperatriz da Áustria. Menos de um ano depois os dois estavam casados. Sissi, contudo, tinha outra faceta. Ela se engajou em causas humanitárias e chegou a visitar hospitais e asilos durante uma epidemia de cólera. Era linda, invejada pelos demais, envolta em uma áurea de bondade. Teve uma morte trágica: foi assassinada em 1898, aos 60 anos, em Genebra, na Suíça, por um anarquista italiano. O carisma da imperatriz da Áustria (Sissi) era semelhante ao da princesa Diana da Inglaterra.

A produção agrícola era de subsistência, e o excedente era vendido na sede da colônia ou trocado por outros produtos que necessitavam. Muitas vezes a moeda era a troca.

As crianças andavam quilômetros para ir à escola. A minha mãe foi à escola dos 10 aos 12 anos de idade, foi alfabetizada em alemão e precisou sair da escola para ajudar na lavoura.

A diversão e o entretenimento na sede de Cruz Machado para a família Casiraghi eram muito raros. Participavam somente de alguns eventos religiosos e bailes típicos, tradicionais dos colonos. É certo que passavam a maior parte do tempo em casa, nos afazeres domésticos e rurais.

Na sede de Cruz Machado os colonos conservavam sua fé, sua língua nativa (o alemão e o polonês, principalmente) e em grande parte seus costumes, como: o desenho das casas de troncos, a simplicidade, a riqueza dos interiores das casas com cores alegres.

A cozinha é bem típica, em Cruz Machado. Atualmente muitas famílias a conservam e é de uma beleza indescritível. **(Figura 43)**



Figura 43: Sra. Bobrik em sua cozinha em Sant'ana  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

A família Casiraghi era grande, a Nona teve doze filhos.<sup>24</sup> Ficou viúva estando grávida da 12ª filha, o que implicou numa sobrecarga de trabalho. Sua filha mais velha, Dermina, estava então com 19 anos. O avô Alexandre foi um trabalhador incansável. Em 1938, não se sabe ao certo o que aconteceu, ele foi encontrado morto na roça.<sup>25</sup>

A Nona educou todos os filhos com o coração e a razão, ensinando sempre a perseverança. Depositou em Deus o seu dia a dia e acreditou no trabalho. Ela cultivava hortaliças, verduras e algumas flores ao redor da casa, e tinha uma especial atenção a esse espaço. Os canteiros, após receberem tratamento com esterco retirado dos galinheiros e misturado à terra, estavam aptos para receber as sementes ou mudas.

Todos trabalhavam na lavoura e cultivavam trigo, milho, feijão, arroz, amendoim, batata, centeio, cevada, aveia, ervilha, linho, beterraba, cenoura, abobrinha, pepino, alface, alho, para sua subsistência, e o excedente era vendido na sede da colônia.

A imagem que guardo na memória da casa da Nona é a seguinte: ao abrir o portão na estrada, eu visualizava um bosque de cipreste em colunas, depois uma casa bem comprida com uma varanda no andar de cima, abaixo ficava a adega e o celeiro.

A produção de vinho era elaborada da maneira tradicional: a uva era amassada pelos pés das crianças e grande parte era vendida na seda da colônia de Cruz Machado. **(Figuras 44 e 45)** Eram colhidos no sítio de 6 a 7 mil quilos de uva, de cinco tipos: Isabela, Moscatel, Bicharaca, Terci e Casca Grossa.

---

<sup>24</sup>Dermina, Guilherme, Teodoro, Arciso, Mathilde, Cecília, Angelo, João, Nicolau, Elvira, Otto e Rosa.

<sup>25</sup>Na certidão de óbito de 21/08/1938 consta como suicídio com tiro de espingarda no ouvido direito.



Figura 44: Casa da Nona, à esquerda Mathilde, Rosa, Nona, Adélia e Otto  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Ao lado das árvores frutíferas ficava o curral, onde eram ordenhadas as vacas. Eu e meus irmãos bebíamos leite quentinho nas canecas de alumínio e tentávamos ordenhar, mas não conseguíamos. Próximo a esse local havia um marmeleiro, onde eu pude saborear a fruta, hoje tão rara. Uns quinhentos metros depois ficavam os parreirais.

Todos os filhos eram batizados na Igreja Católica e fizeram a primeira comunhão. Este fato é importante na medida em que os relacionamentos impostos pelos festejos se intensificavam e, de alguma forma, as experiências de vida eram aprimoradas e compartilhadas. Para a manutenção da bagagem cultural trazida pelo imigrante, conseqüentemente com os isolamentos essas famílias os mantiveram com maior intensidade.

Nos dias frios, chuvosos, a Nona ficava ao redor do fogão de lenha contando para os filhos as histórias dos imigrantes. O sítio ficava na 2ª Vicinal, Linha Vitória. Os amigos e vizinhos mais próximos eram os Michigan.



Figura 45: Mathilde e filhos em visita à família em Cruz Machado.

Nomeando, da esquerda para a direita: Mathilde Busch, Ermínia Busch, Olga Batman, Elisabeth Busch, (desconheço), (desconheço), minha mãe e meu pai com o Paulo no colo, e as crianças – de vestido escuro Madalena, e de vestido branco Rosa.

(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Minha mãe Mathilde Casiraghi veio para São Paulo em 1945, aos 18 anos, juntamente com a irmã Cecília Casiraghi, então com 17 anos. Conseguiram emprego em casas de famílias alemãs, por indicação de conhecidos em Cruz Machado.

O primeiro emprego da minha mãe foi como babá, no bairro de Moema, onde trabalhou durante seis anos. Os patrões eram proprietários da marca Walita. Eles precisavam de alguém que falasse alemão e minha mãe dominava o idioma.

Em 1939, Waldemar Clemente monta seu escritório de representação de material elétrico, originando uma pequena fábrica no Largo do Arouche. O nome Walita se formou da junção do nome de Waldemar com o de sua esposa, Dona Lita Clemente, que teve grande participação no desenvolvimento da empresa.

Em 1945, a Walita produz o primeiro ventilador, o primeiro a ser produzido no Brasil. A partir daí, com o fim da Segunda Guerra Mundial, o país passa a receber vários outros eletrodomésticos importados, e novos aparelhos começam a surgir no mercado. A Walita se dividia em dois setores: Projetos e Fabricação. Deste novo conceito, surgem vários aparelhos novos no mercado nacional, como a bateadeira de bolos, aspirador de pó, centrífuga, enceradeiras com uma e três escovas, ferro elétrico e outros variados. Em 1947, a Walita se torna empresa Sociedade Anônima (SA), com capital de um milhão de cruzeiros velhos, agora sendo nomeada de Eletro Indústria Walita SA.

A região que corresponde ao atual distrito de Moema, segundo os primeiros documentos da região, era uma área de grandes chácaras, que receberam imigrantes ingleses e alemães a partir de 1880. Seu crescimento econômico e populacional foi lento, assim como o dos outros bairros ao seu redor. O loteamento com área de 4.424.571 metros quadrados (184 alqueires) teve início em maio de 1913, por Fernando Arens Junior. Mesmo assim, em 1930, Moema contava com apenas cerca de 4 mil habitantes. (D'ELIA, 2011).

O bonde tinha seu traçado de itinerário desde o Largo da Sé, Rua Marechal Deodoro, Praça João Mendes, Rua Liberdade, Domingos de Moraes, Jabaquara, Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, e atingia até a atual Avenida Adolfo Pinheiro. Um parêntese merece destaque quanto à Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, pois ainda não existiam as atuais denominações da Avenida Ibirapuera, com seu traçado atual, e a Avenida Vereador José Diniz.

O bonde seguia para a várzea de Santo Amaro, com ponto final no Largo Treze de Maio, onde era feito o “balão” de retorno. Em 23 de dezembro de 1920 foi inaugurado o trecho de 1.600 m de extensão até a represa de Guarapiranga, que pretendia ligar do Largo Treze de Maio até a Capela do Socorro.

Os mais significantes sinais de crescimento aconteceram em 1960, na gestão do prefeito Faria Lima. A prefeitura retirou os bondes que vinham de Vila Mariana e tinham ponto final na estação Moema, onde os passageiros baldeavam para o bonde que ia da Estação Moema até Santo Amaro (eram duas linhas distintas, cujos pontos finais ficavam a poucos metros um do outro), pavimentou e arborizou a Avenida Conselheiro Rodrigues Alves e a Avenida Aracy (atualmente Avenida Indianópolis).

Eu lembro de um bonde que não tinha porta e eu morria de medo de cair. O ponto ficava ao lado da Igreja Matriz de Santo Amaro. Também lembro dos maquinistas e dos cobradores, que usavam um boné enorme na cabeça e um uniforme cheio de detalhes dourados. Outro detalhe que me chamava a atenção era que o cobrador ficava com o dinheiro todo dobrado entre os dedos, e aos passageiros entregava somente um ticket. Eu devia ter uns 6 anos de idade. **(Figura 46)**

As várias residências de famílias alemãs, nesse bairro, facilitaram a empregabilidade das amigas da minha mãe do Paraná, interessadas em trabalhar em São Paulo.

O segundo emprego da minha mãe foi na residência de Dona Alcinda, onde ela trabalhou até se casar. Era uma família de origem turca e houve um grande vínculo de amizade entre elas.

Em 3 de julho de 1950 minha mãe comprou um terreno de 800 metros quadrados no Bairro de Vila das Belezas, com orientação e ajuda financeira de Dona Alcinda.

Minha mãe aprendeu a fazer várias comidas turcas muito



Figura 46: Bondes em São Paulo em 1960  
(Fonte: NASCIMENTO, 2018)

saborosas, e sempre que as fazia contava as histórias e as tradições da família turca.

Dona Alcinda e o esposo foram proprietários de uma empresa de tecido em Campinas, interior de São Paulo. Em 1954 minha mãe saiu do emprego para cuidar das tarefas domésticas e da gravidez da primeira filha, seguindo a solicitação do marido.

Por muitos anos a minha mãe manteve contato e a amizade perdurou. Visitava esporadicamente a Dona Alcinda e família. A residência ficava na Avenida Nove de Julho, no centro de São Paulo. Ela nos presenteava com muitas roupas e tecidos da empresa.

As colegas de trabalho do Paraná foram grandes amigas, e esta amizade ela conservou por toda a sua vida. Este fato foi muito significativo para nossa formação, pois nós, filhos, aprendemos e criamos esse hábito.

## **O Casamento**

Aos domingos, em especial, a minha mãe e suas colegas frequentavam a missa da Igreja Nossa Senhora Aparecida, em Moema, e passavam as tardes conversando na praça ao redor da Igreja.

Essa praça era grande, com longos jardins e toda arborizada, e foi nela e nessa Igreja que ela conheceu o meu pai, namorou e se casou, isto no ano de 1953.

Após o casamento, os meus pais se estabeleceram no Bairro de São João Clímaco, próximo à Via Anchieta e ao bairro Operário, onde havia várias empresas metalúrgicas.

No Bairro da Saúde morava a irmã do meu pai, Anesina, numa casa grande com vários quartos. Ela os convidou a morarem lá até o primeiro bebê nascer.

Foi na Rua Ibituruna que nasci, às 8 horas, e foi o meu tio Otávio, esposo da tia Anesina, que escolheu o meu nome. Após o meu nascimento, os meus pais começam a construir a primeira casa no bairro da Vila das Belezas. Havia poucos vizinhos e muito mato. A estrada de Itapeverica era o único acesso ao centro da cidade.

Muitas amigas da minha mãe emprestaram dinheiro para agilizar a construção da casa, pois logo nasceria a segunda filha. Essa gratidão foi eterna, fato sempre lembrado e a história recontada por eles ao longo de suas vidas.

Em 1950, havia um sistema incipiente de transporte coletivo na região onde se localizavam os bairros em formação, Jardim São Luiz, Capão Redondo, Vila das Belezas e outros tímidos núcleos. A maioria se locomovia para o trabalho de bicicleta, meio de transporte mais eficiente na época, ou caminhando pela madrugada, onde a maioria colocava literalmente o pé na estrada, uma verdadeira legião, rumo às várias indústrias que implantaram seu parque produtivo nas cercanias de Santo Amaro.

Os ônibus coletivos eram raros, e a primeira empresa de ônibus “Viação Columbia”, a adentrar no bairro Jardim São Luiz, fixou seu ponto final próximo à “Capelinha Penhinha”, no entroncamento da Avenida João Dias com a Avenida São Luiz, depois alterada para Avenida Maria Coelho Aguiar.

A Estrada de Itapecerica da Serra nos anos de 1955 era de terra batida com pedriscos, e margeada por grandes chácaras de hortaliças, frutas e olarias, principalmente na Vila das Belezas.

O transporte coletivo era feito por uma linha de ônibus que fazia o Vale do Anhangabaú até Itapecerica da Serra, e outra que saía de Santo Amaro – todas da Empresa Expresso São Paulo – Itapecerica, até os anos de 1960. Depois assumiu essa linha a Empresa São Luiz Viação Ltda, hoje chamada de Viação Campo Belo, com sede no bairro de Vila das Belezas, fazendo parte do Consórcio Sete, idealizado pelo Sistema de Transporte Metropolitano de São Paulo, SPTRANS.

A Vila das Belezas foi testemunha de muitos fatos interessantes, como a passagem da boiada que vinha da fazenda Santa Gertrudes, da família Eder, que ficava na Estrada de Itapecerica logo após o bairro do Valo Velho, do lado esquerdo (logo abaixo do trecho Sul do Rodoanel). Ainda hoje existe a portaria com a inscrição da fazenda, em abandono total. Essa boiada ia para o matadouro de Santo Amaro, (atualmente é o Shopping Boa Vista).

O Frigorífico Eder produzia, entre muitos produtos, a famosa salsicha Santo Amaro. Em 1º de junho de 1923, Alexandre Eder e Max Satzke adotaram a razão social “Alexandre Eder & Cia - Frigorífico Santo Amaro”, e se esforçaram para fortalecer o negócio, adquirindo outras propriedades para ampliar a nova fábrica no município de Santo Amaro. A cidade, nessa época, possuía reduzido número de empreendimentos industriais. Iniciaram as atividades nesse pequeno frigorífico, instalado na Rua Isabel Schmidt, depois ampliado até a

esquina da Avenida Adolfo Pinheiro. Na época, os grandes frigoríficos instaladas na capital eram a Swift do Brasil, a Armour e o Frigorífico Matarazzo, precursores nesse setor.

Quando a boiada passava, a criançada ficava em cima dos barrancos jogando pedra e gritando, até o tocador do berrante ameaçar a molecada. Outro acontecimento no bairro era a passagem dos ciclistas da prova Nove de Julho, corrida anualmente, que saía de Itapeverica da Serra e ia até o Centro da Capital.

Também passavam por ali os romeiros de Santo Amaro, que vão até Bom Jesus de Pirapora, romaria que ocorre até os dias de hoje.

A partir de 1972 até os dias atuais, a Vila das Belezas tem sua própria romaria, fundada por Benedito Pires de Borba, já falecido, sendo hoje comandada pelo seu filho Jair Pires de Borba.

Hoje, passam carros, caminhões, motos, ônibus, nas vias duplicadas em corredores exclusivos, e uma linha de metrô, com duas estações no bairro. Nada mais lembra o antigo bairro das pequenas casas com grandes quintais de cercas-vivas floridas.

A especulação imobiliária vem tomando conta de tudo, com a aproximação da região do Morumbi, onde os prédios brotam e crescem de um dia para o outro, assustadoramente, vindo em direção ao nosso bairro como um rolo compressor. Situação que nos antecipa o que acontecerá em breve, com o progresso desenfreado, a perda da identidade do bairro, a perda de seu bucolismo e a falta de qualidade de vida.

Remetendo novamente à nossa casa, ela sempre estava cheia das amigas da minha mãe, sendo a maioria de Cruz Machado, ouvindo as músicas alemãs, os discos de 78 rotações, os bailes, as risadas, a alegria jovem... Alguns nomes me vêm à memória: Lucia Busch, Ermínia Busch, Mathilde Busch, Rosa Schuwartz, Joana, Bento, Emília, Érika, Elvira e Rosa Casiraghi. **(Figuras 45 e 47)**



Figura 47: Amigas da minha mãe, Mathilde Casiraghi  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

As amigas de Cruz Machado sempre estiveram presentes nas festas juninas. À esquerda minha mãe com o meu irmão Paulo, minha irmã Rosa, Rosa Schuwartz, Regina Schuwartz, Joana Schuwartz, (desconheço), Olga Batman, Elvira Casiraghi e Madalena.

Aprendi com a minha mãe a cuidar das hortaliças, do galinheiro, dos porcos, dos coelhos e das orquídeas. No jardim, a minha mãe sorria e era feliz. Ela criava verdadeiros mosaicos de várias espécies de flores e plantas no entorno da casa. Esse local era de visitação incondicional. As visitas de familiares e amigos ao jardim eram acompanhadas de pedidos e ou doações de mudas de temperos, chás, flores e plantas diversas. Com enorme satisfação, com doces palavras e um sorriso encantador, ela cativava a todos que visitavam o seu jardim, sempre contava a história de cada plantinha, de quem ganhou, de onde trouxe,

o seu perfume, como demorou a crescer, se precisava de sombra ou de sol, qual era a predileta do beija-flor, enfim, era uma viagem ao relaxamento e um momento único para saborear a natureza.

Ela também incorporou na nossa família o gosto pelo chimarrão. Era com muito prazer que nos finais de tarde, ao redor do jardim, saboreávamos o chimarrão, juntamente com seu delicioso pão caseiro e suas bolachas e quitutes.



Figura 48: Família reunida embaixo da mangueira  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Os filhos Madalena, Vera e José Francisco, a neta Tatiana, o genro Nelson e os meus pais tomando chimarrão ao redor das orquídeas suspensas no jardim. **(Figuras 48 e 49)**



Figura 49: João e Mathilde, com as orquídeas  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Nos dias chuvosos e frios a nossa mãe costumava fazer bolinhos de chuva. Eu ficava tão feliz com aquele aroma de canela...! E também porque sabia que ela era toda nossa, pois nesse dia ela contava suas histórias e jogava tômbola<sup>26</sup> conosco. Eram momentos únicos! Ela nos contava que, para ir à escola, andava cinco quilômetros, descalça e com pouco agasalho, e ao chegar à escola os seus pés estavam congelados, pois a geada era rigorosa por volta de 1938 e 1939.

Meu pai João Antunes de Souza nasceu na cidade de Monte Azul, em Minas Gerais, onde os seus pais também nasceram. Ele foi o sexto filho de uma família de dez filhos (Souza, Sebastião, Anézia, Anesina, Antônio, João, Joana, Maria, José e Joaquim).

Foi criado em um sítio onde todos trabalhavam na lavoura da família.

---

<sup>26</sup>Jogo de loto em que ganha quem primeiro enche um cartão inteiro. Fonte Wikipédia.

Seu pai morreu quando ele tinha 12 anos, o irmão mais velho tinha 17 anos e o mais novo 5 anos. As condições de vida pioraram e ele não teve recursos para cursar a escola.

Começou a trabalhar com 7 anos de idade na lavoura de café. Trabalhou na fazenda Arrubiaça, município de Araçatuba, até 8 anos de idade. Mudou-se para o município de Lins, onde veio a trabalhar na lavoura de café durante 4 anos, e depois foi para o plantio de algodão, onde permaneceu por mais 4 anos. Com 12 anos de idade sofreu um acidente: carregava um fardo de algodão quando caiu em um buraco, machucando a coluna, e em virtude desse acidente foi portador de um defeito físico nas costas (uma costela saltou para fora). Esse fato o deixou muito complexado na infância, na juventude e na fase adulta também. Sofreu discriminação ao longo da vida.

Eu pude perceber que na velhice esse fato já não o incomodava. Certa vez, quando passeávamos num shopping em São Paulo, ele declarou: “Hoje posso andar normalmente, as pessoas não reparam mais no meu defeito, sinto-me normal, igual a todo mundo, os jovens de hoje são diferentes, aceitam tudo com mais naturalidade.”

Em 1944 ele mudou para Lucélia, onde foi engraxate e ainda limpava o cinema para ganhar ingressos. Ele apreciava muito filmes de “bague-bague”; na velhice passava as tardes assistindo esses filmes.

Em 1946 mudou para Jaboticabal, trabalhou como garçom no Bar e Café do Centro. Mudou para Tupã em 1947 e foi trabalhar numa fábrica que não tinha nome. Ficou sem registro por 3 anos, e com o tempo a indústria passou a denominar-se Fábrica de Tamancos e Chinelos “Sagres”. Só então conseguiu ser registrado, em 10 de agosto de 1949. Trabalhava fazendo os tamancos, na venda e na entrega deles.

Chegou aos 22 anos em São Paulo e, em 15 de maio de 1951, ingressou na empresa Arno, onde trabalhou até 13 de fevereiro de 1979, quando se aposentou. Pela eficiência e bons serviços, ele teve a oportunidade de trabalhar em todas as unidades da empresa.

Casou-se aos 25 anos com a minha mãe Mathilde, em 10 de outubro de 1953, na Igreja Nossa Senhora de Aparecida, em Moema, São Paulo.

Ele foi uma pessoa muito comunicativa e versátil. Teve um grande círculo de amizade. Gostava de jogar futebol, participava do time da Arno e do time do Bairro de Vila das Belezas, sempre aos domingos. Apreciava acampar e, sempre que tinha oportunidade, ia ao litoral com a família e amigos.

Seu divertimento predileto era a pescaria, com os amigos da Arno e com seu irmão José, no rio Paranapanema. **(Figura 50)**

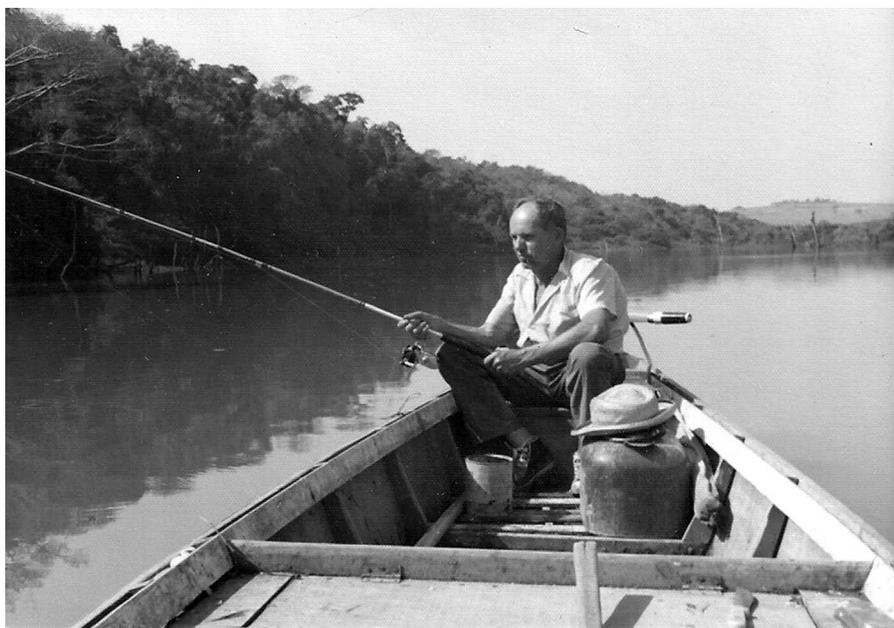


Figura 50: João, pescando no Rio Paranapanema  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

O meu pai apreciava muito as festividades juninas. Em casa elas aconteciam sempre no dia 24 de junho, dia de São João, devido ao seu nome.

A minha mãe, os familiares e amigos preparavam as comidas e bebidas típicas. Era uma semana cheia de afazeres e de alegria: as crianças produziam as bandeirinhas, a fogueira com madeira recolhida pelo bairro, balão, correio elegante, cadeia; o meu pai comprava os rojões para os adultos e algumas caixinhas de bombinhas para as crianças; era uma alegria sem igual.

As músicas cantadas pelo meu pai e familiares eram sempre acompanhadas pelo acordeon (sanfona) do Tio Zé (José), irmão do meu pai, e pelo violão e pandeiro tocados pelo meu pai.

A música, a dança, a festa, a alegria em família sempre estiveram presente na minha infância, adolescência e fase adulta.

O meu irmão Paulo teve aula de música, por imposição do meu pai. Ele aprendeu a tocar acordeon, instrumento muito pesado, e minha mãe era quem carregava o instrumento até a escola musical. **(Figuras 51 e 52)**



Figura 51: Família reunida, ainda criança, ensaiando com os instrumentos musicais. Da esquerda para a direita: Zeca com pandeiro, prima Fatima com cavaquinho, prima Irene atrás com violão, Madalena com chocalho, Paulo com a sanfona e Rosa com violão.

(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Todos os filhos aprenderam a gostar de música e brincávamos que tocávamos. O meu pai tinha uma voz belíssima, um timbre bem alto, “meio tenor”.

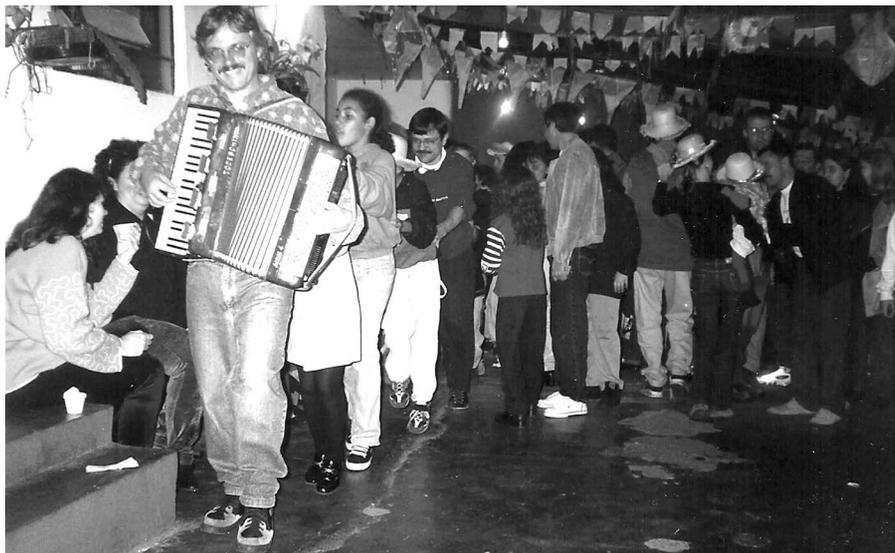


Figura 52: Festa Junina na casa dos meus pais e o meu irmão Paulo tocando sanfona (Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

O meu pai e os seus irmãos, quando adolescentes, tocavam e cantavam em várias fazendas, no interior do Estado de Minas Gerais. Eles tinham um conjunto musical “sertanejo”, tocavam por prazer, por diversão. Viviam da agricultura, trabalhando como empregados, pois não possuíam terras. Nas palavras do meu pai, “viviam como boia-fria”. Mudavam de município com frequência, à procura de trabalho. A família viveu crises políticas duras: consequências da Segunda Guerra Mundial, as guerrilhas do cangaço<sup>27</sup> e a ditadura militar<sup>28</sup> (entre 1960 e 1970).

---

<sup>27</sup>Cangaço foi um fenômeno ocorrido no Nordeste brasileiro de meados do século XIX ao início do século XX. O cangaço tem suas origens em questões sociais e fundiárias do Nordeste brasileiro, caracterizando-se por ações violentas de grupos ou indivíduos isolados: assaltavam fazendas, sequestravam coronéis (grandes fazendeiros) e saqueavam comboios e armazéns. Não tinham moradia fixa: viviam perambulando pelo sertão, praticando tais crimes, fugindo e se escondendo. Fonte Wikipédia.

<sup>28</sup>A Ditadura Militar foi um período da política brasileira em que os militares governaram o Brasil. Essa época vai de 1964 a 1985. Caracterizou-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar.

Meus tios e meu pai eram sempre convidados a cantar nos finais de semana, nas fazendas onde havia muitos imigrantes italianos, trabalhando nos cafezais. Ele contava que as italianas eram muito bonitas e que choravam de saudade da terra natal, quando os ouviam cantar.

O meu tio Zé<sup>29</sup> estava sempre presente nas festas juninas em nossa casa, com seu acordeon e seus colegas de trabalho (ele foi encanador e tinha uma equipe de trabalho). Na ocasião das festas juninas o meu pai tocava pandeiro e, às vezes, cavaquinho (ele tocava um chorinho maravilhosamente). Eu tocava chocalho, e a minha irmã Rosa violão (na verdade nós brincávamos de tocar).

O meu pai gostava muito de falar sobre os movimentos políticos que ele vivenciou. Era simpático ao ex-presidente Getúlio Vargas, devido à legislação trabalhista; Getúlio era um ídolo para ele. **(Figura 53)**

Não gostava dos comunistas e foi simpatizante do ex-presidente Jânio Quadros. Até guardava uma vassourinha como lembrança de campanha eleitoral.<sup>30</sup> Ele admirava a oratória do ex-presidente. **(Anexo V)**

Meu pai era analfabeto funcional, foi alfabetizado quando adulto no programa do MOBREAL,<sup>31</sup> dentro da fábrica Arno, onde trabalhou por 28 anos. Porém, sabia ouvir as pessoas e os noticiários diariamente, era vivaz, inteligente e hiperativo.

---

<sup>29</sup>Irmãos do meu pai: Tio Zé (José), Souza, Antonio, Anezina, Sebastião, Joaquim, Anésia, Joana e Maria.

<sup>30</sup>Na campanha de 1960, o candidato presidencial Jânio Quadros e a classe média que o apoiava muniram-se de vassouras para “limpar a vida pública” dos males dos governos populistas que conduziam o Brasil desde o fim da ditadura do Estado Novo, em 1945. O utensílio foi transformado em estandarte de palanque em um País ressabiado com a crise econômica que se avizinhava por tentativas de golpe. A vassoura estava presente até no jingle da campanha, em ritmo de marchinha.

<sup>31</sup>MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Programa criado em 1970 pelo governo federal com objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. O Mobral propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando “conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida”. O programa foi extinto em 1985 e substituído pelo Projeto Educar.



Figura 53: Campanha de Jânio Quadros  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Por muitos anos ele usou a bicicleta como meio de transporte. A empresa Arno ficava no Bairro Ipiranga, que era conhecido como bairro industrial, pois havia muitas fábricas, as quais aproveitavam as facilidades proporcionadas pela proximidade com os trilhos que ligavam a capital com o litoral e o interior.

O bairro do Ipiranga fica próximo ao rio Tamanduateí, onde havia bondes e ônibus com o letreiro da fábrica. Por muito tempo eu ouvi o meu pai falar do ônibus fábrica e não entendia o motivo.

Em 1947, com a inauguração da Rodovia Anchieta, esse bairro só viria a reforçar o desenvolvimento industrial. Três anos mais tarde, o então chamado “Bairro Operário” desponta como um dos mais industrializados da capital paulista, instalando-se as primeiras

grandes montadoras, como: Ford, Volkswagen e Vinga, entre a Rua do Manifesto e a estação ferroviária.

O meu pai foi um trabalhador incansável, dedicado, pontual e rigoroso. Trabalhava em média 12 horas por dia, pois recebia por produção. Foi torneiro mecânico e era reconhecido dentro da empresa como “funcionário modelo”. Quando surgiam novos produtos ou novos projetos, ele era frequentemente consultado pelos engenheiros e projetista.

Quando completou 10 anos de empresa, foi agraciado com um distintivo de ouro, e aos 20 anos de trabalho foi agraciado com um relógio de ouro da empresa, como forma de reconhecimento à dedicação. Este prêmio lhe foi entregue pelo presidente da empresa, Carlos Arno, que fundou a indústria de eletrodomésticos Arno. **(Figura 54)**

Outro reconhecimento foi o diploma de “Operário Padrão”, entregue a ele também por Carlos Arno, pela sua capacidade individual em transformar matéria bruta em objeto de muita qualidade, ter um bom convívio com os seus colegas e superiores e atingir sempre as metas de trabalho propostas. **(ANEXO VI)**

O prêmio foi concedido em 23 de setembro de 1977, pela Câmara Municipal de São Paulo, sob o Número 005757, Processo 2422-77, por meio do Presidente da Câmara, Roberto Cardoso Alves. Ele ficou muito honrado e sempre lembrava com orgulho os seus prêmios bem-merecidos. **(Figura 55)**

Torceu sempre para o time do Santos Futebol Clube, por simpatia, pois admirava o jogador Pelé como pessoa e profissional.



Presidência

Câmara Municipal de São Paulo

005757

D.E. - Exp. 2

São Paulo, 13 de setembro de 1977.

Proc. 2 422-77

Prezado Senhor,

Cumpre-me encaminhar a Vossa Senhoria cópia autêntica do Requerimento nº P-275-77, de iniciativa do Vereador Mário Hato e outros.

Na oportunidade, apresento a Vossa Senhoria os protestos de minha distinta consideração.

ROBERTO CARDOSO ALVES  
Presidente

A Sua Senhoria o Senhor João Antunes de Souza.

nf.

Figura 54: Reconhecimento à dedicação à empresa ARNO  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

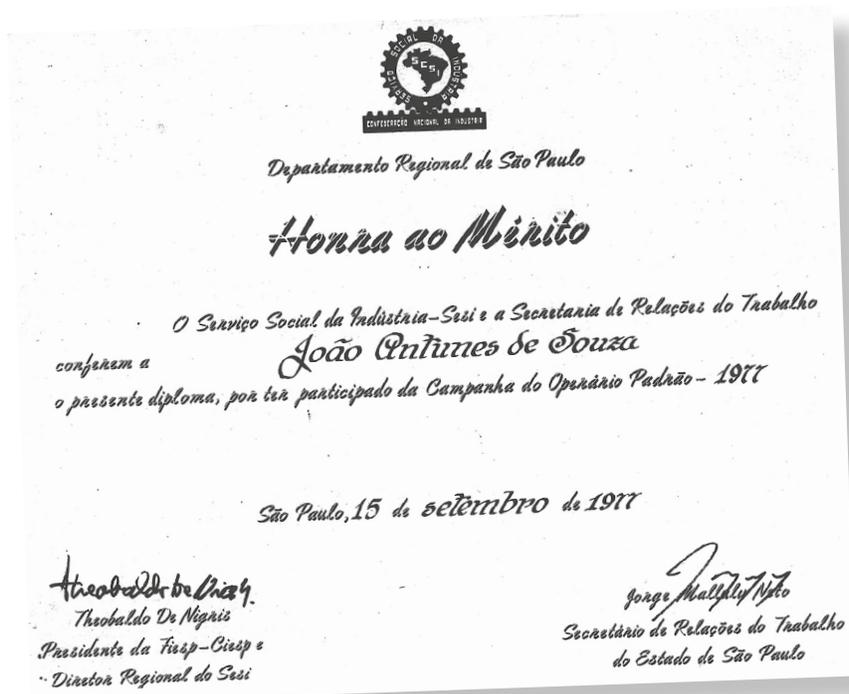


Figura 55: Diploma de Operário Padrão  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

## O cotidiano

O meu pai usava a bicicleta como meio de transporte, porque havia poucos ônibus e, às vezes, o único meio de transporte para ir ao trabalho era a bicicleta. A empresa era a Arno, que ficava a 30 quilômetros de distância de nossa casa. Consequentemente, a minha mãe acordava às quatro horas da manhã e preparava o café da manhã e o almoço para ele, enquanto os cinco filhos dormiam. Ela geralmente não voltava a dormir; ia para o poço puxar água com baldes para as tarefas do dia, como: lavar roupa, molhar a horta e os jardins e para o uso na cozinha e banheiro.

## Religião

A religião sempre esteve presente em nossas vidas. No bairro da Vila das Belezas, onde morávamos, havia a Paróquia da Nossa Senhora de Fátima, onde passamos grande parte da nossa infância ativamente: na cruzada, filha de Maria, grupo de jovens, coroinha, e demais atividades. Foi uma vivência marcante em nossas vidas! Nesse contexto, houve um seminarista que fez parte dessa comunidade, do qual não me recordava. Só agora, depois de 40 anos e através desta pesquisa, vim a saber que era o meu primo Ernesto Casiraghi, que participou também dessa comunidade. A comunidade era formada pelo Padre Mauro Baptista, Padre Felisbino, o seminarista Rômulo, irmã Maria e irmã Tereza. Esses mestres espirituais e intelectuais ajudaram e influenciaram na nossa boa formação. **(Figura 56)**

Estão na  
**Figura 56**  
Madalena (à  
direita) e Rosa  
(à esquerda),  
com o uniforme  
da Cruzada; à  
frente Vera, os  
irmãos Paulo (à  
esquerda) e Zeca  
(à direita); e ao  
fundo meu pai.



Figura 56: Visita à Paróquia da Nossa Senhora de Fátima  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)



Figura 57: Visita à Basílica de Aparecida  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Na **Figura 57**, ao fundo a Nona, meu pai e minha mãe, à esquerda Rosa, Madalena, Paulo, Zeca e Vera. Uma vez por ano os meus pais iam à Basílica de Aparecida do Norte.

## **Uma breve história da comunidade religiosa**

A capelinha de Vila das Belezas foi construída em 1950, ano em que o Senhor Joaquim Nunes Teixeira, morador da Vila das Belezas desde o ano de 1930 e católico fervoroso, foi a Portugal buscar a imagem de Nossa Senhora de Fátima, confeccionada (esculpida) em cedro para a futura igreja.

O terreno da parte baixa da Vila das Belezas, entre a Estrada de Itapecerica e o córrego do Morro do “S”, era do Senhor José Abrantes, inclusive a área da futura igreja. Vale salientar que, primeiramente, ali era a Fazenda do Chá, que depois foi dividida pela Dona Benta, sendo uma parte doada aos “escravos” e descendentes, e outras partes vendidas. Um dos compradores, de “uma certa porção”, foi o Senhor José Abrantes, que já possuía terras lá pelo lado do atual Parque Arariba, após o córrego do Morro do “S”.

A sociedade do Verbo Divino já se fazia presente na comunidade, onde eram realizadas missas campais nas proximidades da Gruta (Padres Rosa, Nunes, Zacharias Carboni, entre outros).

Em 3 de abril de 1957, reuniu-se um grupo de pessoas com o objetivo de construir a Capela de Nossa Senhora de Fátima, tendo como presidente o Sr. Joaquim Nunes Teixeira. Assim, com o árduo trabalho do Padre Zacharias, foi construída a Capela.

Com o tempo e o auxílio do Padre Antônio, começaram a ser formados os grupos ativos na comunidade, como: a Congregação Mariana, o Apostolado da Oração, a Cruzada Eucarística Infantil, todos portando uniformes e fitas; além da Sociedade de São Vicente de Paula e a Legião de Maria.

A igreja tinha um jornal de divulgação da fé, chamado “A voz de Fátima”, dirigido por um jornalista, Juarez Callado, morador do bairro. O fotógrafo que mais trabalhava na paróquia era o Mario, que tinha

sua loja na esquina da Estrada de Itapecerica com a Rua Um, hoje Rafael Proença, chamada “Foto Tóquio”, que desde 2005 não existe mais. Religiosamente não podemos esquecer os seminaristas do Verbo Divino, que muito atuaram nas missas, como Carlos Alberto, José Sebastião, Mariano e outros.

Importante destacar que, em 1961, criou-se uma das maiores e mais atuantes comissões em prol da construção da igreja, e em 27 de janeiro de 1963, com a presença do Padre Miguel Conde, o Sr. Joaquim Nunes Teixeira comunicou que doaria todos os terrenos para a construção da igreja.

Neste mesmo ano o Padre Mauro Baptista, natural de Barra Mansa, Rio de Janeiro, recém-formado, chega com grande entusiasmo para substituir o Padre Miguel Conde. Padre Mauro criou diversas campanhas para a construção da matriz, como: do tijolo, do cimento, das telhas, dos bancos e muitas outras, que culminaram na construção da Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima. Depois, com o trabalho de leigos e leigas, ele formou mais 6 seis outras comunidades: São Francisco de Assis (Parque Arariba), Nossa Senhora da Penha (Jardim Monte Azul), São Sebastião (Jardim Novo Oriente), São Roque (Jardim São Roque), Santa Rita de Cássia e São João Batista (Jardim Casablanca) e Divino Espírito Santos (Parque Regina).

### **A luta da comunidade**

Várias lutas foram desencadeadas na comunidade da região, comandada pelo Padre Mauro. Entre elas, uma para trazer melhorias, como asfalto, linha de ônibus, creche, moradia, associação antialcoólica, escolas, posto de saúde, e para trazer orientações aos jovens com programas e concursos de poesia, teatro, gincanas e tantas outras. Entre outros programas, ele criou e organizou pastorais, serviços e

movimentos, como: pastoral do batismo, da saúde, de jovens, o clube das mães, o programa “O Sopão”, os Vicentinos.

A comunidade crescia e com ela grupos se formavam, como o grupo de jovens iniciado por Shigue Nakanose, que se tornou padre, Ana, Dinha, Soró, Airton, Paulinho, Lourdes, Ângela, Cida, Paulo, Chicão. Outro grupo de jovens surgiu com Aparecido, mais conhecido como Cido, e sua mãe, José Carlos, Roseli, Mauro, Vera, Dagoberto e Joel. Grupos pós-catequese apareceram depois, comandados pelo Mariano, que também se tornou padre. Ele era nascido no bairro e o grupo se chamava Arco-íris, grupo de crisma e catequese, idealizado

Na  
**Figura 58,**  
Padre Mauro,  
batizando  
minha primeira  
filha, Tatiana,  
eu, meu  
marido Nelson  
e a madrinha  
Teresinha.



Figura 58: Batizado de Tatiana  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

por eles. Enfim, Padre Mauro era um homem da igreja. Seu pensamento e sua ação tiveram sempre um cunho eclesial e missionário. Foi membro do primeiro conselho de presbíteros da Arquidiocese de São Paulo. Na antiga Região Episcopal de Itapecerica da Serra, era figura imprescindível. Criada a Diocese de Campo Limpo, ele continuou prestando o serviço com sua inteligência, sua cultura teológica e experiência pastoral. Ele dizia: “Sou feliz por ser negro e por ser padre”. Órgãos como CNBB e CRB tiveram sua colaboração na área de Evangelização e das culturas oprimidas da pastoral urbana.

O Padre Mauro Baptista fez o batizado da minha filha Tatiana.



Figura 59: Batizado de Viviane  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Na **Figura 59**, batizado da minha segunda filha, Viviane, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, no Bairro da Vila das Belezas, com o Padre Patrick.

Padre Mauro Baptista faleceu aos 61 anos de idade (17/09/1935 – 25/01/1995). A morte veio de repente a esse grande apóstolo. Nos seus últimos três anos de vida, apesar de nunca se queixar, algumas pessoas viam em seu olhar um sofrimento; ele transpirava muito e foram anos finais de pura purificação interior. Porém, o tempo todo ele manteve sua principal característica, que era transmitir aos fiéis sua palavra de salvação e alegria. Toda sua história na Igreja Nossa Senhora de Fátima, em Vila das Belezas, não foi em vão, pois deixou bons exemplos e muitas obras. A gratidão do povo ficou clara em seu velório de corpo presente, e pela multidão que acompanhou o seu sepultamento.

Após o falecimento do Padre Mauro, vários párocos e vigários passaram pela paróquia: Padre Patrick, padre irlandês que ficou um bom tempo na paróquia; em 2009, tivemos como Pároco Padre Danilo Mafficini e como Vigários Padre Agnaldo Barbosa da Silva e Padre José Tadeu Silva Ferreira.

## **Educação**

Quando os meus pais mudaram para a Vila das Belezas, em 1952, o Grupo Escolar Bairro das Belezas passou a funcionar num barracão de madeira, na Rua Aristodemo Gazzotti. Através da primeira ata (1952) é possível verificar que o primeiro mobiliário da escola foi emprestado pelo Grupo Escolar de Santo Amaro, pois a escola foi aberta com quarenta alunos matriculados em cada sala de aula, mas o convênio não entregou o mobiliário.

Nos dias 25 e 26/08/1961, o então chamado Grupo Escolar Prof. Renato Braga (em homenagem ao antigo diretor do G. E. Santo Amaro) mudou-se para outro barracão, na Rua Josefina Moretti, endereço atual da Escola Estadual Alberto Braga. **(Anexo VI)**

A família foi sempre o ponto primordial na educação dos meus pais. Eles costumam dizer que a união, o amor e a família eram tudo

na vida. Todas as datas comemorativas eram festejadas com a família presente, sempre com a mesa farta, música, dança, alegria, chimarrão e bate-papos. A reunião em família estará sempre presente em nossas memórias, de filhos e netos. **(Figuras 60 e 61)**



Figura 60: Aniversário da Viviane e da Vovó Mathilde  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Os aniversários da filha Viviane e da minha mãe, como eram em datas próximas, geralmente comemorávamos juntos.



Figura 62: Almoços em família  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Com os netos já crescidos, os meus pais estavam sempre presentes nas férias de fim de ano e, com o maior prazer, jogavam cartas (tranca) e contavam histórias de sua infância. **(Figura 63)**



Figura 63: Mathilde, filha Vera e netas Rebeca e Bárbara  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Nos encontros de família, todos adoravam tirar fotos reunidos. Como minha irmã Vera mora em Rondônia, sempre que nos reunimos tirávamos fotos juntos. **(Figura 64)**



Figura 64: Foto tradicional na escada da Família Souza  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Na **Figura 64**, meu pai João, minha mãe Mathilde e seus filhos: Rosa, Madalena, José Francisco (Zeca), Vera e Paulo.



Figura 65: Natal de 1997 – Família Souza  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Na **Figura 65**, nomeando da esquerda para a direita: os netos Filipe, Viviane, Israel, Jessica, Barbara, Tatiana, Sabrina, Tamiris no colo da Renata, Rebeca e Ellen. Marilice, vô João, vó Mathilde, Madalena, Vera, Arthur e Rosa, Zeca, Marjorie no colo do Paulo, Miriam e Nelson.



Figura 66: Natal de 1997 – netos da Família Souza  
(Fonte: Arquivo pessoal de Madalena Alvarez)

Na **Figura 66**, nomeando os netos: Jessica, Marjorie, Ellen com Tamiris no colo, Israel, Barbara. Felipe, Sabrina, Viviane, Renata, Tatiana e Rebeca.

## **1.2 Rosa Helena de Souza Almeida**

Nascida em 17/06/1955, casada com Arthur Velloso, 2 filhas – Renata e Sabrina.

Segunda filha do casal João Antunes de Souza e Mathilde Casiraghi de Souza.

Antes de falar um pouco sobre a história de nossa família, das lembranças mais marcantes, gostaria de parabenizar minha irmã Madalena, pela iniciativa e a oportunidade de nos presentear com este novo momento, o da recordação.

Um episódio que logo me chegou à atenção, foi quando minha mãe, um certo dia, quando éramos pequenos, nos perguntou o que gostaríamos de ser quando crescêssemos. A Madalena queria ser química, eu jornalista, o Paulo médico, o Zeca (José Francisco) engenheiro, e a caçula Verinha, infelizmente não lembro.

Minha mãe um dia acreditou que eu seria uma escritora e que escreveria a história da família. Fiquei muito feliz em saber que alguém, pelo menos, estaria realizando esse velho sonho dela.

Minha cabeça está borbulhando. Tudo me chega à mente ao mesmo tempo. Tenho que organizar meus pensamentos, para tentar ser breve, mas bem consistente.

Em 1962 a Nona, Adolphina Casiraghi (avó materna), esteve em São Paulo. Nós desfrutamos dessa deliciosa companhia por um ano. Lembro-me bem, quando ela se sentava para me ensinar “aritmética” – era assim que dizíamos. Eu chorava, porque ela tentava me ensinar a prova dos nove do jeito dela, mas a professora ensinava de outra maneira.

Eu acreditava que, como ela era só uma idosa, provavelmente a professora é quem estaria certa. Bem mais tarde eu compreendi que as duas estavam certas. Mas até então, como eu chorei!

A Nona era uma senhorinha “miudinha”, frágil, de cabelos bem grisalhos e aqueles olhos azuis – ou seriam verdes? Não me lembro muito bem. Só sei que minha mãe estava muito feliz. Meu pai a respeitava muito e era sempre solícito, sempre querendo agradá-la. Se não fosse esse período, acredito que pouco me recordaria dela. Era difícil fazer uma viagem com 5 crianças até o Estado do Paraná. Havíamos feito esta viagem quando eu tinha 4 ou 5 anos de idade.

Voltando ao ano de 1962, foi um ano esclarecedor. A Nona nos contou sobre a “Áustria”, sua terra natal. Nos contou do Castelo da Imperatriz Elisabeth “Sissi”, dos livros e filmes. Acho que meu fascínio por castelos remonta dessa época. Reis, rainhas, príncipes, princesas, sempre estiveram em minha preferência nos livros e filmes.

Posso dizer que finalmente, em agosto de 2008, estive em Viena e conheci o palácio Schönbrunn, onde a Imperatriz Elisabeth viveu. Parecia que eu estava num conto de fadas! Enquanto passeava com o fone de ouvido (tradução em italiano), eu deslizava pelos corredores e imaginava como eram as figuras daquela época.

Não estou certa se minha avó, quando adolescente, ao chegar no Brasil, teria sentido algo parecido, mas acredito que não. A vida nos prepara surpresas.

Quando minhas filhas Renata e Sabrina optaram pela carreira de bailarina, eu não poderia imaginar que, um dia, elas poderiam vir a morar tão longe de mim e tão perto da Áustria. Elas moram e trabalham desde 2001 (23 anos), precisamente na cidade de Karlsruhe (Alemanha). Já estiveram por três vezes na Áustria.

Minha filha mais velha (Renata) não dança mais o ballet clássico, mas dá aulas de ballet e trabalha na área de eventos. A Sabrina também não dança mais, mas dá aulas de Pilates e trabalha como instrumentadora cirúrgica. Ambas são orgulho para mim! Aos 18 anos, uma de cada vez foi procurar o seu destino, num país estrangeiro, sem

falar o idioma, apenas buscando o reconhecimento de uma arte, que não é tão valorizada no Brasil, o ballet clássico.

Concluindo e falando um pouco sobre mim, sou casada há 45 anos com Arthur Velloso de Almeida Filho. Moramos na cidade de São Paulo, há 43 anos no mesmo endereço. Aliás, nossa casa foi construída no terreno onde meus irmãos e eu brincávamos quando crianças.

Nesse pedaço de chão havia uma enorme árvore, a nossa paineira. Nosso pai confeccionou alguns balanços nos galhos dessa majestosa árvore. Era lá que aconteciam as nossas maiores travessuras, pois ficava um pouco distante da casa e não ficávamos tão visíveis aos olhos de nossa mãe.

Na primavera, essa paineira soltava flocos de algodão, que adorávamos pegar. Minha mãe costumava chamar o meu pai de “vechio” ou “chatz”, o que ele retribuía com “vetchia” ou “chatz” também. Palavras importadas do vocabulário da minha mãe, descendente de italiano e austríaco, e costume local de Cruz Machado, cidade do Paraná onde minha mãe nasceu e cresceu.

As amigas de minha mãe, do Paraná, também falavam alemão, quando se reuniam aos domingos em nossa casa, para um café da tarde; era maravilhoso!

Quando crianças, adorávamos receber as visitas, pois elas nos traziam balas e doces. Minha mãe servia chá de erva-cidreira ou café com leite, em suas belíssimas xícaras de porcelana, e pão com mortadela da Ceratti. Guardo até hoje uma xícara de lembrança/recordação. Nós íamos à padaria, que não era tão perto, para comprar pão quentinho e aquela mortadela cheirosa da Ceratti – era uma tentação! Que saudades daqueles domingos!

A tia com que mais tenho contato é a tia Cecília Casiraghi. Fui visitá-la algumas vezes e falo por telefone em épocas especiais. Hoje com 95 anos (20/05/1928), é a pessoa que mais identifico com minha

falecida mãe. A voz da tia Cecília é muito parecida com a de minha mãe. Gosto de conversar com ela, pois é calma, lúcida, saudável, e está sempre disponível para conversar, desabafar e ou simplesmente matar a saudade.

Finalmente, gostaria de registrar aqui que, toda noite, agradeço a Deus pela família que Ele me deu. Peço que abençoe os que Ele recolheu e continue abençoando todos os que aqui vivem sob os cuidados e proteção D'Ele.

Atualizando alguns dados em maio 2023... Sabrina casou-se em 2012 com o alemão Raphael, que adotou o sobrenome dela. Bem atípico, não é? Segundo ele, Schmidt é um sobrenome muito comum na Alemanha, por isso hoje é um Velloso de Almeida. Eles têm uma linda filha, hoje com 7 anos, que se chama Stella Raphaela.

Sabrina parou de dançar em 2019. Fez um curso de instrumentadora cirúrgica e trabalha há mais de um ano.

A Renata casou-se em 2015 com um alemão chamado Ingo Flikinger, e hoje ela usa o sobrenome dele. Não têm filhos, viajam bastante e têm uma coelhinha que se chama Basilina.

Ela parou de dançar em 2009 e trabalha na multinacional Telefonía, na área de eventos (Buffet).

Eu e o Arthur completamos 45 anos de casados e continuamos morando no mesmo endereço.

### **1.3 Paulo Roberto de Souza**

Nascido em 01/12/1956, casado com Miriam Cristina Paes, administrador, 2 filhas – Marjorie e Tamiris.

#### **Local onde passamos nossa infância e adolescência**

Um pôr do sol vermelho fogo marca a minha primeira lembrança da infância na Vila das Belezas, onde havia poucas casas, muitas campinas e colinas.

Agora volto ao tempo em que brinquei com a terra fazendo caminhos, buracos e montes. Só falta jogar água nas plantas e me molhar todinho para levar uma bronca e em seguida tomar banho no tanque de lavar roupa. Mas nunca estava sozinho, minha irmã Madalena e minha mãe estavam lá com o regador suavizando o calor das plantas.

Moramos num terreno de 800 metros mais produtivo do País, e você vai concordar: ele era cercado com arame farpado e nos protegia do “homem do saco”, que, segundo minha mãe, costumava levar crianças que ficavam na rua, e elas perdiam o rumo e, sendo assim, nunca mais conseguiam voltar para casa. O cercado nos protegia e a nossa plantação, contra a invasão dos bodes e cabras que viviam ao redor e que comiam muito capim-gordura, o capim-barba-de-bode e tudo o que encontrava pela frente.

Ao acordar tínhamos muito que fazer: subíamos nos pés de ameixa, ficávamos disputando com os passarinhos o alimento, colhíamos amora e fazíamos geleia (amassávamos e colocávamos açúcar), subíamos na pitangueira, no pessegueiro, construímos uma casa em cima do abacateiro, balançávamos na paineira e brincávamos de trapézio. Certo dia, o proprietário de um circo veio nos conhecer e queria levar-nos para fazer uma apresentação, mas meu pai foi sábio não deixou, porque a vida de circo é uma vida sem endereço fixo, contrário ao interesse de quem queria ver os filhos formados em uma faculdade.

Cuidávamos de todo pardal que caía do ninho até ele começar a voar, e aí o soltávamos. Eu e meu irmão Zeca brincávamos de carrinho de rolimã, e passeávamos bastante com os nossos cachorros: Lassy, Brisa, Duque e Chibata.

Os dias de chuva eram os melhores, porque adorávamos colocar os pés nas enxurradas de lama, na água, e pisar nas poças d'água. Nos dias de frio, eu e meus irmãos Madalena, Rosa e Zeca brincávamos de cozinhar, laboratório, médico, cabaninha, incluindo a Vera (irmã caçula), que era pequena. Havia também as caminhadas para buscar restos de madeira, na fábrica de rádio Semp Toshiba, que serviam para montar brinquedos. Nós tínhamos uma vizinha, a quem carinhosamente chamávamos de tia Ana, que fazia sabão com restos de gordura e cinza. Ela era lavadeira e nos dava estopa, que antigamente se utilizava para limpar o óleo e a graxa das máquinas, e muitas vezes as pessoas colocavam no macacão e entregavam para ela lavar. Algumas não tinham sido utilizadas, e com os fios, que mediam em torno de 40 cm, fazíamos nossos carretéis de linha para empinar pipas. Demorava uns dois dias para emendar as linhas, e por causa do peso formava um barrigão de linha. Após 2 anos emendando as linhas, minha mãe comprou o primeiro carretel de linha Corrente número 10. No Parque Arriba (um bairro próximo à Vila das Belezas), havia um córrego limpo, com muito lambari, onde costumávamos pescar com miolo de pão. Quando aprendemos a pescar, os peixes desapareceram; surgia então a poluição no rio e a aceleração imobiliária, isto ocorreu em torno do ano de 1965.

Nós não tínhamos dinheiro em espécie, mas nossa alimentação era rica, porque era muito variada. Num dia havia arroz, feijão e ovos das galinhas que criávamos (era uma tristeza quando eram abatidas), e noutro dia uma variedades de saladas provenientes dos canteiros (hortas), que minha mãe nos incentivava a cultivar. O costume foi herdado de minha avó Adolphina Casiraghi, que possuía, ao lado de sua

casa no Paraná, um pomar e canteiros de verduras. Minha mãe ensinou o meu pai a comer verdura (ele não conhecia), pois seu costume era comer milho, mandioca e carne seca. Para nós, crianças, ela dizia que ficaríamos fortes e inteligentes como o “marinheiro Popeye”, desenho muito famoso na época. As frutas nos faziam cantar forte como os passarinhos. Talvez seja por isso que eu sonhava todo noite que eu voava como passarinho.

Meu pai construiu um parreiral de uva Santa Izabel e uva branca. As mudas foram trazidas pela minha mãe, ao retornar de uma visita a Cruz Machado. Após dois anos, minha mãe pediu para o tio Alfredo fazer a poda. Comemos alguns cachos. Algumas frutas meu pai conhecia de Minas Gerais (ele nasceu em Montes Claros, quase na divisa da Bahia), e plantou as seguintes: fruta-do-conde, pitanga, moranga, abacateiro cascudo, abacateiro manteiga, abacateiro elefante, abacateiro moringuiha (*considerada como uma das árvores cultivadas mais úteis para o ser humano, praticamente todas as suas partes podem ser utilizadas para diversos fins. Nos trópicos, as suas folhas são usadas como forragem para animais, chegando a ter 27% de proteína na matéria seca. A semente produz óleo de excelente qualidade. O pó da semente pode ser utilizado para o tratamento de água. As vagens verdes podem ser cozidas e consumidas como alimento humano. As raízes são medicinais e utilizadas no tratamento de muitas doenças*), ameixa, nêspera, amora, pinha, goiaba, pêssego, lima-da-pérsia, pêssego-soltacarço, mexerica, mexerica-ponkan, laranja azeda, araçá, uvaia, caqui, manga-bourbon, manga-rosa e manga-espada (quando carregadas, o vento derrubava a maior parte). Árvore paineira (que chegou a mais de 15 metros de altura), gabirola, araucária (pinheiro do Paraná), canela e jatobá foram plantados na calçada da rua.

Às vezes era o meu pai quem plantava, e outras a minha mãe. Conforme conseguíamos uma nova muda, iniciávamos o plantio onde havia espaço. As árvores faziam sombra, como: eucalipto, ipê-roxo,

coqueiro, hibisco, mimosa, seringueira, aroeira, jabuticabeira, uvaia, mamão-macho, limão-siciliano e limão-galego, nas divisas do terreno. Tínhamos embaixo das árvores algumas plantas, como: cará, chuchu, rabo-de-gato-vermelho e orquídeas. Nos espaços em que ainda o sol penetrava havia: palmas, dália, girassol, roseira, cravo, copo-de-leite, lírio, hortênsia, cravo-de-defunto, amor-perfeito, boca-de-leão, margarida, erva-mate, batata-doce, bananeira (colhemos por muitos anos vários cachos). Por um período em outubro, o meu pai plantava milho e mandioca; o milho era colhido em março, época que o número de galinhas chegava a 50. Plantávamos abóboras e dávamos para os porcos. Quando engordavam, já na fase adulta, dava tristeza, pois precisavam ser abatidos, e era um trauma ouvir os seus gritos e depois comer. Por isso, tivemos uma curta experiência com os porcos.

Na horta o plantio era de couve, mostarda, chicória, alface, almeirão, serraria, azedinha, dente-de-leão, rabanete, cenoura (eu adorava semear), tomate, espinafre, cebolinha, salsinha, erva-cidreira, quebra-pedra, figo (fazíamos um licor), erva-doce. A arruda foi muito usada para a dor de cabeça de meu pai, que só passava quando ele a cheirava. Provavelmente disfarçava o cheiro dos produtos químicos que ele usava para lavar as peças dos liquidificadores da Arno, onde ele trabalhava. Penso que ficava acumulado em seu nariz. E a losna para ajudar o fígado a suportar o seu dia a dia na indústria, que crescia intensamente, chegando a mais de 5.000 funcionários. Os trinta anos de trabalho valeram ao meu pai o sustento da família e o título de Operário Padrão. O que me faz recordar: quando eu tinha uns 8 anos de idade, eu, o meu pai e o Presidente do Sindicato Joaquim fomos ao terreno onde seria construído o Sindicato dos Metalúrgicos na Praia Grande (Baixada Santista). Eu estava doido para conhecer o mar, e foi uma alegria! Ficamos apenas 30 minutos e ouvimos como ele iria realizar o sonho de uma sede, as piscinas, a área social, os apartamentos, as camas, os armários, os móveis de aço fiel... Comemos umas coxinhas

de batata, feitas pela minha mãe, e voltamos para São Paulo. Nunca nossa família foi ao local depois de pronto.

## **Festas**

Nossa família fazia um almoço especial aos domingos, macarrão e frango. Era um banquete para nós; às vezes tinha salada de maionese e sagu de sobremesa.

A festa de São João era muito esperada, em função da semana de trabalho que reunia várias tias, que ajudavam a minha mãe nos quitutes. Tia Zina com o manuê (biscoito típico mineiro) e biscoitos de polvilho doce; tia Anézia com pamonha, curau, bolo de milho; e a minha mãe com seus biscoitos desenhados, feitos no forno de barro construído por nós. As amigas de minha mãe sempre traziam coisas gostosas, e a tia Ana trazia seus biscoitos maravilhosos, tipicamente baianos. E as crianças, buscavam lenha para a fogueira de São João. Dançávamos a noite inteira ao som da sanfona do nosso tio Zé e do meu pai cantando e tocando o pandeiro e outros instrumentos: violão, cavaquinho, e sempre alternando as músicas. Eu comecei a tocar o meu acordeon nas festas juninas após completar 12 anos.

Na igreja católica, as festas religiosas, a via sacra, a missa do galo à meia-noite, a cruzada (eu como coroinha nas missas), davam um sentido maior ao Natal, que era comemorado em casa com um pinheiro natural, com o seu perfume nativo e muitos enfeites pela casa e alguns presentes.

## **Adolescência**

Nossos pais sempre receberam muito bem nossos amigos. A casa sempre estava cheia. Durante a semana alguns amigos jogavam bola no quintal. Hoje mantenho muitas das amizades da infância e

adolescência. Quando começamos a trabalhar, por volta dos 14 anos de idade (na década de 1970, era permitido por lei), nos finais de semana, os amigos e namorados de minhas irmãs vinham a nossa casa para fazer pizzas aos sábados. Eram reuniões muito saborosas, com amigos que acampavam e viajavam com nossos pais. Lembro de uma vez que eu que não fui e meus amigos foram com meus pais. A amizade não era exclusiva, todos mantinham um bom relacionamento.

### **Pai**

Muitos dribles com meu pai e meu irmão, muitas pescarias, muitos peixes, muitas aventuras, vários acampamentos no Paranapanema. Muitas pescarias na chuva na represa, muitas redes lançadas, muita conversa ao pé da fogueira. Vi meu pai colher várias flores para minha mãe aos domingos. Muitas vezes meu pai economizava para trazer balas de leite da marca Toffee para nós, quando crianças. Mas quando éramos jovens ele não falava muito, sua educação foi muito rígida. Nós sempre o tratamos bem; no entanto, talvez não conseguisse se expressar com a mesma facilidade como nossa mãe.

### **Mãe**

Vi minha mãe fazer muitas mágicas... Quando faltavam misturas, era muito criativa com a comida. Muitos passeios a pé com a criança para buscar lenha para brincar de casinha, muitos ensinamentos no preparo das hortas e marteladas nos brinquedos.

Ela tinha muitos amigos, acho que “minha mãe tinha mel”... Sempre alguém vinha visitá-la e ela sempre tratava todos muito bem.

Durante a semana ela cuidava dos cinco filhos e de nossas três primas, porque a mãe delas (tia Maria) estava doente, e ainda de algumas crianças da vizinhança que apareciam. Todos comiam e brincavam

juntos. Os dias dela eram intensos, sempre com muito trabalho, nunca descansava. No sábado, após o almoço, sempre fazia uma vitamina no liquidificador ou preparava um sorvete de creme de ovos ou de Tubaina, maravilhosos! Parecia que minha mãe não ia resistir, até que teve um problema no coração.

Aos 18 anos, o meu irmão Zeca casou e conheceu a Igreja Adventista. A minha mãe começou então a frequentar a Igreja. Então descobriu na Bíblia que Deus tinha feito um dia para o descanso. Após ter esse conhecimento, minha mãe pôde ter um momento tranquilo aos sábados à tarde, após ter ido à Igreja na parte da manhã.

Como exemplo de paciência, vivenciei uma experiência interessante uma vez, quando retornava de um torneio de tênis num sábado à tarde: algumas crianças foram deixadas na casa de minha mãe e elas estavam se desentendendo. Minha mãe então apenas falou: “Olhem estas formigas como carregam as folhas, como seguem umas as outras e como elas conseguem carregar estas folhas tão pesadas... elas não reclamam, olhem que bonito, vamos observar”. De repente, as crianças, que estavam tão agitadas, ficaram tranquilas e continuaram a ouvir minha mãe, num silêncio, e eu me emocionei.

Posso afirmar que ela era uma cristã verdadeira. Está registrado na Bíblia como Jesus tratava as pessoas: Ele não julgava, não colocava as pessoas em situações difíceis, contava uma história para que as pessoas refletissem para escolher o seu caminho, dava o exemplo, entendia as limitações.

Uma outra lembrança, com carinho e emoção: vi minha mãe dando estudo bíblico para minha esposa Miriam, sem pressa e sem a preocupação de provar nada, apenas acrescentava informações. A cada novo estudo, pedia para minha esposa buscar as respostas do questionário na Bíblia, durante a semana. Foi ela a responsável por hoje estarmos mais próximos de Deus, pois eu andava longe, e vi sua

influência direta na vida de outras pessoas. Um exemplo de saber ouvir e entender as limitações, respeitar o outro e sua forma de viver, sem querer julgar.

Essa experiência ou vivência espiritual de minha mãe foi muito boa para ela, porque deu uma melhor qualidade de vida, contrariando as previsões médicas.

Eu fui o filho que teve o último contato com ela em vida; ela me chamou para tomar um café com ela. Senti-me impotente, porque não consegui fazê-la voltar à vida com as massagens, eu a encontrei no chão desmaiada.

Demorei um tempo para entender o quanto a amava. Foi a primeira vez que chorei; eu não sei o porquê, mas eu não conseguia expressar meus sentimentos com profundidade. Hoje, quando vejo uma cena emocionante, eu consigo chorar e me expressar, descobri que homem pode chorar, faz bem. Minha mãe precisou me ensinar mais esta lição.

## **1.4 José Francisco de Souza**

Nascido em 08/09/1959, casado com Marilice dos Santos Souza, 3 filhos – Filipe, Ellen e Jessica. Conhecido como Zeca.

Eram aproximadamente 20 horas, o ônibus com os pneus acorrentados já não podia seguir viagem. A estrada desaparecera em meio às enxurradas d'água, com o auxílio do farol daquela “jardineira” (ônibus antigo), via-se apenas lama e mato. O motorista disse: “Daqui para a frente, só de jipe com tração nas quatro rodas e acorrentado”. Nos braços de minha mãe e meu pai, acordávamos e dormíamos. Até que chegou a nossa vez de embarcarmos em uma “Rural Willys”, com tração nas quatro rodas, veículo seguro para terminar o final da viagem entre União da Vitória (PR) e Cruz Machado (PR). Perdi a noção das horas. Chegamos ao centro da pequena cidade que os colonos chamavam de “sede”. Ao chegarmos nesse local, dormimos em uma pequena pousada. Pela manhã nosso tio Otto, irmão de minha mãe, veio buscar-nos com uma carroça, atrelada a dois cavalos, onde seguimos até o sítio de nossa avó Adolphina Casiraghi.

Fomos recebidos com um café da manhã do tipo “colonial”, com tudo o que podíamos imaginar: queijo, linguiça defumada, manteiga, leite, mel, café, bolo, cuca, pão caseiro (o leite era tirado das vacas logo cedo). Lembro-me que era época de Natal, verão em nosso país, época de muitas chuvas e muito calor. Fomos brincar debaixo dos pés de uva de várias espécies, todos os pés carregados. Havia um tipo de abelhas que não têm ferrões e essas nos atacavam, enchendo os nossos cabelos de pequenos insetos, essas mesmas que ficavam nos frutos. O susto foi enorme, mas como disse, não tinham ferrões. Corremos para as saias de minha mãe, e ela, inacreditavelmente, sorria como se tivesse achado graça do nosso susto. Ela nos acalmou dizendo: “Fiquem tranquilos, elas não ‘mordem’, vamos tirá-las de seus cabelos”. Logo, os zumbidos em nossos ouvidos foram desaparecendo. No primeiro dia, era quase

hora do almoço, quando chegou um outro tio, Alfredo Finsterbusch, casado com a irmã de minha mãe, tia Elvira.

Ele veio com um cavalo que chamavam de “pangaré”, animais esses extremamente mansos, que podiam ser montados até por crianças menores de sete anos.

Nosso tio colocou um “pelego” (pele de carneiro) sobre a sela do cavalo, nos colocou sobre o cavalo e fomos dar algumas voltas no terreiro da casa. Até temos lembranças fotográficas dessa ocasião. Eu, Zeca, tinha cinco anos nessa ocasião, o ano era 1964, um ano de muita agitação política no estado de São Paulo: ditadura, greves estudantis, operariado sendo perseguido nas ruas, boa época para se tirar e ficar no mato. Chegava a hora do almoço na casa da vovó. Para nós a casa parecia gigante. Hoje podemos ver nas fotografias que não era tão grande como imaginávamos. Como éramos visitantes, o almoço para nossa avó, tios e primos, estava sendo servido mais tarde do que de costume. Eles almoçavam normalmente antes das 11 horas, porque acordavam entre 4h30min e 5 horas no verão; porém, quando estávamos lá, toda a rotina mudava. Não era época de aulas, e nossos primos também viviam uma festa com a nossa chegada. Acordávamos às 7 horas, almoçávamos às 12h30min e íamos dormir por volta das 22 horas.

Como estávamos falando sobre o almoço, lembro-me que tudo era cozido na banha ou frito. Não havia geladeira, as carnes eram pré-cozidas e guardadas em latas cobertas por essa gordura animal. Tínhamos todos os dias: arroz, feijão, macarronada, bistecas, ovos, frango, variando as misturas de um dia para o outro. Não tínhamos muitas verduras; lembro-me apenas de ter comido sopas de espinafre, mostarda, saladas de almeirão, mas o que não víamos eram alface e tomate, muito comuns no consumo em São Paulo. No pomar de nossa avó, tínhamos à nossa disposição: peras, ameixas, nêspersas, uvas de pelo menos quatro tipos. Havia, entre o que chamávamos de criação: os

porcos, as galinhas, os cavalos, os burros, os jumentos, as vacas e bois, patos, perus, galinhas-d'angola e até cordeiros. Também cortavam o sítio várias nascentes, e um pequeno lago servia para o banho da família. Não havia chuveiros, apenas baldes com chuveirinhos para os dias que estavam inóspitos para o banho no lago. Todas as tardes pegávamos os sabonetes e nós, os mais novos, nos despojavamos de nossas roupas e tomávamos o nosso banho vespertino, próximo das 18 horas. Nossa mãe estava sempre conosco, cuidando para que não fôssemos para o lado mais fundo do lago, pois era bem fundo e não sabíamos nadar.

Uma memória indelegável, era o caminho que nos levava para o lago. Tínhamos uma linda estradinha com taquaras (uma espécie de bambus), que estavam com uma cor extremamente verde, todas as varas ricas em folhagens, nenhuma sequer estava seca. Quando íamos para o lago ouvíamos a música do vento cortando aqueles galhos e folhas, que se dobravam como se estivessem nos saudando, fazendo uma reverência à nossa passagem. Ao voltarmos, começava quase a escurecer e as mesmas amigas estavam ali, rijas, sem sequer um único ruído, servindo-nos como muros ou fortalezas, para que seguros voltássemos, nem mais nem menos que à casa da Nona.

Era nas noites de “serão”, que nossos tios contavam para nosso pai histórias de caças que haviam feito naquelas matas, com os seus cães espetaculares, que colocavam a caça em “bicos sem saída”. Quando eles chegavam com suas espingardas e “valentemente” matavam sua presa, ou quando os cães corriam atrás desses animais e os levavam para as armadilhas, os “mundéis” (armadilhas de caça), outras caças iam até as “cevas” (lugar onde se colocava milho, mandioca, ou até carne para pegar porco-do-mato, catetos ou javalis-do-mato). Em uma dessas noites, um tio disse aos meus pais: “Está chegando a festa de ano (ano novo) e um sobrinho vai se casar, todos foram convidados”. Meu pai, de um jeito um tanto orgulhoso, disse: “Não, vão vocês, nós

só viemos para visitar a Nona”. Um dos meus tios mais contundentes disse: “Deixa de bobagem, eu virei buscá-los com a minha ‘Rural’ e os ‘piás’ (as crianças) vão de carroça com o tio Otto”. Graças a Deus... Pois não queríamos perder nadinha, nadinha!

Chegou o tão esperado dia! Nunca havíamos ido a uma festa como aquela. Uma grande “vala” foi cortada no chão, madrugada afora, e colocaram lenha. Eram mais ou menos 11 horas da manhã e só ficavam agora as brasas vivas. Os bois que foram abatidos estavam nos “roletes” (uma espécie de saril/sarilho de tirar água do poço), muito conhecidos em nossa época; hoje, um cilindro de madeira com algumas travas pregadas e braços postiços para virar os “quartos” de boi. Em alguns lugares estavam as costelas, em outros setores os coxões, dianteiros e traseiros. Havia açougueiros que tinham uma prática tremenda na separação das carnes, e nós, pinguinhos de gente, fazíamos a prova de cada tipo de corte, bovino, suíno e cordeiro, o quanto pudéssemos experimentar. Nossa mãe pegava um prato cheio de carne com maionese, farofa, arroz, e cortava os pedaços para os pequenos. A festa ocorria no horário do almoço e ia até o sacramento do matrimônio (às 21 horas, no final do dia). Luzes eram acesas e a sanfona (acordeon) começava a tocar os “xotes”, moda alemã, e a festa começava. Para nós, crianças, já não tinha mais tanta graça, pois nossa barriga não tinha mais espaço para as gasosas (refrigerantes com gás) e o bolo ia demorar. Casados e solteiros dançavam, algumas mulheres dançavam com outras mulheres, porque, apesar de haver homens, muitos já não paravam bem em pé, devido a tomarem muito chopp, aguardente e vinho. O jeito de se divertir era mulher com mulher, no baile. Dormíamos no colo de nossas irmãs mais velhas e no colo de minha mãe, e infelizmente não provávamos o bolo, porque era cortado muito tarde. De uma forma mágica, acordávamos em nossas camas pela manhã, sem sabermos como ali chegamos. A cada dia, amigos vinham visitar a Nona para ver as “paulistinhas”, ou saíamos de carroça para irmos até as plantações mais distantes. Alguns

serviços eram indispensáveis, como tirar leite das vacas e trocar os animais dos pastos.

Colhíamos, como brincadeira, uma meia dúzia de espigas de milho, enquanto nosso pai e o tio Otto colhiam grandes cestos para colocar na carroça e levar até os celeiros. A Nona estava planejando sua vinda a São Paulo para um tratamento médico, que, hoje sei, tratava-se de problemas respiratórios, porque a cada inverno suas crises de asma brônquica aumentavam. Nos próximos dias, estaríamos voltando para São Paulo. Meu pai tinha poucos dias de férias e já estavam se esgotando. Como uma pessoa exemplar em pontualidade, queria chegar com pelos três dias de antecedência ao seu retorno ao trabalho.

Aquele ano começou maravilhosamente bem; porém, como nem tudo é “pra sempre”, tivemos dias difíceis de superar. Meu pai era um operário remunerado por tarefas, chamado de “tarefista”, ou seja, quanto mais produzia, mais ganhava. Com a greve de 1964, os operários eram retirados por estudantes e sindicatos de dentro do seu expediente de trabalho, praticamente à força; quem não saía era considerado “traíra”, e meu pai sofria muita discriminação de seus colegas de trabalho por suas convicções. Ele chamava esse movimento de comunismo, e sempre foi anticomunista. Era leitor assíduo da revista “Seleções”, colecionava revistas usadas como a “Manchete” e “Fatos&Fotos” (tínhamos um tio jornalista, Moacir, marido de sua irmã Anésia, que trazia essas revistas recolhidas das bancas). Meu pai, apesar de pouco alfabetizado, sabia que as “massas” eram manipuladas pelos neoliberais, que não sabiam bem para onde queriam ir; a elite, em certo momento, apoiava o lado que lhe era mais interessante, e pouco tempo depois mudava de lado. O povo ficava confuso, porém meu pai sustentava uma posição: nunca enfraquecer os patrões, não desrespeitar as autoridades constituídas, quer civis ou militares. Ele era o tipo de homem que acreditava que a prosperidade de um povo era apenas resultado de trabalho árduo e sistemático. Infelizmente, nesse mesmo ano suas convicções foram

abaladas: as empresas ficaram paradas, meu pai não tinha tarefas, e após um mês de trabalho, não recebeu o seu salário. Quando foi inquirir o gerente de recursos humanos, este lhe disse: “Seu gerente não lhe apontou nenhuma produção”. Resultado: salário igual a zero. Inconformado com a situação, a diretoria ordenou que lhe pagassem uma quantia irrisória.

Chegou triste em casa e disse à minha mãe: “Vecchia, este mês não receberemos salário, o que vamos fazer?” Minha mãe chorou e disse: “Vamos rezar”. Havia algumas economias, e minha mãe escreveu para suas amigas. Um mês após esse episódio, quando eu e meus irmãos brincávamos no telhado de nossa casa, pulando de paraquedas (guardachuvas velhos) em um monte de terra fofa, vimos um caminhão estacionar na rua, e ouvimos o motorista dizendo: “Encomenda para Dona Mathilde Casiraghi, vem de Cruz Machado”. Minha mãe correu e nos chamou para ajudá-la, e num segundo momento ela disse para o motorista: “Mas eu não posso receber, pois não tenho como pagar o frete!” O motorista respondeu: “Tudo está pago, senhora, preciso apenas descarregar”. Havia um saco grande de arroz (provavelmente de 50 kg), um saco de feijão, uma lata de 18 litros de banha, uma lata de 18 litros de mel, uma lata de 18 litros de melado, e barras de toucinho. Levamos tudo com imenso sacrifício para dentro de casa. Na nossa despensa (um porão) colocamos umas cordas para pendurar os toucinhos. Amigos de minha mãe fizeram umas doações às escondidas; aos domingos elas vinham nos visitar trazendo bolachas e outras guloseimas. Graças a Deus, tínhamos em nosso quintal uma série de frutos e aves para o abate. A grande preocupação era não atrasar com o pagamento da luz, pois se perdêssemos o fornecimento, outros vizinhos também seriam prejudicados, pois estes pegavam pontos em nossa casa, o que hoje chamamos de “gato”. Mais um vez digo: graças ao nosso Deus, tínhamos o que comer, o que vestir e onde morar. Não faltava nada, e as coisas foram se alinhando.

Tem dois fatos interessantes, que ocorreram durante essa crise de 1964 em nosso lar. Em um dos meses que minha mãe saiu para pagar a conta de luz na antiga Cia. Light, com sede na Rua Capitão Tiago Luz, no Largo Treze de Maio, em Santo Amaro, ao pegar o bonde para ir ao centro, encontrou dinheiro no chão, todo enlameado, num dia de chuva. Provavelmente ninguém havia visto, e aquela nota era de alto valor. Em um outro mês, num dia chuvoso também, meu pai não pôde ir de bicicleta, devido ao barro e também por ser muito perigoso; por isso pegou o ônibus, com o pouco dinheiro que lhe restava, e também foi agraciado com um montinho de dinheiro amassado, dobrado e sujo. Com as notas, somadas, puderam fazer uma pequena compra de secos e molhados.

Chegavam os meses em que a cidade de São Paulo era famosa por ser chamada “São Paulo da garoa”, “Oh! Que terra boa”. Era julho de 1965. Mais uma vez, a dupla dinâmica Paulo e Zeca sobe no telhado do quarto, pulando naquela tarde gelada no monte de terra, e em seguida nos abrigamos sobre uns arbustos e um pé de amora, fora de nosso quintal. Tínhamos também agora um pedaço de plástico, que tinha acabado de servir de paraquedas; os cordões já haviam sido cortados com um canivete, nos buracos feitos com nossos afiados dentes naquele plástico relativamente resistente. Nesse momento, vimos chegar, num carro Ford preto, uma senhora magrinha, de cabelos brancos, com um pedaço de papel na mão, com um endereço. Um tanto atordoada, leu o endereço, viu o número e disse: “É aqui!” Corremos junto a ela e dissemos como num jogral: “É a Nona!”. E em seguida: “Manhê... Manhê... a Nona chegou!”.

Nossa mãe correu ao encontro de sua progenitora, abraçando-a, e disse: “Por que a Senhora não avisou que ia chegar hoje? A gente ia procurar uma forma de ir buscá-la na rodoviária!”

A vovó disse: “Deixa disso, minha filha, você tem um lugar para eu ficar?” “É lógico que tenho, mãe, Entre, entre!” Pensávamos que,

a Nona chegando, já íamos receber um monte de guloseimas naquela mesma hora. Mas somente alguns dias depois é que pudemos degustar os bolinhos de forno e as bolachas que a Nona sabia fazer tão bem. Que delícia! No forno a lenha, várias receitas de doces, salgados, carnes assadas, frangos assados, uma receita melhor que a outra.

A Nona ficou um ano conosco, para tratamento da asma. Sua saúde melhorou muito, pois o clima de São Paulo era mais quente e menos úmido do que em Cruz Machado. Nesse ano, nossa Nona foi nossa conselheira, amiga, professora, ajudante de minha mãe... Foi tudo de bom; não deu nem para perceber que se passou um ano em sua companhia, de tão bom que foi.

Passaram-se três anos. Minha Nona já tinha retornado para sua casa, isso em 1965, e em 1969 minha mãe recebeu um telegrama: “Venha para Cruz Machado, mãe não está bem, assinado, Otto”.

Minha mãe conversou com meu pai, pegou um dinheiro economizado e foi para a casa da Nona. Foi uma viagem cheia de problemas. Minha mãe comentou que, devido ao nervoso, ficou com disenteria, e foi obrigada a pedir ao motorista que parasse à noite, no meio da estrada, para entrar no mato e fazer suas necessidades de emergência. Naquela época, os ônibus não tinham toaletes a bordo. Ela ficou verde como um abacate durante toda a viagem. Chegando a Cruz Machado, após passar por quatro baldeações (trocas de ônibus), conseguiu ver sua mamãe, 24 horas após sair de São Paulo. Para sua decepção, a Nona não a reconheceu! Havia passado por um problema bem parecido ao “AVC”. Minha querida mamãe ficou por lá entre quatro e cinco dias, e depois voltou.

Trinta dias após o seu retorno, próximo ao horário do almoço, um novo telegrama: “Querida Mathilde é com grande pesar que informo que nossa mãe acaba de falecer, seu sepultamento será amanhã.” A Nona faleceu em 10 de agosto de 1969.

Ao chegar esse telegrama, o sepultamento já havia ocorrido. Em prantos, minha mãe nos chamou e quase não conseguiu falar. Ouvimos, no balbuciar de seus lábios: “A Nona morreu”. Eu nunca tinha visto minha mãe chorar. Havia, sim, ouvido falar de algumas ocasiões em que ela havia chorado, como em crises anteriores. Mas dessa vez, foi ao vivo. Fiquei chocado em ver como aquela rocha, que era minha mãe, estava em prantos!

Quanto deve ter doído, em seu coração, aquela perda, a distância, o fato de não poder estar ao lado dela naquela difícil hora. Hoje penso que ela não podia fazer nada; mesmo assim, queria ter podido estar lá, o fato de estar lá era o que parecia importar. Com o tempo, a saudade da Nona foi enfraquecendo. Como todos os laços de amizade que deixamos de alimentar, acabamos nos esquecendo das datas, dos gostos, do que fazia com que fôssemos tão próximos dos outros.

Voltei aos 14 anos ao Paraná, especificamente em Cruz Machado, para visitar nossos tios. Fomos até a tia Rosa Casiraghi, tio Arciso, tio João, tio Angelo, tia Cecília, todos irmãos de minha mãe.

Aos 18 anos, levei minha mãe Mathilde e sua irmã Elvira até a rodoviária Júlio Prestes, para uma viagem a Cruz Machado.

Aos 36 anos, viajei com minha esposa Marilice e meus três filhos, Filipe, Ellen e Jéssica, juntamente com meus pais, para fazermos uma “expedição” a Cruz Machado. Nessa viagem, fomos até a tia Dermina Casiraghi, no distrito de Pinhão. Eram 25 km de estrada de terra batida, carro alugado com tração nas quatro rodas, acorrentado, mês de dezembro, muita chuva, muita lama, muita erosão na estrada; havia lugares em que tínhamos que sair da estrada para fugirmos da erosão. Conseguimos chegar, à luz de lampião, banho de “barrica” ou “barril”, banheiro no mato, pescaria de traíras à noite, na “linha” e na “fisga”. De dia pescávamos acavás, lambaris, mandis, piaus e outros peixes regionais de foz do Rio de Areia, rio que alagou casas, pastos,

plantações de nossos tios, pelos quais foram parcialmente indenizados. Foi a última viagem em que tive o prazer de estar com os meus pais vivos (ambos). Parecia uma viagem de despedida. A cada lar que visitávamos, mesmo passando alguns dias, o assunto emergente era: “Ah! Essa deve ser a última vez que viremos para cá...” “Que nada”, diziam em seguida, “nós vamos jogar terra na cara de muita gente”, e davam boas gargalhadas, com uma boa cuia de chimarrão e uma carne assada, ora churrasco, ora carne assada no forno a lenha. Que vidão, “hein”?

Observação: Próximas lembranças ficam para o próximo livro, Zeca.

## 1.5 Vera Lucia de Souza Zorek Vidal

Nascida em 03/11/1960, casada com Lazaro Vidal, 3 filhos - Rebeca, Bárbara e Israel.

Hoje eu acordei inspirada para escrever e relembrar os dias mais felizes de minha vida: Mamãe, nome mais gostoso e doce para se lembrar.

A infância tem um perfume saboroso, perfume de primavera. Lembro muito da minha infância, dos dias maravilhosos que a mamãe me proporcionou.

Eu tive a oportunidade de ser paparicada mais tempo por ela, pois sou a “raspa do tacho”. Lembro dos carinhos e dos afagos gostosos na cama dela.

Quando amanhecia chovendo, ela ficava mais tempo na cama e então eu ia pra lá. Ah! como a cama da mãe era gostosa! Lá ela me contava as histórias do Paraná, da mãe dela, a história do macaco que sentava em cima do rabo e da boca do jacaré. Todas as vezes ela me contava as mesmas historinhas. Depois eu ficava na cama dela meditando, e ela ia para a cozinha fazer os bijus doces ou bolinhos de chuva. Nas manhã chuvosas, ela não ia à padaria comprar pão para o café da manhã. Nossa, como eu adorava esses dias, eram ímpares!

**Médico** - Ela me levava ao médico no centro da cidade, para fazer exame de sangue, pois eu sofria de anemia. Ah! como eu adorava ir, só para ver aquele chafariz na Avenida Nove de Julho e, ao seu redor, uma porção de gatinhos! Depois do exame, ela me comprava um churrasquinho grego, que era uma delícia, e ela era só minha, o dia inteiro.

**Terço** - Quase toda sexta-feira ela fazia “aquela” sopa de osso maravilhosa. Mas antes do jantar nós tínhamos que rezar o terço. Ah! como era comprido aquele terço, e tinha que ser ajoelhado! Eu sempre

sentava nos meus pés para descansar, e quando a mamãe percebia, me olhava brava, e eu logo me recompunha. Mas valia a pena, porque depois havia a recompensa, a sopa suculenta, perfumada, encorpada, que só ela sabia fazer.

**Churrasquinho** - Ela fazia no quintal da casa. Que gostoso! Era assim: um pedacinho de carne, pimentão, tomate e cebola, depois outro pedacinho de carne. Nós, crianças, vendíamos latinhas para poder fazer o churrasquinho, mas como era gostoso e divertido!

**Páscoa** - Todo ano nós fazíamos as cestinhas para o coelhinho depositar os ovinhos; a cestinha ficava debaixo de cada cama. Certa vez, no período da Páscoa, a minha prima Fátima me disse que coelho não bota ovo de Páscoa. Nossa, aquela notícia para mim foi a maior decepção! Mas fiquei quietinha, não queria que a minha mãe soubesse, pois ela também ficaria triste. E eu tinha lá as minhas dúvidas...

Então, na noite que antecedeu a Páscoa, eu fiquei acordada com a Fátima e, fingindo dormir, assistimos a mamãe colocar os ovinhos na cestinha. Só assim eu acreditei, e nunca me esqueci da cena e da decepção.

Só para variar, nós fazíamos bolos e bolachas para o domingo da Páscoa, e eu sempre comia algumas antes de assar.

**As festas juninas** - Para mim, aquilo tudo era mágico. As brincadeiras na rua com a vizinhança: pega-pega, esconde-esconde, as rodas, passa-anel etc. As comidas: bolinhos duros e “muxibentos” que a tia Ana fazia, o licor de folha de figo e de anis, o quentão, as pipocas... Havia várias comidas típicas, e muitas vezes eu comia demais e passava mal. Ah! que gostoso, como a mamãe era caprichosa!

O papai comprava aqueles fósforos coloridos (estrelinhas) para as crianças, e bombinhas e rojões para os adultos. Como eu ansiava a chegada da noite, para irmos todos juntos acender a fogueira e dar por

início a festa. Havia muita música, bandeirinhas, danças, quadrilha, balões e muita, mas muita alegria. Essas cenas jamais sairão da minha memória afetiva.

**Natal** - Como foram lindos os nossos Natais. A mamãe deixava fluir a alegria e a emoção ao montar a árvore de Natal. Como era importante e significativo! Eram momentos únicos. Lembro dela colocando os enfeites e as balas que o papai comprava, “as balas de caramelos”, as prediletas dele. E todo ano ela comprava uma peça nova para a árvore, pois ela acreditava que dava sorte.

Quando chegava o Natal, não tinha mais balas, e o interessante é que não era só eu que comia, tinha mais alguém... Quem será?

Houve uma época muito gostosa em que nós íamos à casa dos donos da Giroflex, para ensaiar uma peça de teatro para o Natal. Aprendemos a cantar, representar, e depois havia um lanche muito diferente e gostoso, com um suco de maracujá natural sem açúcar, que não esqueço até hoje.

**Na adolescência** - Mamãe sempre me dava conselhos. Eu adorava me deitar na cama dela e contar sobre meus namoradinhos, e ela fica apavorada! Eu adorava deitar na barriga dela para ouvir os movimentos e o barulho que ela fazia. Eu ria e ela dizia: “Agora foi a lombriga mais velha que acordou”... Eu adorava o cheirinho dela.

**Casamento e nascimento da primeira filha** - Ao me casar eu me mudei de casa, o que é muito natural. Lembro desse dia. Como foi triste... Eu não queria ir. Como doeu a nossa separação!

Quando a Rebeca nasceu, mamãe me ajudou muito, pois a Rebeca era muito doente. A mamãe passava a noite acordada comigo, tentando fazê-la dormir. Às vezes ela falava: “Filha, vai dormir que eu cuido”. Mas eu não conseguia, eu queria passar a noite junto com ela, e talvez ela não percebesse.

**Rondônia** - Eu não queria mudar para tão longe, mas ela me pediu para tentar e disse-me que a esposa deve acompanhar o marido e suas decisões. Lembro que ela chorou muito, mas eu prometi a ela que viria todos os anos visitá-la, e assim eu cumpri.

Quando eu não podia vir passar o Natal com ela em São Paulo, ela e o meu pai vinham até Rondônia. Foram 16 anos nos encontrando uma vez por ano. Foram Natais abençoados e lindos, os netos e os filhos reunidos. Em 1997, foi o último natal que nós reunimos filhos e netos, todos juntos. Depois, nunca mais. Minha mãe foi uma mulher, uma mãe, uma guerreira, uma amiga, uma companheira e muito, muito abençoada por Deus. Ela pôde ver seus filhos formados, casados, e pôde conhecer seus 12 netos nascerem e crescerem.

No dia 21 de julho de 1999, antes de partir deste mundo, ela me ligou e pediu para falar com cada um dos meus filhos. Ela os aconselhou e pediu a eles que me obedecessem, pois eu era mãe e pai deles. E disse mais, que sentia muitas saudades de mim e que me amava muito. Eu, muito emocionada, disse a ela que também sentia muitas saudades e que a amava muito, mas que em breve nós nos iríamos ver, em dezembro provavelmente.

Porém, no dia 23 de julho ela partiu, como sempre sonhou, sem sofrimento, faleceu como um passarinho. Hoje eu aguardo a volta de Jesus, para reencontrá-la com certeza no céu.

## **2. Netos de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza**

### **Tatiana Souza Alvarez**

Doutora em Nutrição, casada com Vítor, filha de Maria Madalena e Nelson Alvarez, com 2 filhos - Caio Henrique e Manuela Beatriz.

### **Memórias de Infância**

Durante a escrita deste depoimento, foi possível perceber que as recordações da infância nos ajudam a orientar o comportamento e a tomar decisões mais assertivas.

Escrever sobre meus avós e minha infância é um pouco difícil, dá aquela saudade no fundo do peito; mas faz parte. As lembranças inesquecíveis ficam na nossa memória. Fazíamos muitas atividades em família na casa dos meus avós, como: cozinhar juntos, refeições compartilhadas, brincadeiras como jogo de baralho, jogo de bingo, rezar juntos, mexer nas plantas, tomar chimarrão, ouvir as histórias do Paraná.

No domingo à tarde acontecia a roda de chimarrão com meus avós, tios e primos. Os adultos falavam sobre política, futebol e acontecimentos da semana no mundo, e as crianças brincavam no quintal e faziam a refeição juntos. Sempre com uma mesa farta, com pão ou biscoito de polvilho caseiro, feito pela vovó. Na época de pinhão, ficávamos embaixo da mangueira, no quintal da casa da vovó, todos descascando pinhão e tomando chimarrão.

Lembro do batizado da minha avó Mathilde, na Igreja Adventista, uma igreja do bairro, a qual sempre os acolheu muito bem.

Teve uma certa época em que minha avó aprendeu a fazer artesanato com tecido, na Igreja Nossa Senhora de Fátima. Fazia vasos com flores de tecidos, presilhas de cabelo e tiaras. Eu levava esse artesanato

para a escola, vendia e depois dava o dinheiro para ela. Eu adorava vender! Outro dia, achamos algumas tiaras e bolsas da vovó, e mostrei para minha filha Manuela, para usar com muito carinho em ocasiões especiais.

## **Férias**

Nas nossas férias, adorávamos passar um tempo na casa dos avós. Tinha jogo de baralho com os primos e com a vó Mathilde, com chimarrão, balas e biscoitos para as crianças.

Lembro de um período de férias que eu ajudei o tio Zeca a pintar a casa dos avós. Nossa, como eu gostava de ficar lá! Brincar na casa dos fundos e aprender com a vovó a cuidar das plantas. Lembro que ela sempre colocava adubo nas plantas, como cascas de ovos, bagaços de frutas e borra de café. O jardim dela era todo especial, tinha plantas, orquídeas e flor-de-maio suspensas, muitas ervas aromáticas, flores e um pé de pitanga que adorávamos.

Todo os dias pela manhã, após o café, minha avó alimentava os pássaros com farelo de pão, no quintal. Eles sempre ficavam a sua espera, depois ela ia mexer nas plantas.

Esses ensinamentos sobre o cuidado com as plantas, a resiliência, olhar o próximo com carinho, tento passar aos meus filhos. Esta semana estava ensinando meus filhos a abrirem pinhão e contando como era nossa infância.

## **Momentos com Vovô**

Meu avô João era bem bravo, ligeiro e agitado, algumas das nossas semelhanças. Uma vez eu fui pescar com ele e eu não parava de falar, pois estava muito feliz em fazer uma atividade com ele. Ele disse: “Menina, você precisa parar de falar, você assusta os peixes!” Mas claro, eu continuei...

Lembro de um outro momento, em alguma data que as crianças ficaram com os avós e os pais não estavam por lá. Os adultos montaram uma piscina portátil no quintal deles, mas começou a esfriar no final da tarde. Eu e meu primo Filipe queríamos entrar na piscina, mas meu vovô não queria deixar e ele corria atrás de nós, mas não nos alcançava.

Lembro dos jogos de tranca na casa da minha mãe. Num determinado período meus avós e a tia Zina (irmã do meu avô João) iam lá com frequência, para jogar baralho e tomar chá da tarde.

### **Viagem a Cruz Machado**

Lembro de algumas viagens a Cruz Machado, no Paraná. Numa determinada viagem, eu estava aprendendo a fazer contas de matemática e adorava ficar na venda da tia Cecília. Tenho lembranças do passeio de barco no lago do tio Arciso (irmão da vovó) e de ficar tomando chimarrão na casa da tia Cecília.

Na volta das viagens ao Paraná, a vovó deixava, na cozinha dela, as linguiças defumadas que vieram da viagem. Aquele cheiro era muito bom!

### **Pratos típicos**

Falar da nossa avó Mathilde, é falar da cozinha dela também. Cheiro de pão caseiro, aquele pão artesanal macio por dentro e crocante por fora, que ela comia com manteiga e mel, uma delícia! A vovó fazia macarrão em casa, e na mesa da cozinha tinha um espaço reservado para o suporte da máquina de macarrão. Lembro que os netos ajudavam a fazer as massas, a pegar o nhoque na panela quente quando a massa subia e ficava pronto. O cheiro do frango assado com macarrão caseiro... Todas as refeições em família eram realizadas no quintal; os adultos, os alimentos e bebidas ficavam numa mesa bem grande, e as crianças ficavam numa menor, ao lado.

## **Festas Junina e Natal**

Outra recordação memorável foram as festas típicas (Festa Junina e Natal), sempre com a casa cheia, meu avô cantando com sua linda voz, meu tio Paulo tocando sanfona e toda a família cantando. Até hoje comemoramos essas festas na casa dos meus tios. Minha mãe leva as letras das músicas para todos poderem acompanhar.

Nas semanas anteriores às festas, combinávamos as roupas e adornos, preparávamos as decorações, fazíamos as bandeirinhas da festa junina, organizávamos os espetáculos (teatro e dança) de Natal com todos os netos a caráter.

A festa junina sempre era muito especial para meu avô. Fazíamos a festa perto da data de São João, por causa do nome dele. Na casa deles, os adultos montavam uma linda fogueira, cantando e dançando quadrilhas, com roupas, doces e salgados típicos e pastéis, que meu avô adorava.

É uma época que adoro até hoje. Sentimos muito, na pandemia de Covid-19, a ausência dessa festa. Até fizemos uma festa junina online, que foi divertida, com vários membros da família que moram em outros locais: meus pais e tios em São Paulo, tia Vera em Rondônia, Sabrina na Alemanha, Bárbara na Espanha e minha irmã Viviane no Chile. Foi bem divertido!

## **União da família desde a infância**

Hoje, décadas após o falecimento dos avós, continuamos a manter contato com nossos tios, irmã e primos, via WhatsApp da família Souza. Assim, conseguimos manter contato com os que residem em outras regiões do Brasil, como no Paraná e em Rondônia, além dos tios e primos que estão em outros países, como Canadá, Alemanha, Espanha e Suíça.

## **Viviane Souza Alvarez Frei**

Formada em Administração de Empresas, casada com Daniel Frei, filha de Maria Madalena e Nelson Alvarez, com 2 filhos - Martín e Vicente.

Quando minha mãe iniciou esta pesquisa, fiquei muito feliz, por vários aspectos. Primeiro, porque sempre tive curiosidade em saber sobre as nossas raízes, e também por achar extremamente importante manter essas lembranças vivas, pois resgatar memórias e pessoas maravilhosas, como minha avó e meu avô maternos, é algo que me emociona.

Minhas lembranças de infância com eles são muito prazerosas. Lembro de todo domingo irmos almoçar na casa da vó. Sempre tinha macarrão encharcado de molho de tomate, frango assado, chimarrão com biscoitos “duros” da vovó, mas que adorávamos, e a famosa “tranca” no final da tarde.

Passávamos o domingo inteiro lá e era uma delícia. A casa deles nos trazia um sentimento de paz, amor e carinho. Além daquele sentimento gostoso de família reunida.

Minha vó sempre foi uma pessoa muito sensata, amável, carinhosa e humilde. Além disso, muito inteligente, tinha muita sabedoria em como “gerenciar” a família. Sempre deu atenção a todos, tinha um coração de ouro, dava até o que não tinha e fazia com que todos vivessem em harmonia. Prezava muito o convívio familiar e fazia de tudo para manter isso sempre vivo.

Minhas recordações passam desde ficar com ela na cozinha ajudando a fazer macarrão, cozinhando nhoque (adorava “pescar as bolinhas” na panela), fazendo o famoso pão caseiro, até as brincadeiras de fazer perfume com as pétalas das flores do lindo jardim que ela tinha, ou de fazer cola caseira com farinha para os nossos recortes.

Eu, minha irmã e meus primos (Renata, Sabrina, Filipe e Ellen) ficávamos o dia todo brincando de barraca, na piscina improvisada, no jardim, na cozinha e jogando baralho.

Era uma diversão e um convívio que rendia muitas histórias. Minha avó contava da infância, da família em que trabalhou quando veio para São Paulo, das lições de vida que passou e do meu avô da época da guerra, quando quase passaram fome e do seu orgulho na Arno, quando ganhou diversas vezes o prêmio de Operário Padrão.

Lembro também com muito carinho e saudade do Natal. Era uma época muito gostosa: ajudávamos a montar a árvore de Natal, o presépio e os enfeites. Era um ritual muito gostoso e importante, pois nos fazia parar e pensar na família.

Ficávamos com eles durante as férias, geralmente uma semana na casa dos avós maternos e uma semana na dos avós paternos. Isso foi muito importante para conhecermos mais de perto e na intimidade os responsáveis pelos pais maravilhosos que tenho. Lembro-me do cheiro do feijão delicioso da minha avó, das sopas que tínhamos no jantar, e principalmente do carinho com que tinha conosco. Eu sempre fui preguiçosa e adorava ficar na cama até mais tarde, e ela sempre me acordava dizendo que o passarinho estava me chamando. Era o beme-te-vi que cantava e ela tentava me tirar da cama.

Meu avô sempre foi muito enérgico e rigoroso. Quando pequenos, morríamos de medo das sardinhas que ele nos dava quando fazíamos bagunça. Minha avó sempre tentava nos defender, muitas vezes até enganava o “véio”, como ela o chamava, para ter todos em casa e ao seu lado.

Essa disciplina e organização foi muito importante para que conquistassem tudo o que tinham e para criar seus filhos e netos. Ele impunha respeito e fazia com que vivessem na linha. Adorava escutar as histórias dele do tempo da guerra e quando ele contava como tinha

“galanteado” a “Vétchia”. O amor que eles tinham um pelo outro é algo que hoje tenho como exemplo. Mesmo após 40 e poucos anos juntos, era nítido o respeito, admiração e carinho que compartilhavam. Tinham, sim, seus problemas, como todo casal, mas a vontade de estarem juntos e o companheirismo eram maiores. Isto é um exemplo para mim, tenho muito orgulho dos avós que tive e foi isso que me fez escolher a igreja em que me casei e batizei meus filhos, como forma de tê-los por perto e abençoar nossa família com todo amor e união que sempre tivemos.

Sou muito feliz por fazer parte desta família, por ter tido o privilégio de viver com pessoas tão maravilhosas.

Hoje são anjos que nos protegem, nos abençoam e nos dão forças para continuarmos com a família feliz, unida e crescendo.

Tenho tentado passar a história e ensinamentos que recebemos aos nossos filhos e continuar esta linda história de vida com eles, com nossos valores e raízes sempre presentes.

Agradeço de coração à minha mãe por este lindo presente, que fez com muito amor e carinho. Será uma lembrança para o resto de nossas vidas e para os futuros membros da família.

## **Renata Velloso de Almeida**

Formada em Ballet pela Escola de Dança da Prefeitura de São Paulo, reside na Alemanha, trabalha em eventos na empresa Telefonía, filha de Rosa Helena e Arthur Velloso de Almeida, casada com Ingo Flikinger.

A cada dia que íamos na casa da Vovó, significava para nós, os netinhos, uma aventura nova, num mundo maravilhoso da fantasia.

Um dia éramos Indiana Jones, procurando tesouro no jardim da Vovó. No outro estávamos presos na casa ou no quintal por causa de uma tempestade.

Na casa da Vovó aprendi a andar de bicicleta. A Vovó adorava ver todos os netinhos felizes pulando pela casa.

Lembro da Vovó fazendo com tanto carinho e amor as tiaras, e cada netinha possuía várias. A Vovó tinha sempre balinhas para os netinhos, cada um ganhava uma; ela guardava no armário embaixo da televisão. E quando ninguém olhava, tinha aventura de novo: os netinhos faziam uma estratégia para pegar mais uma bala para cada um – claro que a Vovó sabia.

A Vovó fazia pão fresco, para o lanche da tarde... Hum! Lembro do gosto, o pão da Vovó era único. Ela gostava de passar manteiga e mel no pão bem quentinho, o sabor da minha infância: “o pão bem quentinho, saindo do forno”.

A Vovó não fazia só para o lanche da tarde... Ela fazia para levarmos para casa, um pão de amor, com muito amor.

Lembro das árvores do quintal: a mangueira que produzia uma manga deliciosa e que, depois de algum tempo, não produziu mais; a pitangueira que forrava o chão de frutos vermelhos e doces. Subíamos nas árvores, principalmente, o Filipe, que distribuía os frutos para todos os primos. Que infância feliz!!!

A Vovó passeava pelo bairro com os queridos netinhos. Devia ser difícil, com tantas crianças: eram doze netos (eu Renata, Sabrina, Jessica, Ellen, Filipe, Rebeca, Barbara, Israel, Tatiana, Viviane, Tamiris e Marjorie).

Vovó nos levava ao armazém, onde havia diversos doces. Essa imagem me resgata a doce e deliciosa infância. A Vovó ficava muito feliz, quando a gente escolhia e recebia um pequeno doce. Ela pagava com o seu dinheirinho, nos enchendo de felicidade.

Os almoços, no final de semana, eram compostos de comida simples e deliciosa. A Vovó conseguia unir a família de uma forma incrível, adorava ter a casa sempre cheia.

E as Festas Juninas e o Natal eram incríveis, todos participavam, cada membro da família e convidados colaboravam com um ou mais pratos típicos. Eram comidas simples, porém fartas, que me deixam lembranças afetuosas, como os pastéis fritos na hora pelo tio Zeca, os docinhos típicos, canjica, curau, bolo de fubá, cocada, doce de abóbora, paçoquinha, arroz doce, pinhão, milho, cuscuz, tortas diversas, quentão, vinho quente etc. No Natal, aconteciam as apresentações artísticas dos netos.

A Tatiana teve a ideia: era a nossa diretora e bailarina. Todos os netinhos participavam, inclusive os meninos, Filipe e Israel. Apresentávamos uma peça de teatro e uma coreografia. Todos caracterizados.

O Natal era uma união de todos, netos, filhos, genros, noras e convidados, sucesso total. Uma festa inesquecível!

Para completar a alegria das festas, o tio Paulo tocava sanfona e o Vovô João cantava com a sua voz esplendorosa.

A família unida cantava as músicas tradicionais juninas e ou natalinas como um coral, e todos os convidados se sentiam acolhidos e abraçados por esta querida família.

## **Sabrina Velloso de Almeida**

Formada em Ballet pela Escola de Dança da Prefeitura de São Paulo, reside na Alemanha, atua como Instrumentadora Cirúrgica, filha de Rosa Helena e Arthur Velloso de Almeida, casada com Raphael Velloso, uma filha, Stella, e um gato.

Sabrina Velloso de Almeida, 39 anos. Moro em Karlsruhe, na Alemanha, desde 2001. Minhas lembranças da infância são simplesmente maravilhosas. Para começar, gostaria de citar a imagem que tenho da minha querida e amada Vovó Mathilde. Para mim, ela não era apenas minha Vó, mas sim uma grande amiga, companheira celeste. Uma grande mulher, em minha visão, pois ela criou as pessoas mais importantes da minha vida: a minha família.

A Vó Mathilde era aquela pessoa que lia nos olhos o que o outro estava sentindo. Certa vez fui a sua casa e ela simplesmente me olhou e perguntou o porquê de tanta melancolia; simplesmente comecei a chorar e ela, com seu eterno carinho, me acalmou. Amava o seu jeito de contar histórias detalhadamente, como se fosse ontem. Ela me contava como era trabalhar na roça, limpar a casa de sua mãe de joelhos, para tudo brilhar. Vovó era uma dona de casa muito prendada, fazia um delicioso feijão, pão fresco toda sexta-feira, e sempre levava um para nossa casa. E os biscoitinhos que ela adorava fazer, e os netos a comer... Lembro-me como ontem, ela fazia o almoço que, exatamente às 1130min, estaria à mesa para o seu querido João não se aborrecer. Depois do almoço, ela lavava a louça, tirava os dois longos tapetes que se encontravam na cozinha, levantava as cadeiras e limpava todos os dias a sua cozinha.

Depois de tudo limpo, o Vovô João já preparava a cuia para o chimarrão. Ela se sentava em uma poltrona, tirava a sua meia de pressão para relaxar as pernas e colocava um banquinho na frente para

apoiar os pés. Para acompanhar o chimarrão, sempre tinha o pote de vidro com bolachas salgadas e um com bolachas doces.

Algo que me marcou bastante era o carinho que a Vovó tinha com suas flores, com as suas hortênsias azuis, as rosas, e o xodó pelas dezenas de orquídeas. Sempre que começava a chover, ela corria para pegar as plantinhas e expô-las à chuva.

Quando criança, todos os domingos estávamos na casa da Vó aprontando. Pedíamos a ela panos velhos para fazermos barracas. Lembro como eu, Filipe, Ellen, Renata, Tati, Vivi e Marjorie (Jessica e Tamiris eram pequenininhas) brincávamos sem parar, e na hora de arrumar tudo sobrava para a Vovó. Mas o nosso querido Filipe, sempre de grande coração, ficava para ajudá-la. E quando realmente aprontávamos, o Filipe era o único que levava uma sardinha do Vô João. Aos domingos, também jogávamos carta “tranca” com o Vovô e a Vovó. O Vô sempre dizia que não gostava de jogar carta com criança, mas ficávamos horas e horas... E sempre que eu percebia que a Vovó ia perder, quando ela ia ao banheiro, eu colocava cartas altíssimas para ela ganhar. Ela sempre me olhava com aquele olhar doce e perguntava se eu tinha mexido nas cartas, e eu sempre dizia que não: “Não, Vó, você está com sorte mesmo”.

Vovó também era prendada em fazer suas “tiaras” de flores artificiais. Era uma pessoa muito paciente para esse tipo de trabalho.

Entre suas histórias, uma que me marcou, foi quando ela trabalhava no campo e havia levado uma pancada na cabeça. Ela me disse que o choque foi tão grande que uns dias depois ela havia perdido o cabelo. Ela nunca citou como era a relação com a mãe (Adolphina), história que eu gostaria de conhecer.

A maior felicidade da Vó era a reunião da família, seus olhos brilhavam... Que memória deliciosa da Vovó! E para finalizar sobre a minha querida e amada Vó Mathilde, quero dizer que ela, para

mim, é um anjo que nos olha até hoje e que se orgulha de quem nos tornamos.

Sobre o nosso querido Vô João, lembro-me dele sempre cantarolando, assobiando e contando piadas. O Vô sempre vinha com uma piada nova, e lembro sempre da Vó chamando-o de “porco” quando contava piadas “sujas”. O Vô era um homem que adorava comer amendoim e esconder as balas de caramelos (Toffee) e os chocolates da criançada. O Vovô João costumava dizer que a “Vétchia” (Vó Mathilde) era poliglota. Segundo os seus relatos, a Vó sabia falar alemão, polonês, francês e inglês, e se não me engano, até japonês. O Vô era uma figura!

O que me marcou bastante no Vô, era o seu amor para com a pescaria, mas comer peixe ele não comia.

Nas festas juninas o Vô sempre estava ao lado da sanfona com o Tio Paulo e o Tio Zeca, e cantava a noite inteira. Vovó sempre tímida, sempre em algum canto, conversando com alguém. Minhas lembranças da infância são muito boas e agradeço à minha querida tia Madalena, que está organizando as lembranças de cada um de nossa família para poder fazer um trabalho maravilhoso.

Agradeço a Deus por ter entrado nesta família iluminada, por mais longe que estejamos... Um dia nos reuniremos novamente, e a saudade dessas duas lindas pessoas que já nos deixaram, um dia será amenizada ao nos encontrarmos novamente na eternidade.

## **Marjorie Paes Souza**

Formada na Faculdade de Música no Canadá, local de sua residência, atua como pianista e professora do ensino fundamental, filha de Paulo Roberto de Souza e Mirian Cristina Paes.

### **A minha vovó Mathilde**

Tenho muitas lembranças boas de minha querida vovó Mathilde. Ela era muito querida por todos, muito amável, e ajudava qualquer pessoa que precisava dela. Era autora das melhores sopas na história da família Souza. Também elogio o pão que ela fazia, como o melhor do mundo. Nunca comi um pão tão delicioso quanto o dela. Um fato curioso que me lembro da minha vovó, é que ela sempre tinha a comida pronta ao meio-dia em ponto.

Lembro que, durante as férias, eu, a Jessika e a Tata (Tamiris) passamos algumas tardes na casa do fundo, onde brincávamos de casinha. Algumas vezes, brincávamos dentro da casa dos nossos avós. Ela sempre nos dava doces e bolachas. Bem, não todas as vezes, mas me lembro especialmente da balinha embalada com papel no formato de moranguinho, e conseqüentemente era de morango. Lembro que, quando eu tinha uns 6 ou 7 anos e queria aprender a jogar tranca com meus primos mais velhos, a vovó me deixou jogar com ela, e disse que outro dia, quando tivesse oportunidade, ela me ensinaria. Ela ensinou Jessika e eu a jogarmos tranca. A tranca virou um dos nossos jogos favoritos que brincamos na nossa infância. Bom, eu nunca fui de gostar de perder. Eu ficava muito brava quando eu perdia e não queria mais jogar. Mas lembro da vovó tentando me ensinar a perder. Bem, algumas vezes, quando perdia, ficava realmente brava.

Tenho uma história bem interessante sobre a vovó, e se ela não tivesse feito o que ela fez, eu nunca estaria aqui no Canadá. Ela, com certeza, é uma das razões por que hoje moro no Canadá. Tudo começou

quando a vovó deu estudos bíblicos para a minha mãe, sobre Jesus e Deus, nosso Criador. Semanalmente ela levava os estudos para minha mãe, que trabalhava na época com brechó na garagem de nossa casa. Foram vários estudos com ela. Uma senhora que frequentou pouco a escola, mas entendia muito bem as coisas espirituais. Minha mãe aceitou os estudos oferecidos por ela, e um obreiro adventista semanalmente vinha na nossa casa. Meu pai também começou a participar e, após um ano de estudos bíblicos, os dois aceitaram os ensinamentos que haviam aprendido. Eu estava com sete anos na época, e foi bem no dia do meu aniversário de sete anos, 21 de setembro de 1997, que os meus pais se batizaram como Adventistas do 7º Dia. Eu assisti a tudo; minha irmã na ocasião era um bebê de dois anos e meio. Minha mãe me disse que o papai, em um sábado, com a loja aberta, estava muito infeliz, pois não aguentava mais a vida que ele estava levando, estava cansado de trabalhar exaustivamente, de domingo a domingo. Foi nesse dia que aceitaram felizes o Sábado do Senhor. Quando eles começaram a frequentar a Igreja, muitas mudanças foram ocorrendo na vida do casal.

Eu sei que a oportunidade de ter ido estudar fora do Brasil, no Canadá e nos Estados Unidos, veio através da minha vovó, que, com muita paciência e amor, sempre dedicada a todos, sem fazer nenhuma diferença social, cor, credo, enfim, levou meus pais aos pés de Cristo e isso fez toda a diferença em nossas vidas.

Sou grata a Deus pela vida dela e do meu avô também. Se não fosse por ela, e minha priminha Jessika me chamando para ir à igreja, eu nunca teria frequentado a igreja e me interessado pela música, mais particularmente pelo piano. Se minha mãe aceitou a Deus, é porque viu Deus na vida dela, sempre.

Há uma história bíblica muito parecida com essa que te contei. Noemi era uma sogra que, com muito amor e carinho, levou sua nora

Rute para perto de Deus, e foi exatamente o que aconteceu na minha própria casa. Tenho muito mais para falar dessa mulher generosa, carinhosa, abnegada, que vivia para os seus filhos e netos, que deixou muitas saudades. Foi um choque para nós! Eu estava viajando, com minha mãe e a irmã Tamiris, para Poços de Caldas, quando recebemos a notícia. Foi um desespero, um choro dolorido demais, e um retorno para São Paulo muito sofrido. Meu pai ia contando o ocorrido, e a tristeza tomava conta de todos nós. Mas eu quero me lembrar dela dos ótimos momentos que passamos em sua casa, da companhia nos jogos de carta, da pipoca, do chimarrão, dos pastéis, das reuniões familiares, e do Natal, que sempre foi uma grande celebração para a família Souza.

### **Meu vovô João**

Uma das minhas lembranças do vovô João, é que ele gostava muito de pescar. Um dia, eu, minha prima Jessika, minha irmã Tamiris, meu avô João e meu pai Paulo, fomos pescar em uma cidade próxima de São Paulo, em um “pesque e pague”. Nós tentamos pescar a manhã inteira, e ninguém pegou um peixe sequer. Um dos pescadores que estava próximo de nós até nos deu um dos peixes que ele havia pescado, para não voltarmos com mãos vazias. Uma gentileza de um desconhecido.

O vovô João pediu para um dos empregados do lugar limpar o peixe para nós. Depois disso fomos jogar bilhar. Após algum tempo, decidimos ir embora para casa. Quando chegamos em casa, descarregamos tudo que tinha no carro. E o vovô foi pegar o peixe para ser preparado para o almoço. O problema foi que ele percebeu que tinha se esquecido de pegar o peixe na pescaria, depois que ele foi limpo. Conclusão: pagamos pelo peixe e pela limpeza, e o vovô esqueceu de pegá-lo. Todos nós caímos na gargalhada e tivemos outra coisa para a refeição do dia. Mas, apesar de nunca ter comido aquele peixe, virou uma lenda. Nunca mais vamos esquecer daquele dia e do

peixe que o vovô esqueceu no “pesque e pague”. Enfim, o vovô sempre teve o hobby de ir pescar com amigos, ou, em alguns casos, com os filhos e netos. Essa foi a primeira vez que a Jessika, a Tamiris e eu fomos pescar com o vovô João. Pesca inesquecível!

Na minha cabeça sempre vem a imagem do vovô ocupado. Cortando alguma madeira, usando suas ferramentas para consertar alguma coisa, ou indo pescar.

Outro hobby favorito do meu avô João era cantar. Ele estava sempre muito feliz quando tínhamos festa junina. Meu pai, Paulo, tocava acordeon, meu avô e o tio Zeca cantavam música caipira, quase a festa toda. Já estava me esquecendo de lhe contar algo: toda vez que o meu vovô nos visitava, ele me pedia para tocar “Tico-tico no fubá”, mas eu não sabia tocar essa música. Em um verão, meu pai insistiu para eu aprender “Tico-tico no fubá” e outras músicas populares do Brasil, e decidi finalmente aprender. Um dia, meu avô veio conversar com meu pai, e perguntou se eu sabia tocar algumas músicas populares, como samba, bossa nova, entre outras. Eu finalmente tinha aprendido, toquei algumas músicas e ele ficou muito feliz. Eu esperava ansiosa ele me pedir sua música favorita, “Tico-tico no fubá”. Ele gostava tanto dessa música, que devo ter tocado umas cinco vezes ou mais, entre uma música e outra que ele me pedia. Esse dia foi um dos últimos dias que eu tive a oportunidade de tocar “Tico-tico no fubá” no piano para ele, já que, depois dessas férias de verão, ele ficou muito doente, e infelizmente não resistiu.

Vou sempre me lembrar do meu avô como um homem muito trabalhador, guerreiro, que deu o sangue para sustentar cinco crianças nessa cidade agitada de São Paulo. Uma pessoa muito musical (já sei de quem puxei o lado musical). Nunca vou esquecer das “sardinhas”, que não doíam nada, mas ele acreditava que funcionava. Acho que ele nunca teve coragem de bater nos netos, então criou as “sardinhas”.

Vou definir o querido avô João em algumas palavras: trabalhador, guerreiro, corajoso, homem “conserta-tudo”, pescador, cantor, músico, responsável, correto, esquecido, e tenho orgulho de dizer que ele era o meu avô.

Meu maior desejo é encontrar com eles no céu e juntos sermos novamente uma grande família, como sempre fomos, pois morreram na esperança da vida eterna em Cristo.

## **Tamiris Paes Souza**

Violinista profissional e funcionária pública no setor de RH no governo federal do Canadá, filha de Paulo Roberto de Souza e Mirian Cristina Paes.

Uma das minhas lembranças mais queridas são os momentos que passávamos juntos nas festas de feriados, em que nos reuníamos no quintal da vovó. Todos os adultos ficavam juntos numa mesa grande de madeira, enquanto as crianças ficavam “na mesinha das crianças”. Celebrávamos sempre com um banquete e música em abundância. Meu pai tocava a sanfona, enquanto o tio Zeca e o vô João enchiam o peito de notas harmoniosas: “Boi Barnabé” era uma das músicas mais tocadas.

A minha festa favorita era a junina, que ocorria todo ano na casa do vô. Tinha uma mesa cheia de comida, tinha pastel, doce de abóbora, paçoca, tinha o CD de música caipira que todo ano tia Madalena levava... As crianças ajudavam a fazer as bandeirinhas. A gente também soltava balão, fazíamos uma fogueira bem grande, estourávamos bombinhas e, claro, fazíamos quadrilha. Meu pai vinha com a sanfona dele, “puxava” a quadrilha, e todo mundo participava. Era muito legal, sempre cheio de muita gente, e todos se divertiam!

Lembro-me também das tardes em que a Jéssika, a Marjorie e eu brincávamos no quintal do vô. Foi ali que elas me ensinaram a andar de patins. Tinha também um quarto com uma lousa e giz e um armário cheio de brinquedos. Nesse quarto, brincávamos de “escolinha”. A Marjorie e a Jéssika revezavam como “professora”, e iam escrevendo algo na lousa, enquanto os “alunos” copiavam a lição. Era bem divertido! A gente também gostava de brincar de “casamento”. Nós nos enfeitávamos com alguns panos brancos e as tiaras de flor que a vó fazia para a gente, e descíamos as escadas da casa da vó cantando a marcha nupcial: uma virava o padre e outra, o noivo.

No quintal do vô tinha uma pitangueira. Ah, como era gostoso colher as pitangas e depois fazer um suco!

A vô gostava de andar com a gente e mostrar o jardim de rosas dela. Ela também gostava de fazer flores de artesanato. Até hoje tenho guardada umas das tiaras que ela fez para mim!

Na casa da vô tinha sempre doce de amendoim e bolacha. Também tinha uma sopa preparada pela vovó... eita sopa boa! Era boa porque era feita com amor. Tinha macarrão, verdura, legumes, e o tempero... tudo de bom! Vovó gostava de comer ovo cozido, mas com a gema líquida e com sal, na própria casca do ovo. E é muito gostoso! Também tinha o pão: ela fazia o pão integral mais gostoso que eu já comi na vida! Nunca ninguém conseguiu fazer igual!

Vovó tinha uns jogos antigos guardados, e ela sempre brincava com a gente. Eu lembro que a gente jogava “resta um” em dupla e... nunca restava um! Mas o que a vô gostava mesmo era de jogar baralho. Todo mundo se sentava à mesa, jogava e jogava. Eu não jogava porque era muito pequena, e até hoje não sei jogar. Mas vendo, parecia ser legal...

Uma das maiores lembranças que tenho do meu vô, é que ele me ensinou a assobiar. Eu tinha muita dificuldade, mas ele teve paciência em me ensinar. Ele também cantava muito bem, gostava de pescar, gostava de bicho, alimentava alguns passarinhos no seu quintal. Sempre tinha beija-flor vindo tomar água, e ele ficava imitando os cantos dos pássaros.

E para finalizar, vamos com o clássico chimarrão. Todo fim de tarde, íamos para a casa do vô, conversávamos e tomávamos chimarrão. Tinha a bolachinha de maisena e o doce de leite. Tomávamos chimarrão numa mesinha de pedra, ao pé de um abacateiro. A conversa rolava por algumas horas e cada um ia para sua casa, guiados por alguns morcegos frutíferos que passavam por lá.

## **Filipe dos Santos Souza**

Administrador, trabalha em São Paulo, filho de José Francisco de Souza e Marilice dos Santos Souza, casado com Naiara Brasil, 2 filhos - Miguel e Maria Clara.

### **Lembranças boas da infância e do meu avô João**

Quando eu era criança, meu avô me levava para pescar na represa de Guarapiranga e na represa Billings. A festa era grande. Um dia fomos pescar, meu avô foi puxar a vara, pois tinha fisdado um peixe, e de repente caiu dentro d'água. Só risadas... escondidas dele, claro!

Uma vez, meu primo Israel foi pescar conosco. Estava ele colocando a isca no anzol, quando passou um cachorro que se prendeu na linha de pesca, e o anzol prendeu no dedo do Israel. O cachorro corria e o Israel corria atrás dele, gritando: “Solta a linha!”.

Hoje damos risada. Mas naquela época, se eu desse uma risada, levava uma bronca do vovô!

### **Lembrança de minha avó Mathilde**

Lembro que, quando pequeno, meus primos vinham de Rondônia e a casa da vovó virava uma bagunça. Ela jogava baralho com a gente, fazia bolinho de chuva, e as crianças usavam uma mesa gigante antiga, que fazíamos de casa embaixo dela.

No Natal tinha as apresentações de ballet. Eu e meu primo Israel, como éramos os únicos meninos, entramos com um ônibus feito de papelão com as bailarinas, que eram as primas. A festa era grande!

Lembro de uma vez que minha avó preparou um frango assado. Separamos a cabeça da galinha, ficamos com dó dela e fizemos até velório com direito a caixão. Todos os netos velaram a cabeça da galinha, choraram por sua morte. Mas depois, no horário do almoço, comemos a galinha e nem percebemos. Coisas da nossa infância muito feliz e divertida!

## **Ellen Cristina dos Santos Souza**

Administradora, trabalha em São Paulo, filha de José Francisco de Souza e Marilice dos Santos Souza, um filho - Lucas Souza Vidal.

### **Minhas lembranças da infância com meus avós**

Vovó tinha um coração enorme!

Eu adorava ficar na casa de vovó. Muitas vezes brincava sozinha na casa dos fundos, enquanto vovó fazia as coisas dela.

O almoço era pontual ao meio-dia, por causa do vovô. E vovô sempre fazia sua oração antes de comer. Adorava o feijão da vovó. Como era enjoada quando pequena, na maioria das vezes eu só comia o arroz com feijão e farinha. E quando dizia que não gostava do que ela tinha preparado ela sempre dizia: “Sobra mais!”

À tarde não podia faltar o famoso chimarrão da vovó. Quando não tomávamos na cuia, ela colocava nas nossas canecas de plástico. Trazia biscoito, que gostava de molhar no chá.

Aos domingos tínhamos os almoços em família. E na hora de lavar a louça, que era trabalho dos netos, todo mundo fugia! E acabava sobrando para a prima Tatiana.

Fazíamos muita arte na casa da vovó.

Tínhamos um local, no jardim da casa da vovó, para o cemitério de passarinhos, onde fazíamos coroa de flores, funeral e tudo a que tinha direito. Vovó ficava brava, pois arrancávamos as flores que ela amava e cuidava com tanto carinho para fazermos a coroa de flores.

A casa dela era sempre florida. Ela molhava as plantas de manhã e no final da tarde. Trocava os vasos, dava adubação e fazia tudo conversando com suas plantinhas!

Lembro da flor-de-maio, que só nascia em junho e julho, além das lindas orquídeas, que eram suas preferidas, as azaleias, os brincos-de-princesa e outras que não recordo o nome.

Eu adorava fazer uma barraca embaixo das mesas da vovó. Pegava os panos de chão dela para forrar e as almofadas do sofá para deixar mais aconchegante. E a melhor parte era tomar o chá da tarde dentro da barraca.

Quando os primos vinham, sempre rolava uma briga, e a vovó sempre separava as brigas e contava uma história triste e trágica para não brigarmos mais.

Nas férias de verão montávamos a piscina, jogávamos baralho com a vovó. Quando ela perdia ficava brava, mas na maioria das vezes ganhava.

Adorava fazer biscoito com a vovó, ajudar na organização dos adereços da festa junina, como as bandeirinhas, com barbante e cola caseira, feita com água e farinha.

As festas juninas eram animadas. Todos vestidos e pintados a caráter. Tinha fogueira, estalinhos, bombinhas, muita comida e bebida e, é claro, muita música ao som do pandeiro do vovô e da sanfona do tio Paulo.

No Natal, os netos faziam as apresentações de dança e as netas bailarinas (Sabrina, Renata e Viviane) faziam sucesso. Todos cantavam as músicas natalinas, e depois era o famoso amigo secreto.

A vovó adorava receber todos em sua casa, mesmo quando bagunçávamos tudo e íamos embora sem arrumar.

Sempre que os avós faziam mercado, compravam bala para os netos. Eu adorava as balas de caramelo. Era uma bala para cada um, e ela guardava no armário com chave para não comermos tudo.

Tinha as caminhadas que fazíamos com a vovó pelo bairro, e quando chegava na avenida tinha um mercadinho, onde pedíamos para vovó comprar balas coloridas, que pareciam comprimidos. Dizíamos que era nosso remédio.

São muitas lembranças boas de vovó, muitas histórias, muito carinho e cuidado. Os chás de alho, o álcool com cânfora para os machucados, a água boricada para tirar os ciscos do olho, a faca afiada para tirar os ferrões de abelha e marimbondo, e para abaixar o galo das batidas.

Agora, uma coisa que deixava a vovó brava era quando o vovô voltava da pescaria cheio de peixe, pois ele não limpava e muito menos comia o peixe. Ela ficava muito brava de ter que limpar tudo e ele nem desfrutar da comida gostosa que ela fazia com os peixinhos. E nós adorávamos brincar com os peixinhos que chegavam vivos.

A vovó sempre foi muito querida; pena que se foi tão cedo. Tenho muitas lembranças, que sempre vou guardar em minha memória e no meu coração.

## **Jessika Souza Lopes**

Formada em Educação Física, atua em escola pública estadual, filha de José Francisco de Souza e Marilice dos Santos Souza, casada com Jônatas Souza Lopes.

Lembro-me da vovó Mathilde com muito amor e carinho. Ela era uma vovó muito fofa e amável. Ela se foi quando eu ainda era bem novinha, mas as recordações são marcantes, são muitas e muito boas.

Como morávamos na casa ao lado, todos os dias eu tinha o privilégio de ver meus avós João e Mathilde. O vovô era um pouco bravo, de “pavio curto”. Já a vovó era doce e era quem apaziguava todas as situações mais tensas. Apesar do vovô ser mais “bravinho”, tudo que a vovó pedia para ele fazer para os netos ou com os netos, ele fazia para agradá-la (ela sabia pedir com jeitinho). Ele comprava balas e doces para a gente; comprava sempre um pinheiro e enfeites para montarmos todos juntos a árvore de Natal todos os anos; fazia com os netos as bandeirinhas para festas juninas e decorava todo o quintal com elas, com luzes coloridas; montava até uma grande fogueira e outras coisas mais. Eles faziam de tudo pelos netos.

A vovó fazia biscoitinhos e rosquinhas e deixava nós, as netas (Marjorie e eu), ajudarmos, e até fazíamos em formatos de bichinhos e corações. Também fazia a melhor comida, que mesmo eu sendo chata para comer, comia de tudo (legumes e verduras) sem reclamar.

Toda tarde tinha chá (para as crianças) e chimarrão (para os adultos), com biscoitos, bolos, pão caseiro e bolachas.

Nas férias, todos os netos se reuniam na casa deles. Até os que moravam mais distante (em Rondônia) vinham nos visitar. Daí, na época de Natal, ensaiávamos coreografias, encenações, danças, para apresentarmos no dia da véspera de Natal, na confraternização da família. As coreógrafas e estilistas eram as netas Sabrina e Renata.

Essa época era muito gostosa! Aproveitamos a convivência com a vovó e o vovô. A vovó ensinava a cuidar das plantas, dar migalhas de pão e milho para os passarinhos, fazer flores de cetim e leques gigantes. O vovô ensinava a fazer brinquedos com madeira, fazia balanço na árvore para a gente brincar.

As festas e encontros da família eram maravilhosos na casa deles, sempre muito animados. Muita saudade! Foram muitos momentos maravilhosos e inesquecíveis os que vivemos com a vovó Mathilde e o vovô João, que terei para sempre guardados e eternizados em minha mente e em meu coração.

## **Rebeca Zorek**

Formada em Enfermagem pela UF de Rondônia, especializada em Obstetrícia, filha de Vera Lucia de Souza Zorek Vidal e Jonas Zorek, casada com Vanderlei Ferreira dos Santos.

Lembranças do vovô!! Falar da minha vó é muito fácil, pois ela era muito doce e amável, a melhor avó do mundo!

Sinto muitas saudades dela. Ela adorava contar as historinhas de quando eu era bebê, quando me chamava de “touro sentado”, e que me dava sopinha de espinafre e mandioquinha. Eu aprendi muitas coisas com a minha “vozinha”, aprendi a fazer os leques, tiarinhas de florzinha e florzinhas de tecido.

Quando estavam chegando as férias, era uma alegria tremenda, porque íamos para São Paulo. O meu pai me fazia decorar os dez mandamentos e a tabuada todinha, e eu tinha que tirar todo o matinho da grama, mas valia a pena! Eu lembro que nós passávamos de 30 a 40 dias em São Paulo, eu e os meus dois irmãos. A minha mãe preparava as farofas, as bolachas, os doces para comermos no ônibus, pois eram 48 horas de viagem. Nossa, não chegava nunca!

Era sofrido, porém gostoso. Quando chegávamos na vovó, ela já estava preparada para nos receber com o quarto arrumado, bolos e biscoitos, tudo com muito carinho e aconchego, que só a casa de vovó tem. Como era gostoso, rever os primos e os tios para esperar o Natal! Uma semana antes se juntavam os primos e começávamos os ensaios das danças, músicas e teatros para a apresentação natalina. Nós não víamos a hora de chegar o Natal e de ganharmos os presentes, ver o papai Noel e nos confraternizarmos. Não posso deixar de lembrar dos pastéis do vovô.

Depois que passavam as festas, era só brincadeira e passeios. Tomávamos chimarrão doce com a vovó todas as tardes, e fazíamos os inesquecíveis biscoitos de polvilho. Ela colocava, nos potes de bolachas, os restos de bolo de Natal, que iam e vinham todas as tardes

para a mesa do chimarrão; nós só gostávamos das bolachas recheadas, as outras ficavam. A vovó adorava jogar cartas e sempre deixava a gente ganhar. O laboratório também fazia parte das nossas bagunças, como era gostoso brincar lá! A vovó sempre me mostrava a marca do meu pezinho na calçada. Como ela era doce e amável! Nós deixávamos a maior sujeira de papel, ela ia e limpava tudo; nunca a vovó brigou ou reclamou de nada conosco, pois eu era o dengo da vovó.

O meu vô era terrível! Adorava dar bronca e sardinhas na gente, vivia implicando com a vovó, e quando ele brigava conosco ela ainda falava: “Coitadinhas das crianças!” Nós adorávamos comer as balas dele, que ele escondia no pote de cogumelo que ficava dentro do armário. Comíamos todas as balas de caramelo e deixávamos as balas duras para ele.

Quando a vovó e o vovô vinham para Rondônia era uma alegria imensa! Nós passeávamos na cachoeira, dávamos voltinhas nas ruas, colhíamos frutas frescas no pé e verduras na horta, jogávamos cartas – era a maior festa. Foram momentos inesquecíveis, amei muito a minha vó! Foram Natais e férias inesquecíveis na casa da vovó!

Outro fato que não me esqueço são os conselhos da vovó, conselhos estes que me recordo com muito amor e carinho. Com sua simplicidade, ela conseguia atingir os nossos mais profundos sentimentos, e serão recordados para toda vida. Ela nos ligava pelo menos uma vez por mês, ressaltava a sua saudade e ansiedade para nos rever.

Eu me lembro como ela ficou orgulhosa quando eu liguei e disse que tinha passado no vestibular de Enfermagem pela Universidade Federal. Como ela ficou feliz e meu deu os parabéns. Eu não posso falar da minha infância sem falar da vovó, pois ela foi muito importante para mim e para minha história de vida.

Hoje guardo essas lembranças dentro do meu coração com muito carinho e amor. Obrigada, Vovó, por todos os momentos que passamos juntas. Aguardo a senhora na volta de Jesus para abraçá-la e matar essa saudade que tenho em meu coração!!!

## **Bárbara Zorek**

Formada em Ciências Biológicas, mora em Ourense, na Espanha, filha de Vera Lucia de Souza Zorek Vidal e Jonas Zorek, casada com José Antonio Blanco Ojea.

### **Lembranças da Vovó Mathilde e Vovô João**

Houve poucos momentos, mas extremamente especiais!

Esperávamos o ano todo para passar as férias de Natal com eles. Rever os primos, os tios, as tias, vovó e vovô era o acontecimento do ano. As aulas do semestre nem tinham terminado e as malas já estavam prontas.

Minha mãe falava tanto dos meus avós, da saudade que sentia deles, do carinho que sentiam por nós, que não víamos a hora desse encontro acontecer. Sempre que chegávamos na casa da vovó, sentíamos muito amor e ternura.

A viagem de Rondônia até São Paulo era cansativa, três dias e três noites de viagem de ônibus. Mas sempre valia a pena! O cansaço da longa viagem passava quando recebíamos aquele abraço cheio de ternura.

Não demorava muito, os primos começavam a chegar e a bagunça era garantida. Os ensaios das apresentações de Natal já começavam a ser preparados; todos davam o seu melhor para fazer bonito na noite de Natal. Era mágico, foram os melhores momentos que recordo da minha infância.

As tardes de baralho com chimarrão nunca serão esquecidas. Foi a vovó que me ensinou a jogar baralho, e eu adorava. Ela era a melhor parceira de cartas, sempre com muita paciência.

Eu adorava acordar pela manhã e ajudar o vovô a cuidar dos passarinhos dele, dávamos comida e limpávamos as gaiolas. E depois ele contava as histórias dele quando era jovem.

Além de brincar com meus primos, ajudar meus avós, ouvir as histórias, cuidar do jardim, dos pássaros, havia os passeios. Ir para a praia, visita ao zoológico, passeios no Playcenter (grande parque de diversões que existia nessa época), assistir as apresentações de final de ano de Ballet das primas, fazia parte do roteiro de férias, que sempre levarei na memória com muito carinho. E assim passávamos nossas férias, que acabavam rápido. Enfim, como tudo que é bom dura pouco, era hora de voltar para casa, e quando as aulas começavam eu contava minhas aventuras para os colegas da escola. Às vezes, eram tantas informações, que não acreditavam que era verdade.

Em síntese, foram momentos maravilhosos da minha infância e sempre guardarei no fundo do meu coração, todo o carinho dos meus avós, tios e primos.

## **Israel Zorek**

Reside e trabalha no Ceará, filho de Vera Lucia de Souza Zorek Vidal e Jonas Zorek, casado com Cirleide Silveira Nascimento.

Saudades dos meus avós. Irei falar um pouco sobre a minha avó Mathilde.

Eu só tenho boas lembranças da vovó, que foi uma pessoa muito carinhosa, atenciosa, cuidadora e protetora para com os netos.

Lembro de suas comidas deliciosas: eram simples, porém muito saborosas. Eu apreciava muito os pastéis, as macarronadas e os biscoitos que ficavam nas latas grandes.

A vovó tinha um hábito que levei para a minha vida, que é o cultivo e o cuidado com as plantas – muitas orquídeas. Minha mãe e minhas irmãs também herdaram esse costume.

Lembro das dezenas de orquídeas e como ela as amava. Essa experiência, esse cuidado, levarei por toda a minha vida.

Nos finais de ano, minha mãe, eu e minhas duas irmãs viajavamos durante três dias (Rondônia a São Paulo) de ônibus. Era uma viagem longa, cansativa e desgastante, porém quando chegávamos era só alegria.

Vovó e vovô não sabiam o que fazer para nos agradar, todos os primos, tias e tios também.

Não víamos a hora de chegar a noite de Natal. Eram só preparativos e brincadeiras. Havia ensaio da peça de teatro, do ballet das primas e irmãs, músicas de Natal, figurinos a escolher, árvore de Natal para decorar. O tio Paulo com a sanfona, nos ensaiando... era muito divertida e gostosa toda essa preparação.

Lembro do vovô João colocando as luzes coloridas no pé de manga ao lado da casa, todo “faceiro” e feliz. Enquanto não chegava o dia de Natal, todas as tardes havia a roda do chimarrão com as bolachas da vovó.

Eu e o primo Filipe fazíamos muitas travessuras, pulando as garagens igual ao Super-Homem ou quebrando “coisas”.

O vovô João dava umas “sardinhas” na gente, e a vovó sempre nos protegendo e nos acobertando.

A vovó era o equilíbrio em pessoa, sempre acolhendo todos os netos em seu quintal e nos dando um amor incondicional.

O dia 24, véspera de Natal, era ímpar: tinha amigo secreto, teatro, dança, Papai Noel, músicas natalinas – tio Paulo tocando sanfona e hinos de louvor a Deus. A família toda reunida, a mesa farta de comidas típicas e o espírito de Natal nos envolvendo. É inesquecível!

Com a perda da vovó em 1999, o Natal não era mais o mesmo. Essa união foi ficando diferente. Eu amava e amo muito a vovó e o vovô. Foram pessoas maravilhosas, que estarão sempre em meu coração. Na volta de Jesus, eu os encontrarei. Penso em vê-los no céu.

### 3. **Árvore Geneológica**

Angelo Luigi Casiraghi – linhagem materna – nascido no município de Cernusco Assinario (atual Cernusco sul Naviglio) – Milão.

Angelo e Luigia chegaram no Brasil em 1876 e tiveram 11 filhos: Maria, Josephina, José, João, Ambrósio, Carolina, Alexandre, Antonio, Domingo, Dozolina e Mathilde.

Alexandre e Adolphina tiveram 12 filhos: Guilherme, Mathilde, Teodoro, Angelo, Cecília, Nicolau, Arciso, Dermína, Elvira, Rosa, João e Otto.

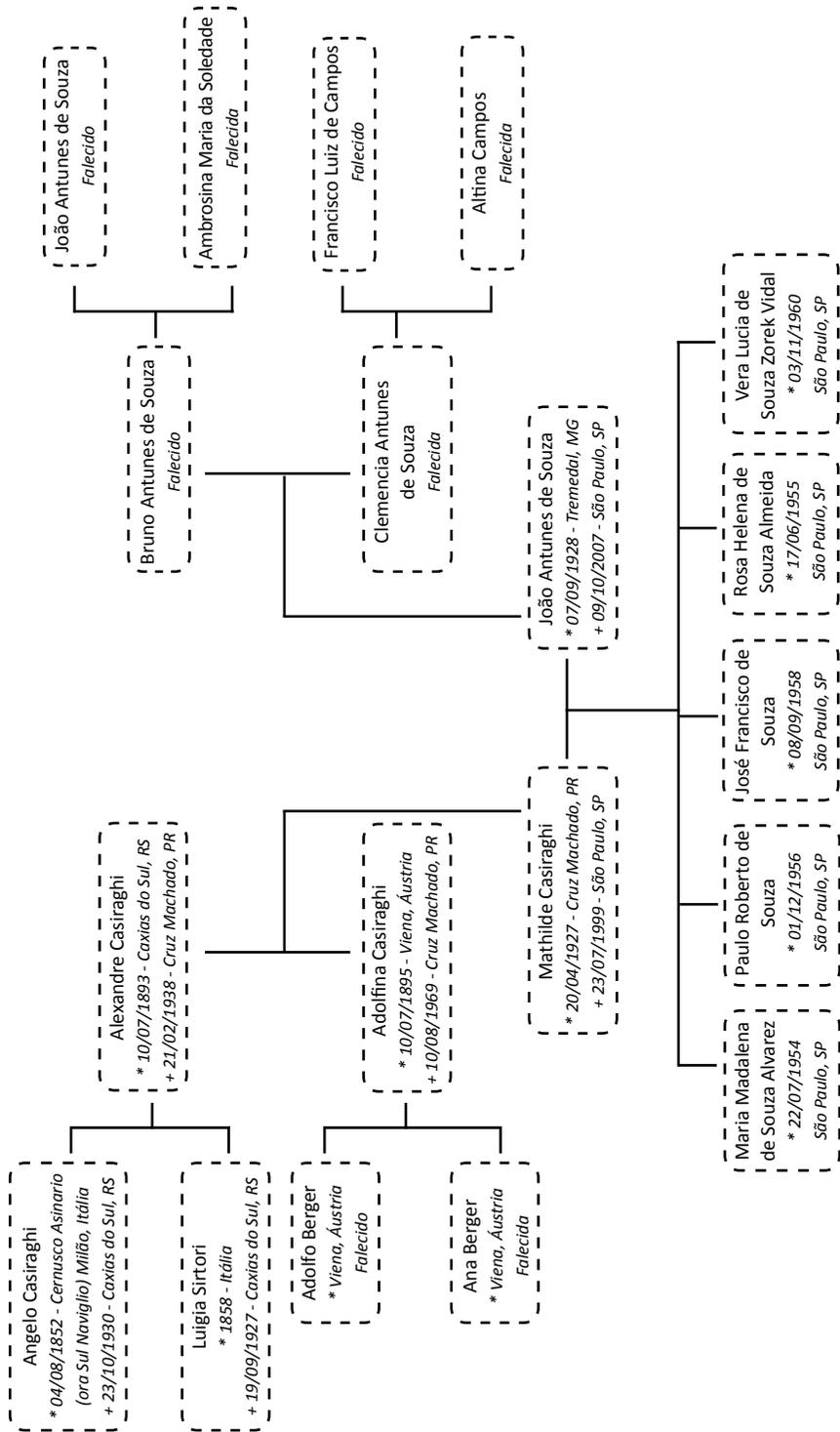
Mathilde e João tiveram 5 filhos, 12 netos e 10 bisnetos.

Filhos: Madalena, Rosa, Paulo, José Francisco e Vera.

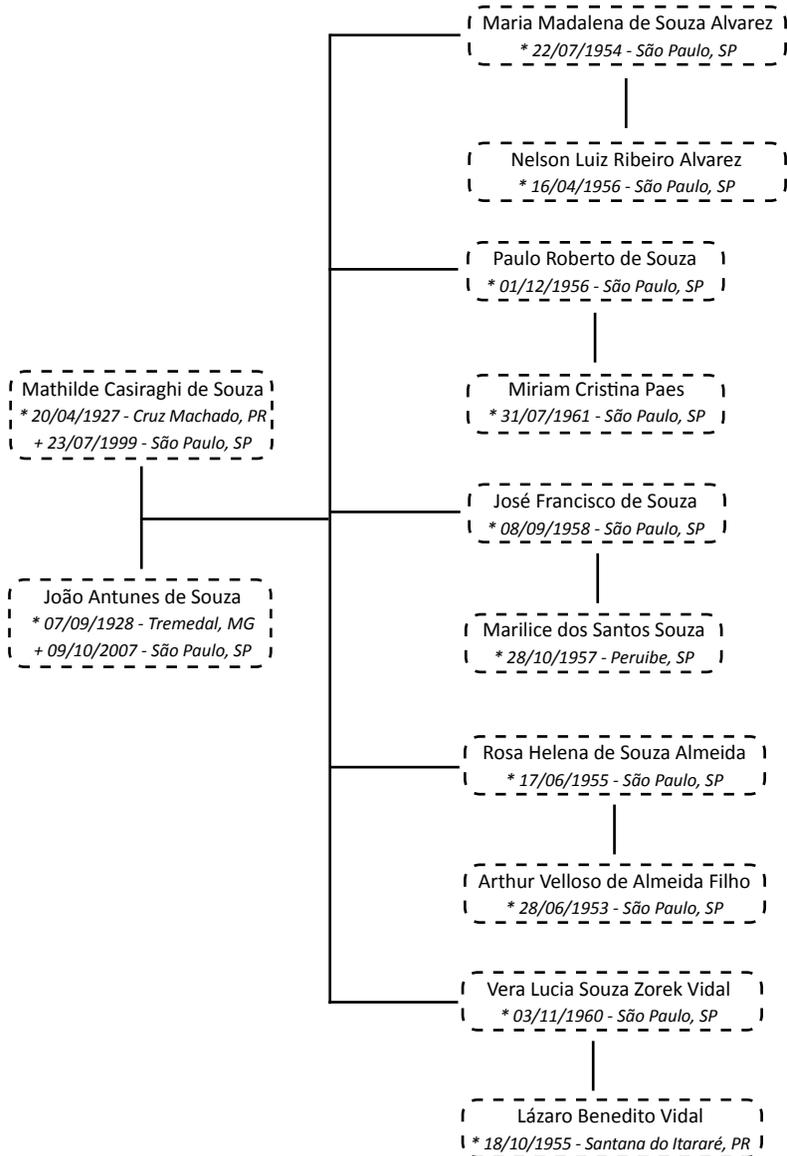
Netos: Tatiana, Viviane, Renata, Sabrina, Marjorie, Tamiris, Filipe, Ellen, Jessika, Rebeca, Barbara, Israel.

Bisnetos: Caio, Manuela, Martín, Vicente, Stella, Miguel, Maria Clara, Lucas, Gabriela, João Vitor.

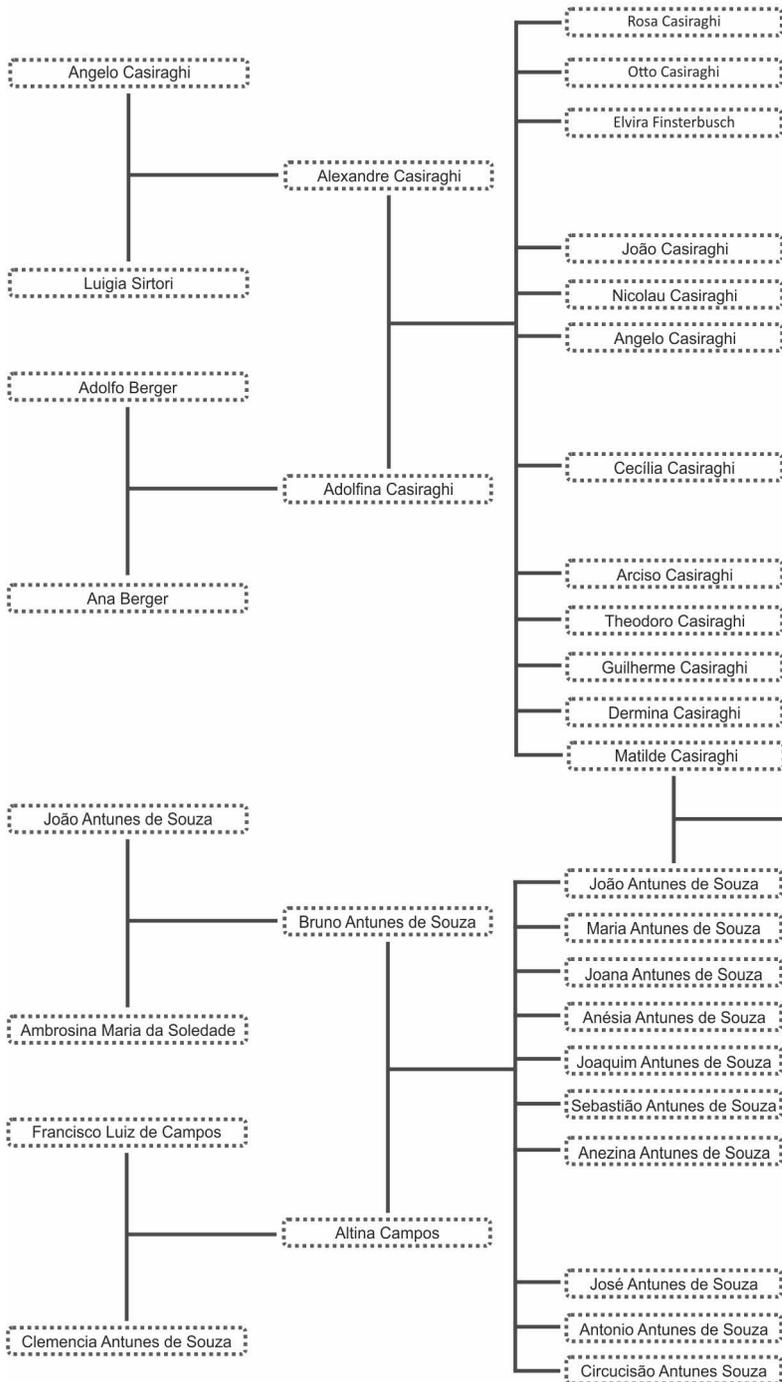
**Ascendentes – Descendentes de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza**

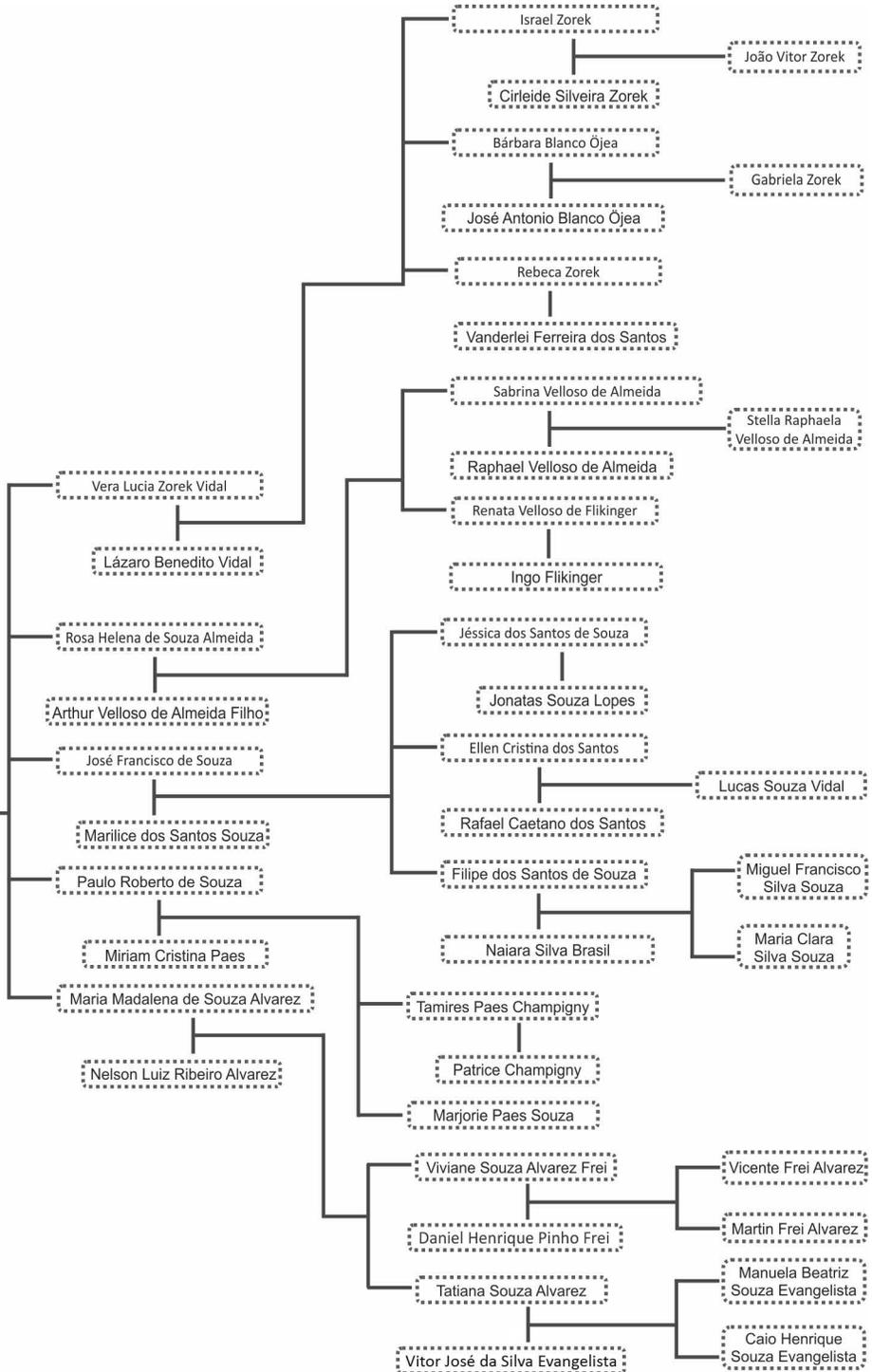


### Descendentes de Mathilde Casiraghi



Genealogia da Família Casiraghi e Souza





## **Considerações finais**

A reconstrução do passado não é somente um exercício de rememoração; é sobretudo uma questão de valor histórico de suma importância para as futuras gerações.

Ser da terceira geração desta gente cheia de tenacidade e vontade de vencer, enche-me de orgulho e responsabilidade ao resgatar a história consanguínea.

O colono de ontem trouxe consigo: a vontade de superação, a procura de novos espaços, o desejo de ser proprietário de suas terras, a busca de ser livre, o propósito de crer em si e em Deus.

Trouxe também uma história de suor, risos, cantos, danças, mãos falantes e panelas cheias que, no final das contas, ajudou a moldar a identidade dos dois povos.

Convivemos com a multiplicidade de manifestações culturais, que mesmo tendo assumido novas formas, ainda mantêm as raízes cravadas na memória daqueles que nos precederam.

O compromisso com a preservação e o resgate do passado ajuda-nos a compreender essa miscigenação de raça e cultura, onde aprendemos e assimilamos os valores éticos, morais, a fé, as crenças, as tradições e o respeito ao próximo.

No século XXI, vive-se num mundo cada vez mais conectado, inédito, incerto, complexo e, principalmente, diverso, em que as pessoas, em função dos efeitos da globalização e das possibilidades da conectividade, criam sua própria visão de mundo.

Entretanto, maneiras diferentes de enxergar a vida podem e devem ser apresentadas, e é com esse objetivo que registrei as experiências vividas pelos meus entes queridos.

Agradeço a Deus por fazer parte desta família tão linda e pela oportunidade de dividir a minha emoção e o meu amor através deste trabalho.

*M<sup>a</sup> Madalena de Souza Alvarez*  
*2024*

# ANEXOS

# ANEXO I

## HOSPEDARIA DOS IMIGRANTES

A antiga Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, recebeu a denominação Memorial do Imigrante.

### **Na cidade de São Paulo, em 1885**

De acordo com o Acervo da Casa da Imigração do Estado de São Paulo, no final do século XIX, a cidade de São Paulo recebeu grande quantidade de imigrantes: italianos, portugueses, espanhóis, alemães, belgas, sírios, libaneses, japoneses, entre outros. Por consequência da substituição da mão de obra escrava, que foi sendo substituída pelo trabalho assalariado no Brasil, a partir de 1870. (BRASIL, 2024)

A Hospedaria dos Imigrantes foi construída justamente para receber os imigrantes que chegavam ao Estado de São Paulo para trabalhar na lavoura ou nas indústrias paulistas. Foi inaugurada em 1885, no bairro do Brás, com capacidade para acomodar 1.200 imigrantes. Durante os 91 anos de funcionamento, quase 3 milhões de pessoas passaram pelo estabelecimento.

Quando um grupo de imigrantes chegava ao porto de Santos, depois de uma viagem cansativa de navio que durava, em média, 30 dias, o telégrafo enviava uma mensagem de aviso à hospedaria. Os estrangeiros subiam a Serra do Mar nos trens da São Paulo *Railway*, desembarcando na estação ferroviária junto à plataforma da hospedaria. Em seguida, eram levados ao refeitório para fazer uma refeição composta de: pão, carne, feijão, arroz, batata ou verdura, café ou açúcar. Se fosse necessário, os recém-chegados recebiam assistência médica. Depois, o regulamento interno da hospedaria, que era impresso em seis línguas, era afixado nas dependências do estabelecimento. Então os estrangeiros eram distribuídos por dormitórios que, segundo um relatório de 1908, consistiam em vastos salões perfeitamente arejados,

com divisões para famílias e solteiros, servidos de confortáveis camas de ferro, com lastros de arame, e instalados por um sistema cômodo e higiênico; possuindo também os salões, compartimentos com lavatórios e privadas para serem utilizadas à noite. Existiam oito desses salões-dormitórios, sendo seis no pavimento superior e dois no térreo, acomodando cada um deles, em média, 150 imigrantes. Há relatos de ocasiões que a Hospedaria acomodava 6 mil pessoas. **(Quadro 1 e 2)**

### **Quadro 1:** Rotina dos imigrantes

No dia seguinte, logo pela manhã, os estrangeiros eram levados ao gabinete de vacinação. Passavam por um enorme salão, onde procediam a uma rigorosa verificação dos documentos e das condições de saúde. Cada imigrante recebia um “cartão de rancho”, que lhe dava o direito de permanecer pelo prazo de seis dias na hospedaria. Se fosse constatada alguma moléstia, era possível estender o prazo de permanência.

Os imigrantes dirigiam-se ao anexo da hospedaria, a Agência Oficial de Colonização e Trabalho, onde eram firmados contratos de trabalho para a lavoura de café ou para outros núcleos. Feito isso, as famílias realizavam os preparativos e seguiam seu destino.

Entre 1882 e 1978 passaram mais de 60 nacionalidades e etnias pela hospedaria, num total de 2,5 milhões de pessoas.

#### **Informações sobre as refeições na hospedaria**

Café da manhã: 7 horas

Almoço: 11 horas

Jantar: 16 horas

Lanche: 19 horas

Leite: para as crianças fracas ou menores de 3 anos

Pão e salame: para alimentação durante a viagem, na partida

Fonte: [www.memorialdoimigrante.sp.gov.br](http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br), acessado em 06/06/2011

**Quadro 2:** Dados dos imigrantes chegados ao Brasil

Origem da imigração na década de 1882-1891	
<b>País</b>	<b>Quantidade</b>
Itália	202.503
Portugal	25.925
Espanha	14.954
Alemanha	6.196
Áustria	4.118
Rússia	3.315
França	1.922
Dinamarca	1.042
Bélgica	851
Inglaterra	782
Suécia	685
Suíça	219
Irlanda	201
Outros	483
<b>Total</b>	<b>263.196</b>

Fonte: MORSE (1970), p. 241

Atualmente<sup>33</sup>, no local funciona o Arsenal da Esperança Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, que acolhe, diariamente, 1.200 homens que se encontram em dificuldades devido à falta de trabalho, casa, alimentação, saúde e família.

<sup>33</sup>[www.http://arsenaldaesperanca.org.br](http://arsenaldaesperanca.org.br), acesso em 06/06/2011.

Quem ingressa nesta casa é acolhido dignamente e, sobretudo, recebe a oportunidade de transformar sua própria condição de vida. É fornecido dormitório, lavanderia, refeições, apoio social, espiritual, cursos ministrados pelo SENAC etc.

Fundado por Ernesto Olivero<sup>34</sup> e Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida em 1996, o Arsenal da Esperança também é lugar de encontro para os jovens e as famílias que queiram dialogar e crescer, sendo promotores de ações de paz, justiça e solidariedade.

A sede central do SERMIG e da Fraternidade da Esperança se encontra no Arsenal da Paz em Turim, na antiga fábrica de armas que milhares de jovens e pessoas de boa vontade transformaram, a partir de 1983, numa casa a serviço da paz, um lugar de oração e de trabalho, aberto 24 horas. Esta caminhada tem sido possível graças à confiança do Governo do Estado de São Paulo e da Prefeitura do Município de São Paulo.

## **Na cidade do Rio de Janeiro<sup>35</sup>**

### **Hospedaria Ilha das Flores**

Foi construída em uma ilha na Baía de Guanabara, em São Gonçalo, hoje município do Estado do Rio de Janeiro, onde, na época, havia um porto com grande movimento e também uma linha férrea que ligava São Gonçalo, Niterói, Magé e Itaboraí.

Sua criação e construção tinham o objetivo de manter os imigrantes concentrados, para que dali fossem remanejados para as fazendas, principalmente as de café, na então Província do Rio de Janeiro, onde,

---

<sup>34</sup>Ernesto Olivero nasceu na Itália em 1940. Casou-se, teve três filhos e sete netos. Trabalhou em várias indústrias e depois como empregado de banco. Em 1964 fundou o SERMIG, junto com a esposa Maria Cerrato e alguns amigos. Este grupo começou trabalhando a favor dos pobres e dos marginalizados da cidade de Turim, simplesmente tentando colocar em prática o Evangelho.

<sup>35</sup>[http://pt.wikipedia.org/wiki/hospedaria de imigrantes da ilha das flores](http://pt.wikipedia.org/wiki/hospedaria_de_imigrantes_da_ilha_das_flores), acesso 05/06/2011.

desde a Lei Áurea – lei de libertação dos escravos, a necessidade da mão de obra era grande.

Ao desembarcar, os passageiros eram instalados nas diversas acomodações existentes, onde recebiam assistência médica, faziam suas refeições, tomavam banho, alojavam-se, e ali permaneciam por alguns dias, até que pudessem tomar o rumo do novo trabalho e da nova vida. Contratadores vinham à Hospedaria e forneciam meios para a locomoção das pessoas, muitas vezes família inteiras. Esses intermediadores eram chamados de “gatos”.

Porém, muitos imigrantes vinham com a ideia de atuar no comércio ou em outras profissões das cidades grandes, e recusavam os contratos para trabalhar como simples lavradores nas fazendas. Assim, ao desembarcar, preferiam desertar da Hospedaria e instalar-se nas cidades próximas, como Rio de Janeiro e Niterói, por exemplo, porque eram lugares maiores e que atendiam às suas ambições de “fazer a América”, como sonhavam.

O primeiro livro de registros de entrada de imigrantes na Hospedaria da Ilha das Flores tem início apenas em 1877, e a série vai até 1913. Eram livros grandes, logicamente escritos a mão, e neles havia colunas para número de ordem, porto de embarque no país de origem ou de trânsito, nome, idade, sexo, parentesco dentro do grupo familiar, nacionalidade, profissão e destino.

Nem sempre, porém, todos os itens eram preenchidos, da mesma maneira que não se pode confiar integralmente nas informações contidas nessas listagens. Já encontramos uma família com pessoas de prenome Samir, Abdullah, Salime e Elias, todos anotados como alemães...

Com um movimento de desembarque intenso – navios que traziam, às vezes, mais de mil imigrantes cada, gente que tinha viajado por meses, muitos deles doentes, muitas crianças – o funcionário encarregado de tais anotações não primava por observações precisas. Certamente não

imaginava que aqueles livros seriam, um dia, uma das maiores fontes de pesquisas de que os genealogistas de hoje dispõem para encontrar seus antepassados e suas origens.

Também é preciso lembrar que os imigrantes não eram, em sua maioria, pessoas com grau de estudo elevado, muitos sendo analfabetos, a par também da grande diversidade de idiomas e de escrita, o que fazia com que nomes fossem anotados da maneira que se ouvia e o passageiro, sem conhecimento, não os corrigia. Assim, temos Masara/Masala, Saar/Sar, Saad/Sad, Lazarini/Lazarino, Zanom/Zenom, Erkhadt/Ercat, Kuhn/Cunha, Arbache/Arbex e centenas de outros.

### **Hospedaria dos imigrantes de Paranaguá - Paraná<sup>36</sup>**

Para os imigrantes que vinham para a Província do Paraná, a porta de entrada era o porto D. Pedro II, em Paranaguá. Nessa localidade, os imigrantes mais uma vez passavam por um registro, semelhante ao praticado na Ilha das Flores, no Rio de Janeiro. Depois de feito esse novo registro, os imigrantes eram encaminhados para hospedarias existentes tanto em Paranaguá, como em Antonina e Morretes. Foi no território de Morretes, situado a cerca de cinquenta quilômetros de Paranaguá, ao pé da Serra do Mar, que os imigrantes italianos formaram os primeiros centros coloniais. Esse local apresentava um solo muito fértil e água em abundância, por isso foi escolhido pelo governo para a implantação de colônias.

Apesar dessas condições favoráveis, muitos dos primeiros colonos não se adaptaram à alta temperatura e à umidade, de modo que sentiram a necessidade de emigrar para o planalto.

A princípio os imigrantes passaram a transpor a Serra do Mar com

---

<sup>36</sup>Fábio Luiz Machioski, historiador pela Universidade Federal do Paraná (2004). Atua principalmente nos seguintes temas: Imigração Italiana, Município de Colombo, Patrimônio Imaterial, Italianidade e Dialeto Veneto. [www.associaçãoitaliana.org.br/.../colonos%20morigerador%20e%20laboriosos.pdf](http://www.associaçãoitaliana.org.br/.../colonos%20morigerador%20e%20laboriosos.pdf).

suas carroças pela estrada da Graciosa, que começava em Antonina. Mais tarde (1881-1885), com a construção da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba, que passava por Morretes, os imigrantes eram facilmente transportados para planalto curitibano. Dessa forma, muitos emigraram para o planalto e fundaram as primeiras colônias perto da capital.

“No período de 1880 até 1885 foi construída uma ferrovia para conectar o planalto do Paraná com os seus portos no litoral e assim abastecer com custos menores seus produtos agrícolas, principalmente erva-mate. As obras da construção da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba começaram em 1880. A ferrovia foi inaugurada, cinco anos depois, no dia 2 de fevereiro de 1885.” (STORMS, 2016)

Os imigrantes ajudaram no desenvolvimento do Paraná. Há diversas fontes que relatam as participações dos imigrantes italianos na construção da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba, principalmente da estação de Volta Grande a Roça Nova, como pedreiros, cavouqueiros, canteiros, no preparo das minas e nas perfurações dos túneis.

## ANEXO II

# COLÔNIAS DE CONDE D'EU E DONA ISABEL<sup>37</sup>

As colônias Conde d'Eu e Dona Isabel, fundadas pelo governo provincial em 1869, começaram a desenvolver-se com a chegada dos imigrantes italianos, em fins de 1875 e início de 1876. Elas tinham um território de 16 léguas quadradas cada, situadas nos municípios de São João de Montenegro e de Lagoa vermelha. Conde d'Eu ficava à esquerda do caminho que, da colônia Maratá, seguia para o rio das Antas, confinando, ao norte e a oeste, com esse rio, e ao sul, com as terras devolutas. Dona Isabel situava-se à direita desse caminho, confinando ao norte com o rio das Antas, ao sul com as terras particulares, e a leste, com as terras devolutas. **(Figura 67)**



Figura 67: Princesa Isabel com o marido o Conde d'Eu (1919)  
Fonte: Instituto Moreira Sales, 2024.

---

<sup>37</sup>MANFROI, O. (2013) p.75.

A partir de 1876, a situação dessas duas colônias mudou radicalmente, com a chegada dos imigrantes italianos. Todos os colonos, de 72 que trabalhavam no fabrico de pano de linho, dedicavam-se à cultura de “feijão, milho, batata, fumo, mandioca, cana, lúpulo, centeio, trigo e a vinha, que era muito próspera, sendo de esperar que, em curto prazo, as duas colônias tornem-se produtoras e exportadoras de vinhos em avultada quantidade e superior qualidade”.

Conde D’Eu e Dona Isabel foram emancipadas do regime colonial em 12 de abril de 1884, juntamente com Caxias. Conde d’Eu contava com uma população de 6.306 habitantes e Dona Isabel com 9.604.

As diminutas porções de terras distribuídas aos imigrantes, a densidade populacional (em média dez filhos por família), a agricultura praticada segundo métodos tradicionais, causaram, desde o início, a busca de novas terras por parte dos filhos de italianos.

A primeira região a ser procurada<sup>38</sup>, fugindo aos critérios da precedente divisão de terras, foi Encantado. Já por volta de 1880, há um fluxo de imigrantes que se desloca das Colônias Dona Isabel e Conde D’Eu em demanda de novas terras. De Encantado, os imigrantes ou seus descendentes iniciam a caminhada em direção ao norte, nas terras além do rio Taquari, entre os rios Guaporé e Forqueta, até encontrar terras ocupadas por fazendeiros.

As denominações constantes no esquema obedecem à seguinte ordem: Antiga Colônia I (1875-1885), Antiga Colônia II (1884-1896), Nova Colônia (Encantado: 1882-1900; Guaporé: 1892-1900).

### **(Quadro 3)**

---

<sup>38</sup>FORSI, VM. (2009), p. 65.

**Quadro 3:** Colônias originais e seus desdobramentos em municípios

<b>Denominação</b>	<b>Colônia</b>	<b>Municípios em 1975</b>
Antiga Colônia I	Barracão – (Nova) Milano Caxias	Farroupilha Caxias Flores da Cunha São Marcos
	Dona Isabel Conde D’Eu	Bento Gonçalves Garibaldi Carlos Barbosa
Antiga Colônia II	Antônio Prado Alfredo Chaves	Antônio Prado Veranópolis Nova Prata Nova Bassano
Nova Colônia	Guaporé	Guaporé Muçum Serafina Corrêa Casca Vila Maria (distrito de Marau)
	Encantado	Encantado Nova Bréscea

Fonte: Adaptado pela autora Madalena Alvarez, 2024.

## ANEXO III

# CRUZ MACHADO E SEU HERÓI ANTÍOCHO PEREIRA

Depoimento do bisneto de Antíocho Pereira (Fabio Furtado Pereira):

*“Era uma cidade de indigentes no meio da floresta virgem. Cozinhava-se fora, porque dentro não havia lugar. Sentíamos-nos como sardinhas enlatadas. Quando chovia, o trabalho ao fogão era uma das tarefas mais difíceis. Forneciam-nos feijão, arroz, banha e charque de gado, muitas vezes em mau estado. Na falta de hortaliças cozinhávamos o palmito. Não era mau. Não havendo vinagre adicionávamos erva silvestre, chamada azedinho. A falta de boa alimentação, a promiscuidade e o clima adverso, frio e muito úmido, deram origem a epidemias de toda espécie. Era a escarlatina, o escorbuto, o tifo e disenteria e, mais tarde, o reumatismo que deformava os membros. A morte ceifava sem piedade, deixando desesperados os pais, irmãos e filhos desamparados. Houve dias em que eram sepultados até dez cadáveres. Não se podia vencer a confecção de caixões mortuários e era difícil o material. Eram depositados dois corpos num caixão, principalmente quando eram crianças. Não havia uma família que não chorasse a perda de alguém. E quando, sob pressão, as autoridades começaram a nos deslocar para os lotes recém-medidos, tivemos que improvisar abrigos de galhos e pensar como resolver a situação no dia seguinte...”*

Ao mencionar que as epidemias faziam devastação entre os colonizadores, aponta que Antíocho Pereira “...suruiu quando grassava a epidemia de gripe. Veio por ordem da comissão encarregada da colonização e mais tarde estabeleceu-se por conta própria, montando

*uma pequena farmácia... Salvou da morte dezenas de pessoas, inclusive meu pai. Seu trabalho era filantrópico, desinteressado, uma vez que os doentes não tinham com que lhe pagar os serviços prestados...”* (PEREIRA, 2024).

A sua atuação em Cruz Machado foi uma verdadeira missão de sacrifício. Culminou em 1918, durante a grande epidemia de gripe, que deixou um traço fúnebre à volta do mundo. De dia e de noite, Antíocho percorria as vicinias da colônia como farmacêutico, como médico, como enfermeiro. A sua atitude salvou milhares de vidas.

O drama dos poloneses que vieram morar na região de Cruz Machado, que sofreram com a absoluta falta de estrutura, somado à epidemia de febre tifoide e às ações extremas e heroicas de Antíocho Pereira, foram retratados em filme. O **Herói de Cruz Machado**, Antíocho Pereira, teve um destaque num episódio de ficção do quadro Casos e Causos, do programa Revista RPC, da RPC TV, emissora



Figura 68: Antíocho na Floresta de Araucárias – Paraná  
(Fonte: COSTA, 2015)

afiliada à Rede Globo, exibido em 16 de maio de 2010 e produzido pela GP7 Cinema, com direção do cineasta Guto Pasko. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZ MACHADO, 2016) O filme retrata que, em 1911, quase dois mil imigrantes polacos não sobreviveram a uma epidemia de tifo. **(Figura 68)**

O Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba, através do Ofício nº 416-BR/33, de 21 de setembro de 1937, assinado pelo Cônsul Józef Gieburowski, na sala do Fórum de União da Vitória, então localizado no prédio da Prefeitura Municipal, promoveu a condecoração de **Antônio Pereira**, pelo governo da Polônia, através de enviado especial, pelos relevantes serviços prestados aos colonos poloneses de Cruz Machado. O governo polonês lhe conferiu a **Ordem Cruz de Mérito**, cuja insígnia está em poder do seu bisneto Fabio Furtado Pereira. Foi uma solenidade tocante. Aquele homem de estatura pequena e tão modesto no aspecto, ia crescendo aos olhos dos assistentes, ao desenrolar da mensagem que o emissário polonês ia lendo. E a sua reação, tão simples e tão sincera como a sua própria pessoa, foi uma orvalhada do olhar que, percebia-se, voltava-se para as linhas de Cruz Machado, onde a doença, naqueles dias dolorosos, ceifava vidas. (HONESKO, 2018) Em 1930, foi nomeado Superintendente do Município de Porto União, pela Junta Militar Revolucionária, ocupando esse posto até 1933. Em 1931, inaugurou as obras no Cemitério Municipal. Foi um dos fundadores do “União Esporte Clube”, pois via no esporte uma forma de educação social.

## ANEXO IV

# OPERÁRIO PADRÃO<sup>39</sup>

A campanha do “Operário Padrão” aconteceu no período de 1970-1985. O jornal “O Globo” começou a campanha modestamente, e anos mais tarde o Serviço Social da Indústria (SESI) alia-se ao veículo de comunicação e torna-se o dono da campanha, permanecendo “O Globo” como responsável pela divulgação do concurso.

O documento foi elaborado pela liderança empresarial da época, com um texto que propunha a sintonia entre as classes, mas que não revelava as discordâncias existentes no próprio seio da classe empresarial.

O concurso envolvia várias etapas até se chegar ao vencedor final, na fase nacional. Primeiramente eram eleitos os operários nas fábricas.

Aos empregados, como contribuição efetiva à obra de conagraçamento e cooperação que se tem vista, caberá individual e coletivamente, empregar todo seu esforço no melhoramento da produção, e cooperar, por todos os meios ao seu alcance, no plano de expansão econômica do país. Para isso procurarão mais especialmente:

1. Contribuir, com ação adequada, no sentido de ser reduzida ao mínimo possível a instabilidade no emprego e a falta de assiduidade no trabalho.
2. Evitar desentendimentos prejudiciais à cordialidade que deve existir entre patrões e empregados ou trabalhadores entre si.
3. Zelar pela conservação das instalações das empresas e dos instrumentos de trabalho.

---

<sup>39</sup>TARTAGLIA, 1955.

4. Cooperar para que reine a necessária disciplina na execução do trabalho.

5. Procurar aperfeiçoar seus conhecimentos técnicos, frequentando os cursos do SENAI e do SENAC ou outros que vierem a ser organizados nas empresas.

6. Procurar incentivar a produtividade individual, fator preponderante para aumento da riqueza nacional.

As empresas aderiam espontaneamente à campanha, percebendo-se um maior envolvimento de empresas de maior porte. Escolhidos os operários das fábricas, esses participavam da escolha estadual.

Todos os operários padrões estaduais concorriam na fase nacional. Os candidatos iam para o Rio de Janeiro, onde era feita a escolha, e de lá para Brasília, a fim de serem recepcionados pelo Presidente da República.

## ANEXO V

# JÂNIO QUADROS

Nascido em 25 de janeiro de 1917 em Mato Grosso e criado em Curitiba. Faleceu em 16 de fevereiro de 1992 em São Paulo. Mandato de 31 de janeiro de 1961 a 25 de agosto de 1961.

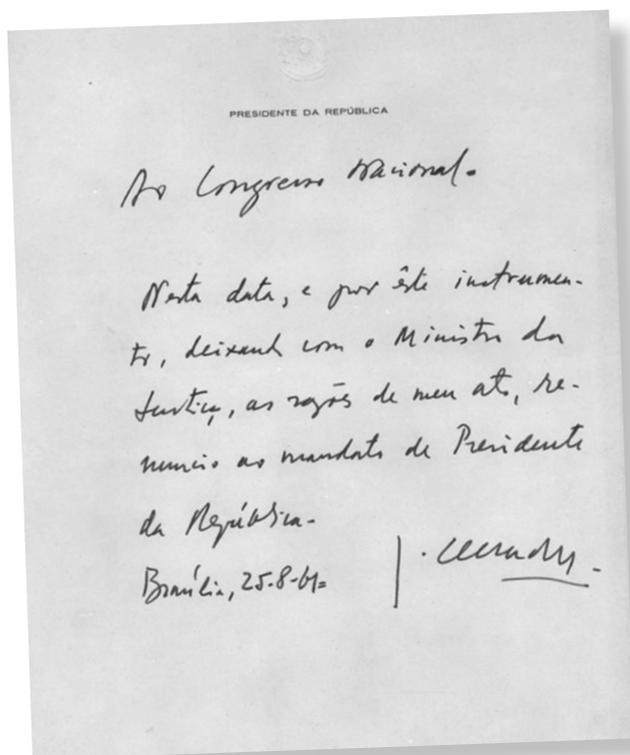
Naqueles 204 dias, o Brasil viajou numa montanha-russa monitorada por um homem de 44 anos que obedecia exclusivamente ao instinto. Ele aumentou o expediente dos servidores públicos, exonerou meio mundo, suspendeu nomeações por um ano, reduziu o orçamento das Forças Armadas e os quadros funcionais de todas as embaixadas, tabelou preço do arroz e do feijão, condenou a invasão de Cuba financiada pelos EUA, planejou a anexação da Guiana Francesa, baixou medidas de combate ao monopólio, desvalorizou a moeda, determinou ao Itamaraty que restabelecesse relações diplomáticas com a União Soviética, proibiu maiô em concurso de miss, lança-perfume, briga de galo, corridas de cavalo em dias úteis e veiculação de comerciais no cinema, brigou com a maioria dos parlamentares aliados, regulamentou a remessa de juro para o exterior, enviou o vice João Goulart à China, condecorou Che Guevara e rompeu com Carlos Lacerda, e no 207º dia de governo, renunciou à Presidência.

### **Carta-renúncia de Jânio Quadros**

Foi um governo breve, mas meteórico, que firmava diretrizes avançadas, a que, passados muitos anos, voltamos a elas, sem possibilidade real de desconhecer as motivações que as inspiravam.  
**(Figura 69)**

“Ao Congresso Nacional. Nesta data, e por este instrumento, deixando com o Ministro da Justiça, as razões de meu ato, renuncio ao mandato de Presidente da República.

Brasília 25/08/61.”



A photograph of a handwritten document on a piece of paper. At the top center, there is a circular stamp and the printed text "PRESIDENTE DA REPUBLICA". The main text is written in cursive and reads: "Ao Congresso Nacional. Nesta data, e por este instrumento, deixando com o Ministro da Justiça, as razões de meu ato, renuncio ao mandato de Presidente da República." Below this, it says "Brasília, 25.8.61" followed by a vertical line and the signature "Jânio Quadros".

Figura 69: Carta-renúncia de Jânio Quadros  
Fonte: WESTIN, 2021.

## ANEXO VI

### UNIDADE ESCOLAR

Em 1970 foi decretada a criação do ginásio. Em 1972 ela passou a chamar-se “Unidade Integrada de Ensino Prof. Renato Braga”, por tratar-se da integração de grupo e ginásio.

A escola sempre teve problemas de espaço, pois a demanda era maior que a capacidade física. No livro de atas é possível verificar que, na década de 1970, algumas salas funcionavam em salas emprestadas pela igreja local. Segundo relato da Sra. Vilma Lopes, foi a Diretora Julieta Correia Frevesben que se empenhou em procurar outro terreno para as novas instalações da escola, e foi em sua gestão (1980) que ela passou a funcionar em seu endereço atual, na Rua Arthur Bliss. Antes fora um campo de futebol, onde o pai de D<sup>a</sup> Vilma e seus amigos organizavam campeonatos para a comunidade.

Essa escola era muito conceituada na Diretoria de Ensino. Era sede das reuniões de diretores, local de atribuições de aulas, cursos de capacitações, entre outros eventos que exigiam espaço. Começou com curso primário, mas formou muitos professores em seu curso de Magistério, além de contar com Centro de Línguas. Foi considerada Escola Padrão, mas amargou um período de abandono e depredação, causado por trocas constantes em sua gestão administrativa.

Os gestores que passaram pela Unidade Escolar foram: Maria Conceição Barreto (1952-1953), Maria Aparecida Branco Dutra (1953-1957), Antônio Monteiro de Barros (1957-1958), Victalina Martins – substituição (1958-1959), Eunice Borges (1960-1961), Áureo Correa de Souza (1962-1970), Octacílio Martins (1970-1976), José Teófilo de Queiroz (1977-1978).

## REFERÊNCIAS

### 1. MANUSCRITOS – DEPOIMENTOS

BOGDAN, C. **Lembranças da infância**. Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2011.

#### FILHOS

- ALMEIDA, R.H.S. **Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza**. Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2011.
- SOUZA, J.F. **Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza**. Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2011.
- SOUZA, P.R. **Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza**. Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2011.
- ZOREK, V.L.S.V. **Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza**. Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2011.

NETOS: TAMIRIS, MARJORIE, SABRINA, RENATA, TATIANA, VIVIANE, FELIPE, ELLEN, JESSIKA, REBECA, BARBARA, ISRAEL

- SOUZA, M.P. **Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza**. Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2011.
- SOUZA, T.P. **Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza**. Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2011.
- ALMEIDA, S.V. **Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza**. Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2011.
- ALMEIDA, R.V. **Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza**. Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2011.
- ALVAREZ, T.S. **Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza**. Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2024.
- FREI, V.S.A. **Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza**. Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2011.

- **SOUZA, F.S. Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza.** Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2024.
- **SOUZA, E.C.S. Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza.** Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2024.
- **PIRES, J.S. Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza.** Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2024.
- **ZOREK, R. Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza.** Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2024.
- **ZOREK, B. Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza.** Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2024.
- **ZOREK, I. Lembranças de Mathilde Casiraghi e João Antunes de Souza.** Entrevista concedida a Maria Madalena de Souza Alvarez em 2024.

## BIBLIOGRAFIA

1. ALVIN, ZMF. **Brava Gente! Os italianos em São Paulo 1870-1920.** São Paulo: Brasiliense, 1986.
  - ARSENAL DA ESPERANÇA - Associação Assindes Sermig. **Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo.** <https://br.sermig.org/arsenais/arsenal-da-esperanza-sao-paulo-brasil.html> Acesso em junho de 2011
2. BARCZAK DJ, SZYMANEK R, FREDER SM. Igreja do Rio do Banho, Cruz Machado - PR. **Boletim TAK.** Agenda Cultural Brasil. 2020; n. 16, p. 3. Acessado em abril de 2024. <http://poloniabrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Boletim-TAK-16-julho-agosto-2020.pdf>
3. BONI, L.A.; COSTA, R. **Os italianos do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: EST EDUCS, 1984. 3ª ed.
  - BRASIL. Arquivo Nacional – MAPA - MEMÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA. **Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores (1889-1930).** <https://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/1076-hospedaria-de-imigrantes-da-ilha-das-flores-1889-1930> Acesso em junho de 2011 e maio de 2024.
4. BRASIL. **Lei N° 581, de 4 de setembro de 1850.** Estabelece medidas para a repressão do tráfico de africanos neste Império. Coleção das leis do Império do Brasil. Rio de Janeiro, 1850, v. 1, parte 1, p. 267. Rio de Janeiro, RJ: Diário Oficial da União, 1850. Acesso em abril de 2024.
5. BRASIL. **Lei N° 2.040, de 28 de setembro de 1871.** Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nasceram desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daqueles filhos menores e sobre a libertação anual

- de escravos. Coleção das leis do Império do Brasil. Rio de Janeiro, 1871, v. 1, p. 147. Rio de Janeiro, RJ: Diário Oficial da União, 1871. Acesso em abril de 2024.
6. BRASIL. **Decreto N. 6.129, de 23 de fevereiro de 1876.** Organiza a Inspeção Geral das Terras e Colonização. Coleção das leis do Império do Brasil. Rio de Janeiro, 1876, v. 1, parte 2, p. 247. Rio de Janeiro, RJ: Diário Oficial da União, 1876. Acesso em abril de 2024.
  7. BRASIL. **Lei N° 3.353, de 13 de maio de 1888.** Declara extinta a escravidão no Brasil. Legislação informatizada – publicação original. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-3353-13-maio-1888-533138-publicacaooriginal-16269-pl.html> Rio de Janeiro, RJ: Diário Oficial da União, 1888. Acesso em abril de 2024.
  8. BRASIL. **Lei No 601, de 18 de setembro de 1850.** Dispõe sobre as terras devolutas do Império. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/10601-1850.htm#:~:text=LEI%20No%20601%2C%20DE,sem%20preenchimento%20das%20condi%C3%A7%C3%B5es%20legais.](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/10601-1850.htm#:~:text=LEI%20No%20601%2C%20DE,sem%20preenchimento%20das%20condi%C3%A7%C3%B5es%20legais.) Rio de Janeiro, RJ: Diário Oficial da União, 1850. Acesso em abril de 2024.
  9. BRASIL. **Decreto N° 5.663, de 17 de junho de 1874.** Autoriza a celebração do contrato com Joaquim Caetano Pinto Junior para importar no Império 100.000 imigrantes europeus. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-5663-17-junho-1874-550343-publicacaooriginal-66255-pe.html> Rio de Janeiro, RJ: Diário Oficial da União, 1850. Acesso em abril de 2024.
  10. BRASIL. **Decreto N° 7.614, de 12 de dezembro de 1938.** Provê sobre o ensino primário. <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/29104351-plano-de-educacao-1938.pdf> Rio de Janeiro, RJ: Diário Oficial da União, 1934. Acesso em abril de 2024.
  11. BRASIL. **Decreto N° 5.788, de 18 de dezembro de 1934.** Cria o município de Getúlio Vargas. <https://leisestaduais.com.br/rs/decreto-n-5788-1934-rio-grande-do-sul-cria-o-municipio-getulio-vargas> Rio de Janeiro, RJ: Diário Oficial da União, 1934. Acesso em abril de 2024.

12. BRASIL. Ministério da Saúde. **Assuntos de A-Z: febre tifóide**. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/f/febre-tifoide> Acesso em abril de 2024.
14. BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Dados do Censo do Paraná, cidade de Cruz Machado de 2022**. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/cruz-machado/panorama> Acesso em abril de 2024.
15. BRASIL. Governo do Estado do Paraná. Secretaria da Agricultura e Abastecimento. **Prognóstico agropecuário erva-mate 2021/2022**. Vol 13, n 39. [https://www.agricultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2022-01/erva-mate.pdf](https://www.agricultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2022-01/erva-mate.pdf) Acesso em abril de 2024.
16. BRASIL. Acervo e Pesquisa. **Casa da Imigração do Estado de São Paulo**. <https://museudaimigracao.org.br/acervo-e-pesquisa/acervo> Acesso em abril de 2024.
17. CASAGRANDE, G.R. **Um cheiro de vinho: presença italiana em Gramado**. Porto Alegre: AGE, 2007.
18. CAXIAS DO SUL. Guia de Caxias do Sul. Turismo Rural. **3a Légua e Roteiro Estrada do imigrante**. <https://www.guiadecaxiasdosul.com/turismo/rural/categoria/regiao-da-3a-legua-roteiro-estrada-do-imigrante> Acesso em maio de 2024.
19. CONSULADO GERAL DA ÁUSTRIA. **Dados demográficos da Áustria**. Site advantage austria.org. Acesso em abril de 2024.
20. COSTA, I.N. **Pesos e Medidas no período colonial brasileiro: denominações e relações**. FEA, USP. 1994. <http://www.ipeadata.gov.br/doc/pesos%20e%20medidas%20no%20periodo%20colonial%20brasileiro.pdf> Acesso em abril de 2024.
21. COSTA, P.J. Postais da Coleção de Antiocho Pereira. **O interior do Paraná o início do século XX através de postais**. 2015. <https://paulodafigaro.blogspot.com/2015/11/o-interior-do-parana-no-inicio-do.html> Acesso em maio de 2024.

22. CONSTANTINO, N.M.S. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses.** Universidade de São Paulo: Tese de Doutorado em História Social, 1990.
23. DACANAL, J.H.; GONZAGA, S. **Rio Grande do Sul: imigração e colonização.** 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
24. D'ELIA, R. Parque do Progresso: conhecida como fazendinha na década de 30, Moema cresceu impulsionada pela inauguração do Ibirapuera. **Revista Veja São Paulo.** Edição especial: bairro a bairro. Reportagem: Era Assim. Edição de 02 de fevereiro de 2011, p. 5-6.
25. FONDAZIONE, G.A. **Registro de colonos do núcleo colonial de Nova Palmira, 1876-1879.** Registro no.1, Labirinto: Registro borrador dos colonos do núcleo colonial do governo aos fundos de Nova Palmira. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1989.
26. FRANCO, S.C. **Guia Histórico de Porto Alegre.** Porto Alegre: UFRGS, 1998. 3ª ed.
27. FROSI V.; MOIRANZA C. **Imigração italiana no noroeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira.** 2ª ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2005.
28. GRITTI, I.R. **Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito.** 2002. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre - RS. [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS\\_739f10efc7ea83c3a95b9f27116b0641](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_739f10efc7ea83c3a95b9f27116b0641) Acesso em abril de 2024.
29. HEFLINGER JUNIOR, J.E. **E os italianos chegaram.** Rio Grande do Norte: Unigráfica, 2010.
30. HELLER, A. **O cotidiano e a História.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

31. HERALDRYS INSTITUTE OF ROME. **L'origine del Tuo Cognome**. Piazza del Carreci. Roma, 2011. [www.heraldrys.com](http://www.heraldrys.com) Acesso em maio de 2024.
32. HOLANDA, S.B. **História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II. O Brasil Monárquico; Vol. 3. Reações e Transações**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.
33. HONESKO, M. **Há 81 anos, Antiocho Pereira recebia a Ordem da Cruz de Mérito**. Honraria dada ao farmacêutico foi concedida pelo Governo Polonês. Relação entre ele e jornal O Comércio é histórica. Vvale.com. Editorial geral. 2018. [https://www.vvale.com.br/geral/ha-81-anos-antiocho-pereira-recebia-ordem-da-cruz-de-merito/#:~:text=%E2%80%9CA%20ocasi%C3%A3o%20\(da%20entrega%20do,a%20conhe%C3%A7o%E2%80%9D%2C%-20escreveu%20F%C3%A1bio](https://www.vvale.com.br/geral/ha-81-anos-antiocho-pereira-recebia-ordem-da-cruz-de-merito/#:~:text=%E2%80%9CA%20ocasi%C3%A3o%20(da%20entrega%20do,a%20conhe%C3%A7o%E2%80%9D%2C%-20escreveu%20F%C3%A1bio). Acesso em maio de 2024.
34. IANNI, C. **Homem sem paz: os conflitos e os bastidores da emigração italiana**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1972.
35. INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL DE CAXIAS DO SUL (IDECS). Faculdade Ideau de Caxias do Sul. **Conheça a lenda do chimarrão**. <https://www.caxias.ideau.com.br/noticia/dia-do-chimarrao-um-dos-principais-simbolos-do-rio-grande-do-sul-e-comemorado-hoje/> Acesso em abril de 2024.
36. IOTTI, L.H. **Imigração e colonização: legislação de 1747 a 1915**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.
37. IOTTI, L.H. **Imigração e Poder: a palavra oficial sobre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914)**. Caxias do Sul : EDUCS, 2010.
38. INSTITUTO MOREIRA SALES. Brasileira Fotografia Digital. Coleção Dom João de Orleans e Bragança. **Princesa Isabel e Gastão de Orleans, o conde d'Eu, no Exílio em 1919**. <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/5515> Acesso em maio de 2024.

39. ITALIA. Regione Lombardia. Comune di Montevecchia. Home. Vivere il paese. **Storia del Comune**. <https://www.comune.montevecchia.lc.it> Acesso em maio de 2024.
40. LANDO, A.M.; BARROS, E.C. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul, uma interpretação sociológica**. Porto Alegre. Movimento, 1981.
41. MANFROI, O. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: UPF, 2013.
42. MARINCHESKI V. A produção de erva mate (*Ilex paraguariensis*) no contexto da agricultura familiar no município de Cruz Machado – PR. **Rev Prod Des**. 2017; n. 3: v. 1. <https://doi.org/10.32358/rpd.2017.v3.207> Acesso em abril de 2024.
43. MIORANZA C.; FROSI V.M. **Imigração italiana no nordeste do rio Grande do Sul: processo de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira**. Caxias do Sul: EDUCS. 2009, p. 24.
44. MORSE, R.M. **Formação histórica de São Paulo**. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1970, p. 241.
45. NASCIMENTO, D.; HAHMANN, C. São Paulo Antiga: 2024 a 15 anos no ar. Reportagem Início. **1968: O ano em que o bonde parou. Imagem do Bonde trafegando pela Avenida São João em meados da década de 50**. Publicado em 2018. <https://saopauloantiga.com.br/a-ultima- viagem-de-bonde/> Acesso em maio de 2024.
46. NEVES, M.S.; HEIZER, A. **A ordem é o progresso: o Brasil de 1879 a 1910**. São Paulo: Atual, 1991.
47. OLIVIO, M. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre, Grafosul. Gráfica Editora Fotogravura do Sul Ltda. Instituto Estadual do Livro, 1975.
48. PAIVA O.C.; MOURA S. **Hospedaria de Imigrantes de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

49. PELUSI S. Entrevista ao Embaixador Raffaele Trombetta: A presença italiana é o diferencial do Brasil. **Revista Comunità Italiana**. 2013; n. 174, p. 31. <https://web.archive.org/web/20150708134352/http://www.ambbrasil.esteri.it/NR/rdonlyres/B39F7474-09AB-4682-BC40-8C9C6D07EC71/0/ComunitaItalianaIntervistaAmbasciatore.pdf> Acesso em abril de 2024.
50. PEREIRA, F.F. Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. **Nossos prefeitos: Porto União: Antíoco Pereira**. <https://nossosprefeitos.blogspot.com/2011/10/antiocho-pereira-25111930-30041933.html> Acesso em abril de 2024.
51. PINHEIRO, L.S. **Processos de territorialização de variedades dialetais do italiano como línguas de imigração no nordeste do Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2024, p. 68. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102203/000922608.pdf?sequence=1> Acesso em maio de 2024.
52. PORTAL DAS MISSÕES. **Os 10 mandamentos do chimarrão**. <https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1281/10-mandamentos-do-chimarrao.html> Acesso em abril de 2024.
53. PRATI, A. Mapa e plantas RS. Fotos Antigas RS – Mapas e Plantas. **Mapa de Caxias do Sul: Colônia**. <https://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-mapas-e-plantas> Acesso em maio de 2024.
54. PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZ MACHADO. Últimas notícias. **Confira o filme “O Herói de Cruz Machado”, produzido pela RPC TV. 2016**. <https://pmcm.pr.gov.br/confira-o-filme-o-heroi-de-cruz-machado-produzido-pela-rpc-tv/> Acesso em maio de 2024.
55. ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Oikos, 1969.
56. ROCKENBACH, IF. **Dados históricos e memórias de Cruz Machado: município, paróquias, outras igrejas, imigrações, Capelinha do Paredão**. Paraná: Rockenbach, 1996.

57. RYBCZYNSKI, E. **Heróis da travessia do Atlântico**. Site São Paulo: minha cidade. História publicada em 2009. <https://saopaulominhacidade.com.br/?p=6009> Acesso em maio de 2024.
58. STORMS, M. Patrimônio Belga no Brasil. **As obras de engenharia belga na estreada de ferro Paranaguá- Curitiba**. 2016. <https://www.belgianclub.com.br/pt-br/efpc/obras-de-engenharia-belga-na-estrada-de-ferro-paranagu%C3%A1-curitiba> Acesso em maio de 2024.
59. TARTAGLIA, C. Jornal O Globo. Memória. **Operário Padrão: Campanha da Globo para ressaltar a importância do trabalhador ganha alcance nacional**. 1955. <https://memoria.oglobo.globo.com/institucional/promocoes/operaacuterio-padratildeo-9260928> Acesso em maio de 2024.
60. WEBER, R. **Do Império à cidade multiétnica: austríacos no Sul do Brasil**. Revista Brasileira de Estudos de População. 2021, n. 38, p; 1-21. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0178> Acesso em abril de 2024.
61. WESTIN, R. Agência do Senado. Arquivo do Senado. Política. Arquivo S. **Bilhete de renúncia enviado por Jânio ao Congresso**. Edição 81. 2021. <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-60-anos-congresso-aceitou-renuncia-e-abortou-golpe-de-janio-quadros> Acesso em maio de 2024.
62. WIKIPEDIA. **Dados sobre a história da Áustria**. <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ustria#:~:text=As%20origens%20da%20%C3%81ustria%20remetem,maior%20parte%20da%20%C3%81ustria%20atual.2024>. Acesso em abril de 2024.

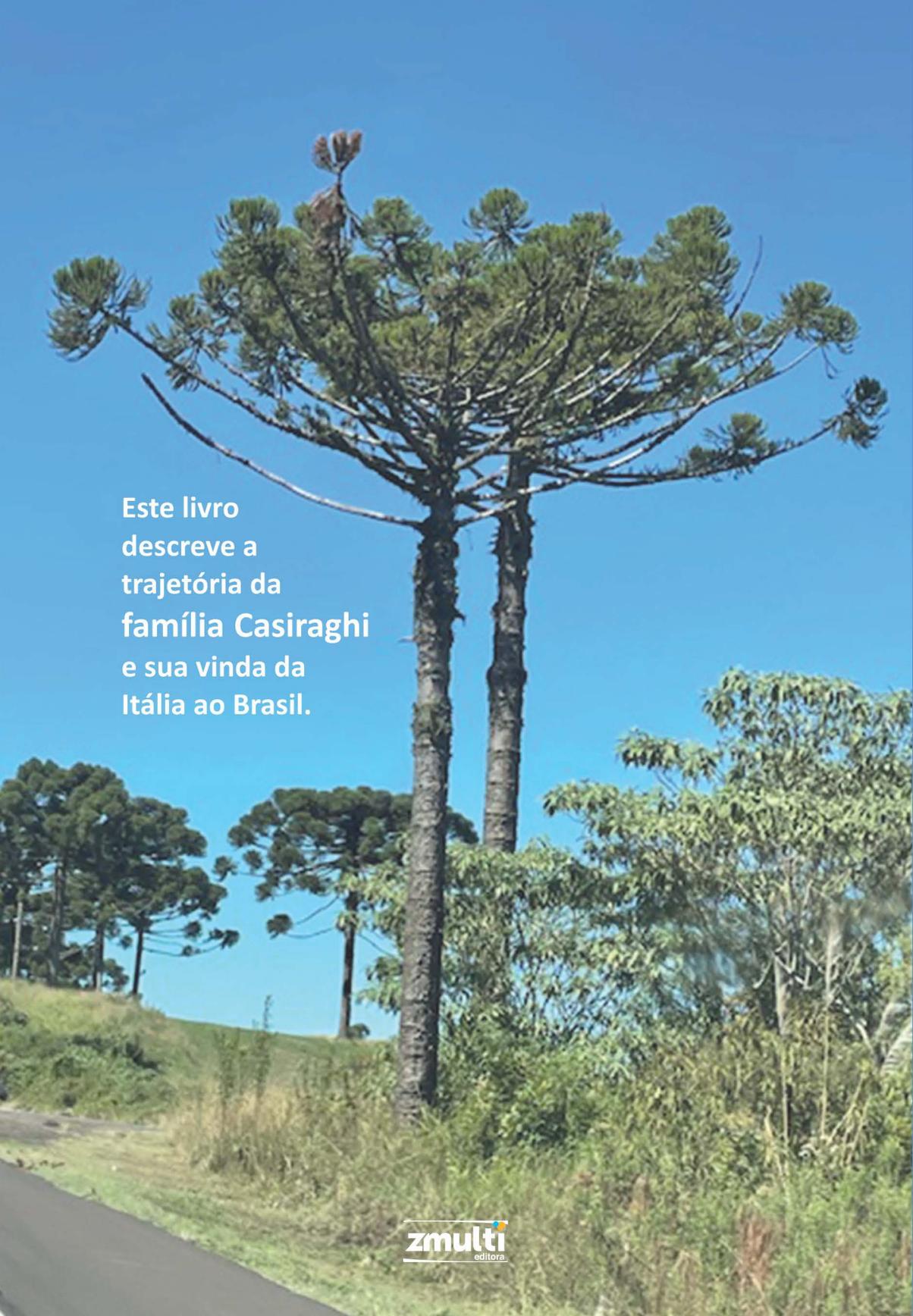


Nasci no dia 22 de julho de 1954, na cidade de São Paulo. Durante toda a infância e juventude, eu e meus irmãos moramos no bairro de Vila das Belezas, em São Paulo. Aos 22 anos me casei com meu primeiro namorado e colega do ensino médio, Nelson. Hoje, são quase 50 anos de muito amor e cumplicidade. Desse amor nasceram duas filhas maravilhosas, Tatiana e Viviane, que nos deram quatro netos (três meninos e uma menina) que nos enchem de alegrias.

Na minha vida profissional fiz duas graduações, a primeira em Ciências Sociais pelas Faculdades Integradas Alcântara Machado (FIAM) e a segunda Pedagogia pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI). Trabalhei na área financeira em empresa multinacional, e aos 47 anos me dediquei ao voluntariado na área de educação infantil.

Sempre tive muito apreço à história antiga, museus, arqueologia e antiquários. Desta forma, e por incentivo de uma sobrinha, Marjorie, resolvi pesquisar a genealogia da família Casiraghi, e foi assim que começou essa viagem no tempo deslumbrante.

**Madalena Alvarez**



Este livro  
descreve a  
trajetória da  
família Casiraghi  
e sua vinda da  
Itália ao Brasil.